



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

Faculdade de Ciências e Letras - Câmpus de Assis

JAIME FERNANDES NETO

**RELAÇÕES INTERGERACIONAIS: RESSONÂNCIAS DO
PROJETO CONVIVER É UMA ARTE**

Assis / SP

2023

JAIME FERNANDES NETO

RELAÇÕES INTERGERACIONAIS: RESSONÂNCIAS DO PROJETO CONVIVER É UMA ARTE

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestre em Psicologia (Área de conhecimento: psicologia e Sociedade).

Orientadora: Prof^a Dr^a Mariele Rodrigues Correa

Assis / SP

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Maria Luiza Carpi Semeghini - CRB 8/8301

F363r Fernandes Neto, Jaime
 Relações intergeracionais: ressonâncias do projeto
 Conviver é uma arte. / Jaime Fernandes Neto. — Assis, 2023
 122 f. : il.

 Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual
 Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
 Orientadora: Profa. Dra. Mariele Rodrigues Correa

 1. Envelhecimento. 2. Adolescência. 3. Relações
 intergeracionais. I. Título.

CDD 305.26



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Assis



ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE Mestrado de JAIME FERNANDES NETO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CÂMPUS DE ASSIS.

Aos 03 dias do mês de março do ano de 2023, às 14:00 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE Mestrado de JAIME FERNANDES NETO, intitulada **RELAÇÕES INTERGERACIONAIS: RESSONÂNCIAS DO PROJETO CONVIVER É UMA ARTE**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. MARIELE RODRIGUES CORREA (Orientador(a) - Participação Presencial) do(a) Departamento de Psicologia Social / UNESP/FCL - Assis, Profa. Dra. CAMILA CUENCAS FUNARI MENDES E SILVA (Participação Presencial) do(a) Departamento de Psicologia Social / UNESP/FCL-Assis, Profa. Dra. MEYRE EIRAS DE BARROS PINTO (Participação Virtual) do(a) Departamento de Psicologia e Psicanálise / UEL/Londrina. Após a exposição pelo mestrando e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, o discente recebeu o conceito final: APROVADO. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.


Profa. Dra. MARIELE RODRIGUES CORREA

A minha mãe, Joana, e meu pai, Izael (Chem).
Amo vocês.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente:

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Mariele Rodrigues Correa que confiou no meu trabalho, ensinou a poesia que existe no mundo acadêmico e me acolheu nos momentos difíceis – existe um Jaime antes e outro depois de te conhecer.

Às professoras, Dr^a Camila Cuencas Funari Mendes e Silva e Dr^a Meyre Eiras de Barros Pinto por todo tempo disponibilizado para orientação desta pesquisa, cujo olhar singular foi essencial para produção desta dissertação.

Aos meu pai, Izael Antônio Fernandes (Chem), e minha mãe, Joana Aparecida do Prado Fernandes, que me criaram com todo afeto e carinho do mundo. Aprendi o verdadeiro significado de amar com vocês.

Ao meu parceiro de vida, Edson Luiz Rezende Junior, pelas inúmeras vezes em que discutimos esse trabalho e me acalmou dizendo que era possível, sem você não estaria onde estou. Seu jeito único dá cor ao meu dia a dia e me faz querer evoluir.

À minha irmã e segunda mãe, Joseane Aparecida Magnani de Souza, cujo aconchego recebo sempre que preciso e quero que saiba que nunca irei esquecer das três frases que cresci ouvindo de você: te amo do tamanho do céu, você mora no meu coração e você é meu presente de Deus . Ao meu cunhado, Ivair Perpétuo de Souza, pelas risadas e seu jeito descontraído de olhar a vida. Aos meus sobrinhos, Joaquim Magnani de Souza e Valentina Magnani de Souza, ele que não larga do meu pé com suas gracinhas e me obriga a ficar horas vendo camisetas de futebol e ela com seu gênio excêntrico e jeitinho brilhante.

Ao meu irmão, Franklin Prado Socorro Fernandes que me defende com unhas e dentes e tem um coração enorme – mesmo que não transparece. À minha cunhada, Simone Alves do Nascimento Fernandes por sua perseverança e companheirismo. Aos meus sobrinhos, Ana Rosa Alves Fernandes e Eduardo Alves Prado Fernandes, ela a atleta da família e que divide o melhor gosto musical comigo e ele com sua singular afetuosidade e risada contagiante.

Às professoras Frida e Cora cujo encontro foi tão potente que até hoje ressoa em mim.

Aos alunos participantes da eletiva “Conviver é uma arte” que carrego em um cantinho especial no coração.

Aos profissionais de psicologia que foram atravessados pelo estágio “Conviver é uma arte”. Tenho orgulho de dividir minha formação com vocês.

Aos idosos do asilo que me fizeram sentir e valorizar a grande força do tempo e da idade.

Aos meus amigos de faculdade que levarei para vida. Carolina Menegassi, Érica Estevam, Iago Detregiach, Larissa Freitas, Luísa Kubo, Michael (Michel) Kang e Natália Kanashiro compartilhamos os melhores momentos no Restaurante Universitário e nos cafés entre compromissos da vida agitada em Assis.

Aos funcionários da Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Agradeço pela atenção e zelo do pessoal da pós-graduação, pela alegria e dedicação do grupo biblioteca e pela recepção e cuidado dos funcionários do Restaurante Universitário (R.U.).

Aos amigos da pós-graduação que dividiram as dores e alegrias do mundo acadêmico. Elisa Gouvêa, Roana Braga e Gabriel Catto seguiremos firme nesta caminhada.

Às grandes personalidades que tive a oportunidade de compartilhar minha caminhada me apoiando e incentivando. Carlão Pignatari, sempre me admiro ao ver seu legado e entusiasmo ao trabalhar pelo interior paulista. Karina do Carmo, mulher exemplar e profissional dedicada, fico encantado com trajetória e carisma.

E, em especial, ao Noru, que me resgatou em uma noite conturbada e desde então ronrona todo dia pedindo carinho e petiscos.

Antes de mim
Vieram os velhos
Os jovens vieram depois de mim
Estamos todos aqui
No meio do caminho dessa vida
Vinda antes de nós
Estamos todos a sós
No meio do caminho dessa vida
Estamos todos no meio
Quem chegou e quem faz tempo que veio
Ninguém no início ou no fim

(Adriana Calcanhoto – Velhos e jovens)

FERNANDES NETO, Jaime. **Relações intergeracionais: ressonâncias do projeto Conviver é uma arte**. 2023. Dissertação, Programa de pós-graduação em Psicologia, Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Ciências e Letras, Assis/SP.

RESUMO: O processo de envelhecimento populacional traz à tona alguns desafios, dentre eles a importância e necessidade de abordar a temática do envelhecer nos mais diversos espaços sociais, inclusive para diferentes idades da vida. De acordo com diversos estudiosos (LOPES, 2008; FERRIGNO, 2010, dentre outros), acredita-se que os encontros intergeracionais contribuem para a construção de um suporte positivo, de quebra de estereótipos e preconceitos de uma geração sobre a outra e processos de coeducação intergeracional, dentre outros benefícios. Assim, o objetivo geral desse estudo buscou compreender os sentidos atribuídos por professoras e por estagiários do curso de Psicologia da UNESP Assis que ministraram uma disciplina eletiva chamada “Conviver é uma arte” acerca das relações intergeracionais entre adolescentes escolares e idosos institucionalizados. A referida disciplina foi ofertada em uma escola pública do interior paulista de 2016 a 2020, em conjunto com estagiários do curso de psicologia da UNESP de Assis e duas professoras da rede pública, de Artes e de Língua Portuguesa. Ao longo desses anos, foram realizados encontros de adolescentes do ensino fundamental II com idosos asilados, além de discussões transversais sobre envelhecimento. Como metodologia da presente pesquisa, adotou-se os pressupostos da pesquisa qualitativa e utilizou-se como instrumentos de coleta de dados entrevistas semiestruturadas e um questionário. Esses instrumentos foram analisados segundo o método de Análise de Conteúdo proposto por Bardin (2009), pois, este consiste em um conjunto de técnicas e ferramentas que possibilita compreender as significações e produções de sentido existentes por trás das falas e das palavras. A partir dos instrumentos e do método de análise, chegou-se a quatro categorias: 1) antes da eletiva – escolha do estágio e criação da eletiva, 2) durante a eletiva - experiências e reflexões, 3) pós-eletiva – contribuições e 4) concepções de velhice. Os resultados apontam que: a) existe um interesse em estudar e conhecer a temática da intergeracionalidade; b) os participantes realizam um processo de reflexão individual ao sentirem que a eletiva contribui para que se tornem um ser-humano mais sensível às singularidades; c) há a criação de laços afetivos entre os estudantes e os idosos, despertando uma relação de amizade e atenção com o outro; d) há um desenvolvimento profissional para as professoras por ser a disciplina eletiva seu primeiro contato com tal temática e para os estagiários por ampliar seu futuro campo de trabalho e; e) o trabalho intergeracional corroborou nas atividades de escrita, sobre a vivência que os estudantes obtiveram junto aos idosos, principalmente por ser um momento de ouvir as histórias que eram compartilhadas. Por fim, a pesquisa aprofunda as discussões sobre relações intergeracionais e demonstra a importância de projetos como o desenvolvido na disciplina para a formação do profissional de psicologia e para os demais envolvidos.

Palavras-chave: Envelhecimento; Adolescência; Relações Intergeracionais.

FERNANDES NETO, Jaime. **Relações intergeracionais: ressonâncias do projeto Conviver é uma arte**. 2023. Dissertação, Programa de pós-graduação em Psicologia, Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Ciências e Letras, Assis/SP.

ABSTRACT: The process of demographic aging reveals some challenges, among which the importance and necessity to discuss the theme of aging in the many diverse social spaces, including for the different stages of life. According to many authors (LOPES, 2008; FERRIGNO, 2010, and others), it is believed that intergenerational contact contributes to the construction of a positive support, of breaking with stereotypes and prejudices between generations, and to intergenerational coeducation processes, among other benefits. As such, the general objective of this study aimed at comprehending the meanings that teachers and psychology interns from the Assis branch of São Paulo State University, who administered an elective course called “Conviver é uma arte”, attributed to the intergenerational relations between school teenagers and the institutionalized elderly. The course was given at a public school in the São Paulo countryside, between 2016 and 2020, by psychology interns together with two teachers, Art and Portuguese, from the public school. During these years, teenagers from ensino fundamental II met with institutionalized elders, besides the transversal discussions about aging. For the research’s methodology, the postulates of qualitative research were adopted, and semi-structured interviews and a questionnaire were used as instruments for the collection of data. These were analyzed in accordance with the Content Analysis method proposed by Bardin (2009), for it consists in a set of techniques and tools that enables the comprehension of the significations and productions of meaning laying behind sayings and words. Four categories came about from the instruments and method of analysis: 1) before the course – internship selection and creation of the course, 2) during the course - experiences and reflections, 3) post-course – contributions, and 4) conceptions of old age. The results indicate that: a) there is an interest in studying and getting to know the theme of intergenerationality; b) participants realize a process of individual reflection and they feel the course contributes to them becoming a human being more sensible to singularities; c) there is a creation of affective bonds between the students and elders, awakening a relation of friendship and care for each other; d) there is a professional development for the teachers, the course being their first contact with such themes, and for the interns, by widening their future field of work, and; e) the intergenerational work contributed to the writing activities about the experience the students had along the elders, chiefly by being a moment to listen to the shared stories. In conclusion, this research deepens the discussions about intergenerational relations, and displays the importance of projects like the one developed in the elective course for the formation of psychology professionals and to the others involved.

Key words: Aging; Adolescence; Intergenerational Relations.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Processo interativo das gerações	25
FIGURA 2: Variações que definem o conceito de geração.....	27
FIGURA 3: Nuvem de palavras-chave.....	34
FIGURA 4: Funcionamento das disciplinas eletivas.....	57
FIGURA 5: Questionário inicial aplicado aos estudantes	61
FIGURA 6: Cartolina com atividade realizada em sala	62
FIGURA 7: Atividade sobre o Profeta Gentileza.....	63
FIGURA 8: Carta 01	64
FIGURA 9: Carta 02 (frente).....	65
FIGURA 10: Carta 02 (verso)	66
FIGURA 11: Narrativa escrita por um estudante – visita da escritora.....	67
FIGURA 12: Narrativa escrita por um estudante – visita dos idosos.....	68
FIGURA 13: Atividade sobre a escritora Cora Coralina.....	69
FIGURA 14: Poemas de Cora Coralina	70
FIGURA 15: Atividade de correção de alguns relatos (frente)	71
FIGURA 16: Atividade de correção de alguns relatos (verso).....	72
FIGURA 17: Museu de Arte Primitiva de Assis	73
FIGURA 18: Obra de Ranchinho	73
FIGURA 19: Atividade aplicada em aula sobre o Ranchinho.....	74
FIGURA 20: Atividade escrita sobre a visita ao MAPA	75
FIGURA 21: Texto sobre a visita à Unesp.....	78
FIGURA 22: Marca-páginas elaborados pelos idosos	79

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Gerações da eletiva “Conviver é uma arte”	29
QUADRO 2: Resultado da busca no portal de periódicos da CAPES e na BDTD.....	30
QUADRO 3: Lista com os títulos, tipo de documento e ano de publicação	32
QUADRO 4: Verbos utilizados como objetivo.....	35
QUADRO 5: Eventos decisivos para a constituição familiar	39
QUADRO 6: Dimensões do envelhecimento no marco de uma sociedade para todas as idades	42
QUADRO 7: Unidades de registro e categorias iniciais	52
QUADRO 8: Curso de psicologia da UNESP – Assis	54

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Hábitos leitores dos alunos do 9º ano participantes da eletiva	59
GRÁFICO 2: Temáticas abordadas na eletiva	87
GRÁFICO 3: Relação com as professoras da rede pública de ensino.....	87
GRÁFICO 4: Relação com os idosos	88
GRÁFICO 5: Relação com os estudantes da rede pública de ensino	88

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CCI	Centro de Convivência do Idoso
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CRAS	Centros de Referência de Assistência Social
CREAS	Centro de Referência Especializada em Assistência Social
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MAPA	Museu de Arte Primitiva José Nazareno Mimesi
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência
PROPE	Pró-Reitoria de Pesquisa
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica
SESC	Serviço Social do Comércio
SP	São Paulo
UNESP	Universidade Estadual Paulista

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO	15
1.1. Meu primeiro contato junto à disciplina “Conviver é uma arte”	18
1.2. Organização do trabalho	21
II. EMBASAMENTO TEÓRICO	23
2.1. Considerações sobre o conceito de geração.....	23
2.2. Intergeracionalidade.....	30
2.2.1. Levantamento e comentários dos trabalhos encontrados	30
2.2.2 Definindo o conceito de intergeracionalidade.....	37
III. METODOLOGIA.....	47
3.1 Pesquisa qualitativa e instrumentos de coleta de dados.....	47
3.2 Método de análise dos dados coletados	51
3.3. Contextualização – surgimento da eletiva e instituições participantes.....	54
IV. RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS.....	80
4.1 As respostas dos estudantes egressos - análise do questionário	80
a) Antes da eletiva - estágio e objetivos.....	80
b) Durante a eletiva - experiências e reflexões	82
c) Pós eletiva - contribuições	89
d) Concepções de velhice.....	92
4.2 As respostas das professoras - análise das entrevistas	95
a) Antes da eletiva – primeiras atividades com os estudantes da educação básica.....	96
b) Durante a disciplina – trocas realizadas.....	99
c) Pós-disciplina – contribuições e experiências das trocas intergeracionais	106
V. CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	118
ANEXOS.....	121
ANEXO I - Roteiro do questionário	121
ANEXO II - Roteiro da entrevista	122

I. INTRODUÇÃO

Em 2016, duas professoras de ensino fundamental de uma escola pública paulista de tempo integral, chamada “José Augusto Ribeiro”, da cidade de Assis (SP) se interessaram por trabalhar o tema do envelhecimento com seus alunos em uma disciplina optativa ministrada no período vespertino, surgia assim uma parceria com a docente do curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), campus de Assis, a doutora Mariele Rodrigues Correa. Deu-se assim início à disciplina eletiva que ganhou o nome de “Conviver é uma arte”. Desde então, graduandos de psicologia, a docente e as professoras de Língua Portuguesa e Artes desenvolvem essa atividade que, posteriormente, se tornou também um projeto de extensão, chamado “Psicologia e Envelhecimento: atuação junto a idosos asilados sob a perspectiva grupal e intergeracional”, aprovado e cadastrado pela Pró-Reitoria de Extensão da UNESP.

No decorrer das atividades desenvolvidas na disciplina eletiva e no projeto de extensão, percebeu-se que as trocas intergeracionais se teciam de forma paulatina e muito significativas. Assim, observou-se também o quão válido seria mapear o território inexplorado do imaginário dos adolescentes acerca do envelhecimento. Portanto, na intersecção entre ensino-pesquisa-extensão, criou-se a pesquisa “O asilo, a escola e a universidade: a intergeracionalidade como potência para a promoção da vida” que teve como objetivo mapear o imaginário dos adolescentes acerca do envelhecimento, observar os desdobramentos afetivos entre idosos e adolescentes e verificar os aprendizados compartilhados. Esse estudo foi desenvolvido ao longo do ano de 2018, com financiamento da Pró-Reitoria de Pesquisa (PROPE), junto ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq).

Tal pesquisa, já finalizada, possibilitou averiguar os benefícios de encontros entre gerações, pois os alunos conseguiram refletir sobre seu próprio envelhecimento e de seus pais e familiares, além de criar vínculos com os idosos asilados, compartilhar histórias e aprendizados com os mais velhos. Ademais, o estudo demonstrou um resultado positivo no que tange trabalhar com diferentes gerações e em suas considerações finais sentiu-se a necessidade de se ampliar a pesquisa.

Como justificativa para o desenvolvimento de trabalhos intergeracionais pode-se dizer que diversas pesquisas indicam o crescimento da expectativa de vida da população tanto no mundo quanto no Brasil, que neste caso, segundo projeções feitas no ano de 2008 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), terá no ano de 2020 um total de 9,83% da população brasileira formada por pessoas com 65 anos ou mais. Outro estudo, realizado

por França, Silva e Barreto (2010) aponta que no ano de 2020 os brasileiros viveriam em média “75 anos, representando 34 milhões de idosos, ou seja, 15% da população” (p. 519).

Tais informações poderão ser averiguadas com os dados do censo IBGE 2022 que está previsto para ser divulgado entre os anos de 2022 e 2025, segundo o site da instituição (IBGE, 2022). Em ambos cenários há um número expressivo da população idosa, o que demonstra a necessidade de se implementar políticas públicas e/ou efetivar aquelas já existentes que contemplem o envelhecimento como um processo que acontece ao longo de todo desenvolvimento humano (PASSINATO e CAMARO, 2004).

Nesse sentido, algumas leis e políticas públicas no Brasil voltadas para a população idosa podem ser consideradas importantes conquistas, como por exemplo, o Estatuto do Idoso instituído pela Lei nº 10.741 de 1º de outubro de 2003 que visa proteger e garantir direitos aos idosos, o Centro de Convivência do Idoso (CCI), as atividades nos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) e o acompanhamento no Centro de Referência Especializada em Assistência Social (CREAS), este último, para casos específicos de violência e abandono contra os mais velhos. Ademais, há iniciativas como o Trabalho Social com Idosos desenvolvido pelo SESC (Serviço Social do Comércio) e as Universidades Abertas à Terceira Idade (UNATI), presentes em instituições de ensino superior públicas e privadas.

Apesar de existirem diversos projetos, programas e políticas públicas que visam atender a população idosa e promover o envelhecimento saudável e com qualidade de vida, nem sempre tais iniciativas conseguem abarcar as diferentes classes sociais de pessoas mais velhas. Portanto, para se falar de velhice é necessário atentar para o fato de que esta categoria etária não é homogênea, pois comporta uma multiplicidade de formas de ser e de marcadores sociais, como gênero, raça, condição socioeconômica entre outros. Portanto, sobre velhice, só se pode falar no plural, conforme se mencionará mais adiante.

Por um lado, a Política Nacional do Idoso (1994) e o Estatuto do Idoso (2003) trazem essa pauta em suas diretrizes, na qual ambos preconizam a “viabilização de formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso, que proporcionem sua integração às demais gerações” (BRASIL, 1994, p. 6) e a participação social dos idosos na transmissão de conhecimentos e vivências aos demais com o intuito de preservação da memória e das identidades culturais (BRASIL, 2003).

Por outro lado, no que tange ao direito da criança e ao adolescente à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer; o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no artigo 58 do capítulo IV, defende que “no processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e

históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a liberdade da criação e o acesso às fontes de cultura” (BRASIL, 1990, p. 24).

Nesse âmbito, a produção de conhecimentos sobre as relações intergeracionais, desde das primeiras interações, se mostra como uma importante ferramenta para se construir programas que abrangem e beneficiem as diferentes populações. Portanto, vê-se o desenvolvimento desta pesquisa de mestrado como uma oportunidade de conhecer mais de perto a disciplina eletiva “Conviver é uma arte” que une esses grupos num processo de intercâmbio de experiências.

Assim, ao idoso é possibilitada a rememoração de sua vida, uma vez que, a “memória é o elo com o passado e com as histórias das gerações passadas. Entretanto, é necessário encontrar ouvidos atentos ao que o velho tem para contar, a fim de que sua vida tenha sentido” (LIMA, COELHO e GÜNTHER, 2011, p. 265) e ao adolescente, é instigado questionar-se sobre seu futuro, o que, conseqüentemente, reflete no envelhecimento que terá para si (LIMA, COELHO e GÜNTHER, 2011).

Como objetivo geral, este estudo busca compreender os sentidos atribuídos pelas professoras e pelos estagiários da disciplina “Conviver é uma arte” acerca das relações intergeracionais entre adolescentes participantes da eletiva e dos idosos institucionalizados. Como objetivos específicos, elenca-se:

- a) Investigar o imaginário de velhice das professoras que iniciaram a eletiva.
- b) Investigar o imaginário de velhice dos estagiários do curso de Psicologia da Faculdade de ciências e Letras – UNESP, campus de Assis, pertencentes à disciplina de 2016 a 2020;
- c) Averiguar as ressonâncias da participação dos encontros intergeracionais com a formação profissional dos sujeitos.

Elencam-se como perguntas norteadoras as seguintes indagações: a) quais são os sentidos atribuídos pelas professoras e pelos estagiários da disciplina “Conviver é uma arte” acerca das relações intergeracionais entre adolescentes participantes da eletiva e idosos institucionalizados?; b) quais as ressonâncias dos encontros intergeracionais, bem como, das experiências oriundas dos mesmos, para a formação profissional dos sujeitos envolvidos na disciplina?

1.1. Meu primeiro contato junto à disciplina “Conviver é uma arte”

Nos últimos meses de 2017, quando cursava o terceiro ano da graduação, participei como voluntário na administração do projeto “Universidade Aberta à Terceira Idade” (UNATI), da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, campus de Assis, o qual promove cursos e oficinas direcionados para um público acima de 50 anos com o objetivo de inserir a população idosa no espaço universitário e promover uma colaboração de ambas as partes.

Tal experiência foi decisiva para as futuras escolhas dos estágios específicos da graduação, pois devido ao contato com a UNATI, acabei optando pela Ênfase Desenvolvimento Humano e Processos Educativos no núcleo de “Envelhecimento e Processos de Subjetivação”, com supervisão da professora Dr^a. Mariele Rodrigues Correa, tal fato tornou-se decisivo para meu estreitamento com a temática envelhecimento.

Adentrando ao estágio específico, “Envelhecimento e Processos de Subjetivação”, acabei assumindo a pesquisa “O asilo, a escola e a universidade: a intergeracionalidade como potência para a promoção da vida”. A priori, fui invadido por um misto de animação, curiosidade, confusão e perguntas que rondavam a minha cabeça, tais como: O que iria fazer em uma escola de ensino fundamental II se meu tema era sobre envelhecimento? Como esse tema poderia tocar crianças e adolescentes ainda mais trabalhando com professoras de Língua Portuguesa e Artes?”

Enfim, mesmo com a cabeça a mil e um leve frio no estômago aceitei o desafio e chegou o dia do tão esperado primeiro encontro com os alunos. Em conjunto com outros colegas, entramos no carro da professora Mariele e fomos em direção à escola com uma conversa leve para quebrar o gelo. Em alguns momentos, ela foi retomando os lembretes sobre nossa atividade, uma vez que, uma característica deste estágio em relação aos outros era que todos os estagiários estavam no quarto ano e todos os participantes do ano anterior tinham se formado no curso, o que fez ser necessário um acompanhamento inicial mais próximo por parte da prof^a Mariele.

Adentramos à escola e fomos muito bem recepcionados pelas professoras de Artes e de Língua Portuguesa que nos guiaram até a sala de aula. Neste momento, o sinal já tinha tocado e os alunos estavam sentados, percebi um burburinho se alastrando na medida em que recebíamos olhares e um mundo mistificado se materializa: o pessoal da UNESP.

As professoras da escola fizeram uma breve apresentação que foi seguida por falas da prof^a Mariele e dos demais, em seguida cada aluno começou a dizer seu nome, posteriormente, nos despedimos da prof^a Mariele e deu-se início a aula, cada estagiário se dirigiu para um canto da sala e as professoras começaram a apresentação da disciplina eletiva

e os acordos iniciais. Em seguida, foi distribuído um questionário sobre as percepções dos alunos sobre o envelhecimento e nos dividimos pela sala para conhecer os mesmos e ajudar na compreensão das questões quando necessário.

Nesse momento acabei me soltando mais e senti que consegui estar realmente presente na atividade. Conversei, ajudei e comecei a conhecer um pouquinho de cada uma daquelas histórias, a hora passou que nem percebi. Fui embora mais calmo, ainda sem entender muito bem tudo aquilo, só sabia que por algumas horas estive à disposição dos alunos e os escutei. Hoje, sei que foi neste primeiro dia que comecei a entender ‘na pele’ a importância de estar presente para o outro, do ato de escutar e que tantos anos de estudos teóricos sobre a psicologia começaram a se concretizar.

Deu-se início uma trajetória cuja tonalidade ficou mais intensa devido à adrenalina de determinados momentos em que os problemas surgiam, tanto na preparação e organização quanto no encontro, esses que mais demandavam um conjunto de rapidez, discipulação, conhecimento e trabalho em grupo. Vale ressaltar a importância que foi dada à dinâmica do grupo - incluindo as professoras - naquele primeiro ano, os erros cometidos possibilitaram que uns confiassem nos outros. Lembro-me que todos tomaram a frente da eletiva ao longo do ano e que, principalmente, nas situações de maiores entraves com os alunos cada um se colocava em uma posição específica para resolver da melhor forma possível e que, para isso, não era preciso muitas palavras.

Nesse cenário, surgiu a oportunidade de assumir a pesquisa “O asilo, a escola e a universidade: a intergeracionalidade como potência para a promoção da vida” que, como apresentado na primeira parte da introdução, foi desenvolvida ao longo do ano de 2018, com financiamento da Pró-Reitoria de Pesquisa (PROPE), junto ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) e teve como objetivo mapear o imaginário dos adolescentes acerca do envelhecimento, observar os desdobramentos afetivos entre idosos e adolescentes e verificar os aprendizados compartilhados.

Naquele momento, os desdobramentos do projeto na escola foram significativos tanto em minha vida pessoal quanto profissional. Percebi que meu trabalho fazia a diferença para aqueles idosos asilados e para os adolescentes que integravam as atividades, e que dos encontros organizados surgiam afetos para além da sala de aula.

Surgiu o desejo de tecer uma pesquisa de mestrado que possibilitasse aprofundar meus estudos sobre a intergeracionalidade e ter um contato mais próximo com os idosos e adolescentes com quem já convivía, visto que por mais que eu tivesse um contato assíduo, ainda era necessário lidar com outras demandas da graduação. Sentia - e ainda sinto - que há

muito que aprender sobre intergeracionalidade e que aquele espaço era rico em conhecimentos.

Meu objetivo principal era fazer do convívio na escola e no asilo algo rotineiro e diário, me envolver em tantos outros projetos que o ensino integral disponibilizasse e estar presente no cenário do asilo mesmo que poucas horas todos os dias, para isso conversei com as respectivas responsáveis pelas instituições e dei início às documentações necessárias para tal. Estávamos no começo do ano de 2020 e eu tinha expectativas de que tudo começaria a funcionar logo após o carnaval, em conjunto com a retomada das atividades da UNESP.

Entretanto, começou a crescer uma notícia sobre uma nova doença que tinha uma alta taxa de contaminação e teve seu início no final de 2019 em Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. O mundo ficou em alerta, porém as atividades rotineiras de diversos setores continuaram sem conseguir absorver e reagir ao que acontecia de forma apropriada, visto a velocidade com que os cenários mudavam.

O carnaval passou. Fiquei uma semana na escola. Os documentos estavam assinados. Foi feita a primeira reunião com os novos integrantes e apareceu a notificação do primeiro caso da doença no Brasil. A escola informou que os estagiários, de todos os grupos e principalmente da UNESP, deveriam suspender suas visitas por alguns dias, ainda mais por que se trata de uma universidade estadual com estudantes do país inteiro, o que parecia - naquele momento e confirmado posteriormente - propício para disseminação da COVID-19.

O que se pôde observar com a pandemia foi que as escolas e os asilos foram suspensos por curtos períodos de tempo que se renovavam através da análise contínua da situação pandêmica no país. No início, acreditávamos que tal modo operante iria ser sustentado por poucas semanas ou meses e que logo se retornaria às atividades presenciais, mas com o avanço da doença sobre o país foi preciso readaptar diversas vivências.

No que tange a pesquisa, se fez necessário pensar em novas estratégias, por isso foi aplicada uma entrevista teste com uma aluna, participante da eletiva em anos anteriores, para analisar a viabilidade do projeto e averiguar as possíveis dificuldades. Logo no começo, em decorrência do fechamento da escola e da retomada das atividades como ensino remoto *online*, a busca pelos alunos que participaram da eletiva nos anos de 2016 a 2019 foi árdua. Foi necessário tentar o contato através de diversos números telefônicos e, quando possível, visitas à residência dos responsáveis, tendo discussões contínuas com as professoras para pensar abordagens para com os alunos.

Ao conseguir estabelecer contato adequado com adolescentes e responsáveis, foi possível realizar uma das entrevistas agendadas de forma remota, para a realização da

entrevista foi necessário remarcá-la três vezes. Nesse momento, outras dificuldades se tornaram visíveis, a entrevistada dividia sua atenção com um sobrinho menor que cuidava todas as tardes, ocorria um travamento e *delay* na internet da aluna, o que fez com que algumas perguntas se perdessem ao longo da entrevista e, ao final, a internet caiu tendo uma pausa de 10 minutos até reconectar.

Com tais informações, pedi ajuda à Prof^a Mariele e ao grupo de pesquisa de orientandos da pós-graduação, após leitura do projeto, exposição do cenário e o compartilhamento das angústias, visto que todos ali presentes estavam sendo afetados pela pandemia tanto em suas vidas pessoais como em suas pesquisas. Decidi mudar a pesquisa para a perspectiva dos estagiários de psicologia e das professoras criadoras do projeto, trazendo uma complementação ao que já tinha sido produzido até então.

Embora esta pesquisa de mestrado tenha sofrido alterações, mantêm-se sua importância para a área da psicologia, especialmente, aos estudos sobre intergeracionalidade a fim de compreender as experiências de dois grupos de participantes, estagiários universitários e professoras da educação básica, de uma disciplina que permitiu o contato de adolescentes e idosos asilados. No momento em que escrevo, há um hiato na disciplina “Conviver é uma arte”. Espero que novas edições sejam ofertadas e que continue como um rico espaço de conhecimento para a área da psicologia.

1.2. Organização do trabalho

A presente pesquisa está dividida em cinco capítulos, sendo o primeiro esta introdução com a apresentação da disciplina e o primeiro contato do pesquisador com a escola e o asilo. Destacou-se as mudanças ocorridas no desenvolvimento da pesquisa devido à pandemia do coronavírus, a opção por trabalhar com os estagiários do curso de psicologia e as professoras da rede pública e os objetivos da pesquisa.

O segundo capítulo corresponde ao embasamento teórico que sustenta a pesquisa. Nele, optou-se por num primeiro momento abordar o conceito de geração a partir das ideias de diferentes autores e, posteriormente, discute-se o que se entende por intergeracionalidade por meio de um levantamento bibliográfico no portal de periódicos da CAPES e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) entre os anos de 2000 a 2020 e a leitura das produções encontradas.

O terceiro capítulo é dedicado à metodologia da pesquisa, explica-se a concepção de pesquisa qualitativa utilizada no desenvolvimento da mesma, os instrumentos de coleta de dados e o método de análise a partir da análise de conteúdo criando categorias que

permitissem responder às perguntas norteadoras propostas. Ainda neste capítulo, apresenta-se uma descrição da disciplina eletiva “Conviver é uma arte”, da escola, do asilo e do início das atividades.

O quarto capítulo é dedicado à análise das respostas obtidas no questionário enviado aos estagiários e das entrevistas realizadas com as professoras, de Língua Portuguesa e de Artes. Por um lado, as respostas do questionário foram divididas em quatro categorias, antes, durante, depois do estágio e reflexões oriundas destas experiências. Por outro lado, as transcrições das entrevistas das professoras seguiram as mesmas categorias e apresentaram pontos que permitiram estabelecer coincidências e reflexões sobre as experiências vivenciadas.

Por fim, o quinto capítulo apresenta as considerações finais desta pesquisa de mestrado e alguns pontos que ficaram em aberto para a realização de novos estudos, a continuação deste trabalho intergeracional e para a escrita de artigos / trabalhos acadêmicos. Vale destacar que as considerações finais demonstraram a partir de toda a análise as experiências mais marcantes para os estagiários e para as professoras, suas concepções de velhice e como participar da disciplina influenciou em suas formações profissionais.

Além destes cinco capítulos apresentam-se também as referências bibliográficas utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa e dois anexos com as perguntas do questionário e um roteiro de entrevista semiestruturada. Dessa forma, passa-se para o embasamento teórico da pesquisa.

II. EMBASAMENTO TEÓRICO

2.1. Considerações sobre o conceito de geração

Neste capítulo buscou-se definir o conceito de geração, uma vez que, “diferentes grupos etários vivenciam tempos interiores diferentes em um mesmo período cronológico” (WELLER, 2010, p. 209) e “não há sociedade que prescinde da transmissão cultural, que se faz de geração a geração, e na qual não haja diferenças intergeracionais” (BORGES e MAGALHÃES, 2011, p. 171). Como uma primeira definição, pode-se dizer que:

A geração reúne pessoas que, nascidas numa mesma época, viveram os mesmos acontecimentos históricos e partilham de uma mesma experiência histórica. Essa experiência comum dá origem a uma consciência que permanece presente ao longo do curso de suas vidas, influenciando a forma como os indivíduos percebem e experimentam novos acontecimentos (BORGES e MAGALHÃES, 2011, p. 172).

O que caracteriza esse tempo para cada indivíduo é a classe, ou situação de classe, que ele ocupa e sua forma específica de viver e pensar em decorrência disso. Weller (2010, p. 211) reforça que “o pertencimento a uma geração não pode ser deduzido imediatamente das estruturas biológicas”. Em outras palavras, o fato de determinados indivíduos terem nascido em um mesmo período histórico os fará avançar “juntos”, porém não é suficiente para concluir que estes constituirão uma geração.

Desse modo, entende-se que ao pertencer a uma determinada geração as pessoas estariam mais predispostas a pensar e a experimentar o mundo de um modo similar, desde que, se considere outros marcadores sociais como a classe, o gênero, a raça etc. Portanto, concorda-se que:

O tempo que separa as gerações não é mais tomado como o tempo quantitativo, cronológico, mas sim como o tempo qualitativo, o tempo que é vivido e que constitui cada indivíduo. Com isso, entende-se que, mesmo que diferentes gerações vivam num mesmo tempo, todas elas na verdade vivem em eras subjetiva e qualitativamente diferentes (BORGES e MAGALHÃES, 2011, p. 173).

E essa vivência de diversos grupos (de gerações diferentes) num mesmo momento permite que haja trocas entre elas, aprendizagens e conflitos. Segundo Domingues (2002, p. 70):

Gerações se definem primeiramente por compartilharem uma posição biológica – nascimento e morte, sem que possam ser todavia reduzidas a isso. Sua articulação social é obviamente decisiva. Em primeiro lugar se põem como “locais geracionais” (Generationslagerung), inertes e estruturais,

possibilitando que se compartilhem posições sociais – de modo semelhante às classes no que tange à estrutura econômica e de poder.

Assim, para ser configurada como uma geração, os sujeitos de um dado tempo histórico e social devem compartilhar entre si suas experiências, além de ““discursos” específicos, com o que as gerações podem “identificar e se localizar no processo histórico” através de sua “autotematização”” (DOMINGUES, 2002, p. 71, grifos do autor). Logo, tais sujeitos “para pertencerem a uma geração, devem ter em comum uma mesma situação sócio-histórica ou uma mesma condição de existência que norteie e delimite (evidentemente, de forma desigual) suas possibilidades de acesso aos bens materiais e simbólicos disponíveis nas sociedades” (TOMAZIKI, 2010, p. 333).

Weller (2010), pautada em Mannheim, ainda menciona os elementos que caracterizam as gerações como processos dinâmicos e interativos, são eles: 1) o constante surgimento de novos portadores de cultura; 2) a saída constante dos antigos portadores de cultura; 3) a limitação temporal da participação de uma conexão geracional no processo histórico; 4) a necessidade de transmissão constante dos bens culturais acumulados; 5) o caráter contínuo das mudanças geracionais (MANNHEIM, 1964, p. 530 *apud* WELLER, 2010, p. 211).

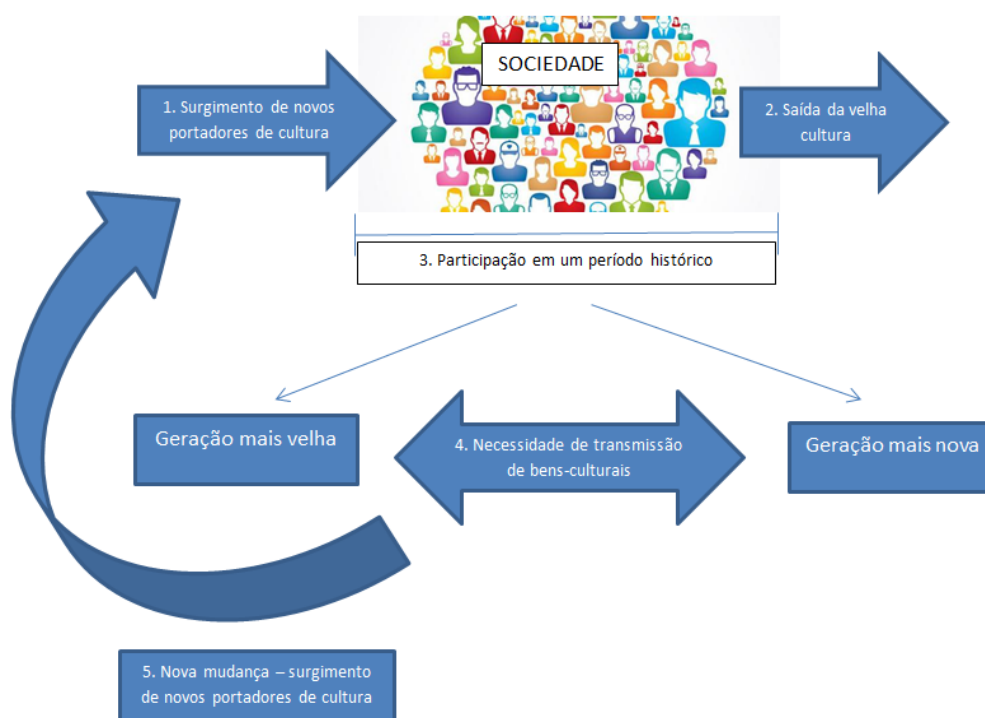
O primeiro elemento refere-se à juventude como responsáveis pela dinamicidade da sociedade fazendo com que se esqueça do que já não é útil. Sobre o segundo elemento, Weller (2010, p. 212) diz que para Mannheim a saída dos antigos portadores da cultura “suscita a memória ou a recordação social, tão importante quanto o esquecimento daquilo que deixou de ser significativo ou necessário”.

Abordando esses dois primeiros elementos, Domingues (2002, p. 72) menciona que “para a continuidade e renovação da vida social o esquecer é tão importante como o lembrar”. Já Magalhães (2014) acrescenta que esse processo de renovação desencadeia a preocupação de se calcular o tempo médio de uma geração para saber quando esta seria substituída, principalmente, a fim de entender como a tradição pode continuar sendo mantida. Em continuidade, Weller (2010) explica que o terceiro elemento:

De acordo com Mannheim, não basta haver nascido em uma mesma época, ser jovem, adulto ou velho nesse período. O que caracteriza uma posição comum daqueles nascidos em um mesmo tempo cronológico é a potencialidade ou possibilidade de presenciar os mesmos acontecimentos, de vivenciar experiências semelhantes, mas, sobretudo, de processar esses acontecimentos ou experiências de forma semelhante (WELLER, 2010, p. 212).

O quarto elemento está principalmente relacionado ao desafio das gerações mais velhas em relação às mais novas, assim como das instituições de ensino, logo “as dificuldades existentes entre professores e alunos estão relacionadas às orientações ou visões de mundo distintas de cada geração” (op. Cit., 2010, p. 213). Sendo que tal relação permitirá o caráter contínuo das gerações, quinto elemento mencionado. A seguir, apresenta-se uma imagem com as características aqui abordadas:

FIGURA 1: Processo interativo das gerações



FONTE: Elaboração própria.

Magalhães (2014) também irá definir o conceito de geração apresentando um resumo do que se descreveu até aqui. A autora, menciona os múltiplos sentidos que o termo carrega, mas opta por sua definição mais consensual em relação ao nascimento dentro de uma comunidade, como se observa a seguir:

“o termo “geração” é carregado de múltiplos sentidos, mas, trataremos sua abordagem dentro do que há de mais consensual, ou seja, o sentido de que uma geração se constitui pelo fato de pertencerem a uma comunidade de pessoas nascidas no mesmo ano ou em anos próximos e, conseqüentemente, por participarem de certa posição de igualdade dentro do âmbito histórico e de certas formas de vivência e pensamento, sem desconsiderar-se sua “estratificação de vivências” (MAGALHÃES, 2014, p. 96).

A definição da autora dialoga com o que Mannheim (1964, *apud* WELLER, 2010) apresenta como outras três definições sobre o conceito de gerações, são elas: posição

geracional, conexão geracional e unidade geracional. Para Weller (2010, p. 214), “o que define a posição geracional não é um estoque de experiências comuns acumuladas de fato por um grupo de indivíduos, mas a possibilidade ou “potencialidade” de poder vir a adquiri-las”.

Ainda para esta autora, “a conexão geracional apresenta características mais determinantes do que a posição geracional. Ela pressupõe um vínculo concreto, algo que vai além da simples presença circunscrita a uma determinada unidade temporal e histórico-social” (op. Cit., 2010, p. 214). Em outras palavras, é preciso estabelecer um vínculo de participação em uma prática coletiva, seja ela concreta ou virtual.

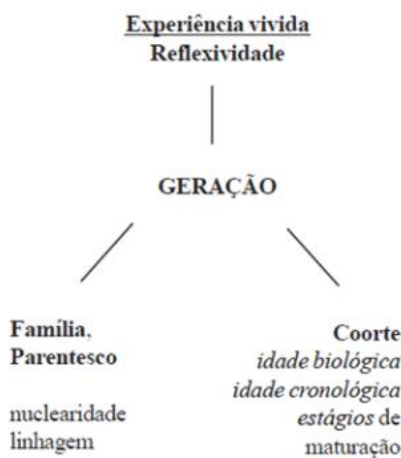
Por fim, a unidade geracional pressupõe a adesão mais concreta ainda a uma geração em relação à relação estabelecida pela conexão geracional. No entanto, a unidade geracional delimitar-se-á como um grupo que lida com determinados acontecimentos históricos vividos por sua geração, como por exemplo, a pandemia do Covid-19, e a partir disso surgirá diferentes unidades geracionais no âmbito da mesma conexão geracional.

Assim, as experiências geracionais são vivenciadas de diferentes formas em cada pequeno universo de subjetividades que compõem a geração, em outras palavras, pode-se dizer que uma geração possui diferentes grupos e ainda que todos passem pelo mesmo momento histórico cada um vive segundo suas singularidades.

Já Domingues (2002) define o conceito de gerações por meio de três variáveis, sendo elas: em primeiro lugar a família e as relações de parentesco, que podem ser derivadas mais ou menos diretamente das relações que se traçam no núcleo familiar básico. Em segundo lugar, encontram-se os coortes – grupos de pessoas nascidas em momentos próximos e que atravessam estágios sucessivos ao mesmo tempo. Para sua definição, três elementos são relevantes: a idade biológica, a idade cronológica (quando essa datação se faz presente) e os estágios de maturação.

Enfim, em terceiro lugar devemos pôr a experiência vivida e reflexivamente mediada dos indivíduos e coletividades, para a qual as diversas dimensões dos sistemas sociais contribuem decisivamente. O autor agrega a essas variáveis a ideia de que uma geração não se define isoladamente, pois somente “na interação com outras gerações cada uma delas delinea sua identidade e contribui para a produção de outras” (op. Cit., 2002, p. 75). Tal interação concorda com os elementos nº 4 e 5 apresentados por Mannheim, a necessidade de transmissão constante dos bens culturais acumulados e o caráter contínuo das mudanças geracionais. A fim de ilustrar suas três variáveis o autor as dispõe na seguinte imagem:

FIGURA 2: Variações que definem o conceito de geração



FONTE: DOMINGUES, 2002, p. 76

Sabendo que as interações entre as gerações ocorrem, Domingues (2002) elenca as coletividades com as quais esse processo se realiza, sendo que a família, como mencionado anteriormente, caracteriza a primeira coletividade, porém há também a escola, o sistema de ensino, o estado com suas legislações, bem como, coletividades correspondentes às classes sociais, raça, gênero, religião etc. Dessa forma, “é nesse entrelaçamento interativo entre subjetividades coletivas diversas que se conformam tanto a vida social como as próprias gerações em si, que contribuem outrossim decisivamente para a forma e o conteúdo daquela” (DOMINGUES, 2002, p. 79-80).

Conhecendo essas coletividades, não se pode esquecer também que uma influi sobre a outra e com frequência os “adultos” ou mesmo os “velhos”, “por razões institucionais e culturais, possuem mais poder dentro de um grande número de sociedades e em parte em função disso são capazes de mobilizar recursos externos, para além das vantagens proporcionadas por sua constituição material e hermenêutica” (op. Cit., 2002, p. 80).

No entanto, é apenas com a consolidação de grupos homogêneos de idade que se formará uma coletividade, haverá a interação com outras e se estabelecerá as relações de poder entre estas. Pode-se dizer então que esses grupos desempenham uma função integrativa, graças à “definição comum de espaço de vida e destino” e ao “compartilhamento de tensões e experiências emocionais”. Assim, “grupos etários fornecem “esferas de ligação” entre a família e os sistemas político, ocupacional e geral de valores da sociedade” (DOMINGUES, 2002, p. 83).

Já para Ferrigno (2013) a compreensão de geração comporta, no mínimo, cinco sentidos. O primeiro se refere a determinado grupo de pessoas nascidas na mesma época e que passaram pelos mesmos acontecimentos, conforme já se mencionou. O segundo diz respeito à posição de cada sujeito em seu grupo familiar, concordando com Domingues (2002). Já o terceiro se constitui como medida de tempo, mensurando o número de anos entre a idade dos pais e a dos filhos.

Por conseguinte, o quarto representa as políticas públicas distintas para cada segmento etário e se utiliza do modo como o sujeito se enquadra no sistema de seguridade social e pelos benefícios que dele usufruem. A questão de políticas públicas aparecerá com mais detalhes na seção 2.2.2 deste capítulo.

E por último, o quinto sentido relaciona a formação das gerações às mudanças sociais e como as pessoas de determinado grupo geracional se constituem não só por terem nascido, na mesma época, mas, também por vivenciarem mudanças sociais em conjunto, o que desenvolveria uma determinada consciência coletiva que influencia nos atos e ações dos sujeitos.

Em concordância aos autores mencionados, para Tomizaki (2010, p. 329) estudar as gerações significa “estar preparado para analisar disputas, alianças, rupturas e continuidades de uma geração a outra”. A autora acredita que o mais importante seja dimensionar de maneira cuidadosa e profunda as formas e intensidades assumidas pelas relações que unem e, ao mesmo tempo, distanciam as gerações.

Tomizaki (2010) vai pensar na socialização como princípio que norteia as relações geracionais e na transmissão como um movimento realizado pelas gerações a fim de manter suas heranças. Vale lembrar que esse ponto já foi apresentado por Mannheim em seu quinto elemento sobre a caracterização da interatividade da geração. Assim:

Embora educação e gerações sejam realidades diversas, esses dois fenômenos sociais se encontram intrinsecamente ligados em função da necessidade de cada geração transmitir aos seus sucessores aquilo que considera fundamental para a preservação e continuidade da sua herança. Por outro lado, o próprio fenômeno geracional pode provocar mudanças tanto nos modos de se educar as novas gerações, quanto naquilo que deve ou não ser transmitido de uma geração a outra (TOMIZAKI, 2010, p. 329-330).

Se no início do capítulo menciona-se a situação de classe como uma característica para se pensar a geração, principalmente, o compartilhamento de experiências e modo de pensá-las, posteriormente, apresentou-se as diferentes coletividades e os diferentes poderes de cada uma, agora, percebe-se pela citação que o fator idade torna-se também um elemento

importante de reflexão para os fenômenos geracionais, uma vez que ele pressupõe a socialização e transmissão de uma geração a outra.

A partir da definição teórica aqui apresentada, encontrou-se dois exemplos de trabalhos que fizeram uso do conceito de geração como instrumento de análise. O primeiro, foi o trabalho de revisão de literatura de Costa Jr. e Couto (2015), no qual os autores utilizaram do conceito de geração, categorias empíricas (infância, juventude, maturidade e velhice), saúde e gênero para identificar como estes termos são abordados em trabalhos acadêmicos e a relação estabelecida entre saúde-adoecimento em cada um deles.

O segundo foi o de Cunha (2021) que apresentou a Congada de Santa Efigênia em Mogi das Cruzes-SP. A autora faz uma reflexão a partir do conceito de geração para pensar quais são as gerações existentes no grupo de congadeiros e congadeiras e opta por duas: os aprendizes e os mestres da congada.

Assim, ao que tange esta pesquisa de mestrado buscou-se a partir da definição de geração apresentar um quadro com as gerações que compõem a eletiva “Conviver é uma arte” segundo as características apresentadas anteriormente, são elas:

QUADRO 1: Gerações da eletiva “Conviver é uma arte”

Geração	Características
Pré-adolescentes e Adolescentes / jovens	Representam a classe de estudantes matriculados no ensino fundamental II de uma escola pública. Compartilham experiências educacionais com relação à escola de tempo integral e a existência de disciplinas eletivas na mesma. Escolheram a eletiva “Conviver é uma arte” como componente formativo e isso lhes proporcionará vivências diferentes em relação às outras eletivas ofertadas.
Estudantes de Psicologia	Representam a classe de estudantes do ensino superior público. Já passaram pela educação básica, obtendo experiências nessa etapa, porém não foram alunos do modelo de ensino integral. Escolheram o estágio “envelhecimento e processos de subjetivação” entre outros estágios disponíveis, sendo que tal participação influencia em sua formação como futuro profissional. Possuem experiências de ida à escola, visitas ao asilo e reuniões com a docente do ensino superior responsável pelo estágio. Realizam leituras teóricas sobre a temática de intergeracionalidade.
Professoras da rede pública	Representam a classe de professoras da educação básica. Já passaram pelas gerações anteriores, embora não tenham formação em psicologia, são as criadoras da eletiva em parceria com a universidade. Escolheram ofertar uma discussão aos seus estudantes sobre o envelhecimento em detrimento de outras temáticas que poderiam ser escolhidas por elas.

Idosos institucionalizados	Representam a classe de pessoas mais velhas que já passaram pela fase de estudos e trabalho. Vivem numa instituição de longa permanência de uma cidade do interior de SP. Aceitaram participar das conversas com os outros participantes, recebê-los e compartilhar histórias de vida com eles. Realizaram visitas à universidade e à escola.
----------------------------	--

FONTE: Elaboração própria.

No quadro anterior, apresentou-se as características que cada geração compartilha entre si, suas escolhas e experiências. Obviamente, cada participante tem/teve uma motivação pessoal ou profissional para participar da disciplina eletiva, porém ela será um momento histórico na vida dos sujeitos que os unirá. Esses encontros serão aqui entendidos a partir do termo intergeracionalidade, o qual será abordado a seguir.

Esclarece-se também, que este quadro será retomado em momentos posteriores de análise dos dados coletados e que para este trabalho trabalhou-se apenas com os estudantes de psicologia e as professoras da educação básica.

2.2. Intergeracionalidade

2.2.1. Levantamento e comentários dos trabalhos encontrados

Inicialmente, apresenta-se um levantamento dos trabalhos que discutem essa temática. Para isso, optou-se por selecionar trabalhos publicados no portal de periódicos da CAPES e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) entre os anos de 2000 a 2020. O quadro 02 apresenta o primeiro momento com os termos de busca utilizados, o número total de trabalhos encontrados, o número de trabalhos selecionados e algumas observações.

QUADRO 2: Resultado da busca no portal de periódicos da CAPES e na BDTD

Termo de busca	BDTD	Periódicos CAPES
----------------	------	------------------

1. Relações intergeracionais	Resultado total - 130 Resultado após análise – 09 Observações – sem observações	Resultado total - 123 Resultado após análise – 07 Observações: - A busca optou por apenas artigos e anais de eventos. - O uso de “aspas” contribuiu com o refinamento. - Quatro <i>sites</i> não abriram e foram retirados do total após análise.
2. envelhecimento AND adolescentes	Resultado total - 53 Resultado após análise – 05 Observações – Um arquivo estava com a página em manutenção e foi retirado dos resultados após análise.	Resultado total - 202 Resultado após análise – 03 Observações: - Uso do buscador booleano AND; - O uso de “aspas” contribuiu com o refinamento. - Uma página não foi encontrada;
3. Velhice AND relações entre gerações	Resultado total - 30 Resultado após análise – 06 Observações - Um arquivo estava com a página em manutenção e foi retirado dos resultados após análise.	Resultado total - 217 Resultado após análise – 00 Observações – Foi encontrado um trabalho, porém a página estava indisponível.

FONTE: Elaboração própria.

A primeira seleção levou em consideração a temática do trabalho expressa pelo título e pelo resumo, excluindo-se assim trabalhos que só abordavam a um único público, como por exemplo, trabalhos sobre idosos asilados, sobre o ser velho na/para mídia, relações entre estudantes, relações e tradições entre as gerações de uma mesma família imigrante, literatura infantil etc. Aclara-se que tal exclusão, apresenta-se como uma limitação a esta dissertação e novas buscas mais abrangentes devem ser realizadas a fim de agregar trabalhos não incluídos aqui, uma vez que, devido ao objetivo deste trabalho e dele ser parte de uma pesquisa de mestrado ocorreram seleções para que se tornasse viável sua execução.

Para o segundo momento de escrita, após a leitura dos resumos, observou-se a presença dos seguintes itens em cada resumo: 1) Tipo de arquivo; 2) Palavras-chave; 3) Instituição dos autores; 4) Ano de publicação; 5) Introdução; 6) Objetivo; 7) Metodologia; 8) Procedimentos metodológicos (instrumentos de coleta de dados); 9) Participantes; 10) Referencial teórico e 11) Resultados.

Ao todo encontrou-se 30 trabalhos, sendo que 07 estavam repetidos e por isso foram descartados. Dos 23 trabalhos restantes observou-se que os mesmos correspondiam a: 12 dissertações de mestrado, 10 artigos acadêmicos e 1 tese de doutorado (Ver quadro 03 a

seguir). Esse resultado demonstra a relevância de programas de pós-graduação na produção e compartilhamento de conhecimento sobre questões de intergeracionalidade.

QUADRO 3: Lista com os títulos, tipo de documento e ano de publicação

	Título	Tipo de documento	Ano de publicação
1.	Como alunos dos anos iniciais visualizam o envelhecimento em outros e em si-mesmos?	Dissertação	2019
2.	“meu tempo, seu tempo” refletindo sobre as relações intergeracionais a partir de uma intervenção no contexto escolar	Dissertação	2007
3.	O jovem frente à velhice e ao envelhecimento	Dissertação	2009
4.	Oficinas intergeracionais: saberes e fazeres da experiência, mediação cultural e significação	Tese	2015
5.	Para todas as estações da vida: uma proposta de formação de redes intergeracionais	Dissertação	2010
6.	Percepções de crianças e adolescentes sobre o envelhecimento e estigmas ligados à velhice	Dissertação	2016
7.	Programas Intergeracionais: um estudo sobre as atividades que aproximam as diversas gerações	Dissertação	2007
8.	Relações Intergeracionais numa sociedade que envelhece: expectativas, preparo e atuação dos jovens.	Dissertação	2011
9.	Relações Intergeracionais: palavras que estimulam	Dissertação	2010
10.	A experiência geracional na fala de adolescentes de escolas públicas: relações intergeracionais	Artigo	2012
11.	Desafios do “preconceito etário” no Brasil.	Artigo	2010
12.	Intergeneracionalidad y multigeneralidad en el envejecimiento y la vejez	Artigo	2013
13.	Laços intergeracionais no contexto contemporâneo	Artigo	2011
14.	Livros infantis e envelhecimento: indicações para novos parâmetros e práticas pedagógicas nas escolas	Artigo	2012
15.	Os Avós na Literatura Infantil: perspectivas gerontológicas e educacionais	Artigo	2015
16.	Relações Intergeracionais: Significados de Adolescentes sobre Avós e Idosos	Artigo	2010

17.	Percepção de envelhecimento de adolescentes praticantes e não praticantes de exercício físico fora do ambiente escolar	Artigo	2014
18.	Velhice e a relação com idosos: o olhar de adolescentes do ensino fundamental	Artigo	2012
19.	Velhice para os adolescentes: abordagem das representações sociais	Artigo	2014
20.	O envelhecer segundo adolescentes, adultos e idosos usuários do SESC Maringá: um estudo de Representações Sociais	Dissertação	2002
21.	A visão do jovem manauense do ensino médio sobre a velhice e o envelhecimento	Dissertação	2007
22.	Representação social de velhos e velhice para crianças: contatos intergeracionais no projeto Jarinu Tem Memória	Dissertação	2006
23.	Percepções e olhares de crianças saudáveis e com doença de pele sobre saúde e envelhecimento	Dissertação	2015

FONTE: Elaboração própria.

Na segunda característica observada, palavras-chave, percebeu-se que os termos de busca corresponderam às palavras mais utilizadas pelos trabalhos conforme demonstra a imagem 03 a seguir. Há um destaque para os termos ‘relações intergeracionais’, seguido por ‘envelhecimento’ e por ‘velhice’. No entanto, outras palavras-chave foram usadas com o mesmo sentido da primeira, como por exemplo, relações entre gerações, programas intergeracionais, oficinas intergeracionais, redes intergeracionais e interações intergeracionais.

Observa-se assim, a falta de uma padronização para se referenciar as relações que ocorrem entre as gerações o que pode dificultar a produção acadêmica do campo, uma vez que, ao não se localizar um trabalho o conhecimento por ele produzido torna-se restrito.

FIGURA 3: Nuvem de palavras-chave



FONTE: Elaboração própria.

Entre as instituições de origem dos autores há um predomínio para universidades da região sudeste, com maior destaque para a Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo com três trabalhos, seguida da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) com dois trabalhos em cada uma.

Os trabalhos encontrados na PUC e na UNICAMP são dissertações de mestrado defendidas em programa de pós-graduação em gerontologia e os encontrados na USP são oriundos da pós-graduação em Ciência da Informação, sendo estes uma dissertação e uma tese. Fato que reforça a importância dos programas de pós-graduação

Já as datas de publicação dos trabalhos podem ser divididas em trabalhos escritos na primeira década e na segunda década do século XXI. O primeiro grupo possui um número bem menor se comparado ao segundo, sendo publicados apenas 06 trabalhos naquele e 17 neste, conforme quadro 03 apresentado anteriormente. Surge o questionamento sobre o que teria acontecido que despertou o interesse de pesquisadores sobre essa área?

Na quinta característica, introdução, observou-se que um pouco mais da metade dos trabalhos (13) apresentavam esse tópico em seus resumos. Entende-se que ela funcione como a apresentação do problema estudado apresentando ao leitor o contexto e as inquietações iniciais. A seguir, apresentam-se dois exemplos de introduções:

Num mundo paradoxalmente mutável, as relações humanas, os sistemas e papéis familiares têm-se redefinido (trabalho nº 16).

O envelhecimento populacional atual tem trazido à tona uma série de preocupações e questionamentos, que envolvem não só os idosos, mas a população como um todo, constituindo-se um tema relevante a ser representado socialmente (trabalho nº 20).

No primeiro excerto, percebe-se que as autoras apresentam uma introdução à pesquisa sobre as relações intergeracionais e as mudanças ocorridas no mundo e no segundo excerto apresenta-se o início de uma discussão sobre o envelhecimento populacional e a importância de se estudá-lo. Ainda que esse tópico não seja um item obrigatório num resumo acadêmico, crê-se que as introduções ao tema, às circunstâncias que levaram ao desenvolvimento da pesquisa e ao seu contexto ajudem o leitor a se localizar e apresentem a pesquisa de uma maneira mais completa.

O sexto tópico observado, objetivos, foi o único que apareceu em todos os trabalhos e pode ser considerado como um elemento essencial para a escrita acadêmica. No entanto, o objetivo exposto na tese de doutorado foi considerado parcial por não estar explícito em seu texto e fazer uma referência ao que seria a intenção do trabalho como se demonstra a seguir:

Esta tese reafirma a importância das trocas de experiências intergeracionais na qualificação de processos de construção de conhecimento e cultura, na contemporaneidade, a partir do desenvolvimento de um dispositivo educacional e cultural - a Oficina intergeracional - em uma instituição que atende crianças e jovens, na comunidade de Paraisópolis, situada na região sul da cidade de São Paulo (trabalho nº 04).

Segundo manuais de pesquisa científica (GIL, 2002; KAUARK, MANHÃES e MEDEIROS, 2010) o objetivo é escrito com um verbo no infinitivo, determina o que se pesquisará e onde se quer chegar, o que lhe permite comparar com a ideia de meta e fim. No excerto acima se observa uma menção ao que seria o objetivo do trabalho “reafirmar a importância das trocas de experiências intergeracionais”, porém não se pode dizer que esse seja o principal objetivo da tese. Nos demais trabalhos os verbos selecionados foram os seguintes:

QUADRO 4: Verbos utilizados como objetivo

Verbos	Nº de vezes que apareceu
Investigar	07
Analisar	03
Verificar	02

Contribuir	02
Abordar / Aceder / Apreender / Chamar / Discutir / Expor / Identificar / Problematizar	01

FONTE: Elaboração própria.

Por um lado, segundo Kauark, Manhães e Medeiros (2010) os três primeiros verbos utilizados determinam o estágio cognitivo de análise, sendo que o verbo investigar pode ser entendido como: a) seguir os vestígios, as pistas, os sinais, os indícios de; pesquisar: investigar as razões dos problemas e b) examinar com cuidado, com diligência; aplicar-se na avaliação de; perscrutar: investigar a causa do problema.

Por outro lado, em menor quantidade, observa-se também a presença de verbos que remetem às pesquisas ao estágio cognitivo de compreensão, como por exemplo, abordar, discutir e identificar.

Já a sétima característica, metodologia, observou-se que 11 dos trabalhos selecionados não mencionaram a metodologia utilizada na pesquisa e dos 12 que a apresentaram houve uma diversidade grande sendo: 04 pesquisas de abordagem qualitativa, 02 colaborativas, 01 pesquisa quantiquantitativa, 01 abordagem direta, 01 a partir do inventário de Sheppard, 01 estudo individuado, 01 pesquisa de perspectiva-histórica e 01 a partir da epistemologia parcial.

Os procedimentos metodológicos, na oitava característica, também apresentaram uma grande diversidade e muitos trabalhos utilizaram mais de um instrumento como forma de coletar seus dados. Nesse tópico, apenas seis trabalhos não apresentaram os procedimentos utilizados e dos que apresentaram houve maior ênfase no uso da entrevista semiestruturada (07), do grupo focal (04), oficinas e atividades em grupo (04) e do questionário (03).

A nona característica, participantes, 07 dos trabalhos não apresentaram os participantes de suas pesquisas no resumo, 09 trabalhos realizaram suas pesquisas apenas com crianças e adolescentes, 06 com crianças e idosos e 01 com a coordenadora de uma escola. Ressalta-se que nenhuma pesquisa trouxe os idosos como os únicos participantes de suas pesquisas e que duas pesquisas trouxeram adultos (maiores de 18 anos e menores de 60 anos).

Portanto, se observa que apesar de haver uma prevalência da pesquisa qualitativa (como abordagem) não há um aprofundamento em seus tipos de pesquisa segundo os procedimentos metodológicos: pesquisa experimental, bibliográfica, documental, pesquisa de

campo, estudo de caso, pesquisa ação, etnografia, etc. Dessa forma, uma pesquisa que possui como abordagem uma concepção qualitativa pode desdobrar-se em um estudo de caso quando o que se estuda for um projeto ou uma escola em particular, ou ser uma pesquisa ação quando se interage com um grupo de idosos e crianças a fim de modificar o ambiente em que a pesquisa ocorre e/ou pode ser uma etnografia.

Acredita-se, que um maior detalhamento dessas características de metodologia de pesquisa enriqueça os futuros trabalhos da área de intergeracionalidade e faça com que o campo avance com pesquisas mais detalhadas, assim evita-se que o pesquisador apenas mencione “pesquisa qualitativa” de modo amplo e atente-se aos seus objetivos e ao impacto de sua pesquisa para os participantes nela envolvidos.

A décima característica, referencial teórico, foi mencionada em 07 trabalhos e entende-se que o pequeno percentual de menções às teorias adotadas seja uma especificidade da área, uma vez que, não é um item de caráter obrigatório em resumos acadêmicos. Já a última seção, resultados, foi apresentada em 17 trabalhos o que demonstra a seriedade das pesquisas e seu comprometimento em contribuir com o campo de conhecimento. Por fim, passa-se à definição do conceito de intergeracionalidade a partir dos trabalhos selecionados e de outros autores importantes para o campo de estudo.

2.2.2 Definindo o conceito de intergeracionalidade

Apresentou-se na seção 2.1 o conceito de geração e nela se observou que os indivíduos podem ser identificados segundo um modo específico de pensar e se comportar. Já na seção 2.2.1 apresentou-se um levantamento de trabalhos sobre a intergeracionalidade e percebeu-se a necessidade de uma maior organização conceitual da temática. A partir das colocações anteriores, retomou-se algumas ideias do conceito de geração, principalmente, seu aspecto de interação entre as gerações e pautou-se nos trabalhos encontrados sobre intergeracionalidade como referencial bibliográfico para a construção do aporte teórico aqui apresentado.

Anteriormente, comentou-se também que embora uma geração não seja definida exclusivamente pelo critério etário, sabe-se que todo ser humano passa por diferentes fases - o nascimento, o crescimento, o desenvolvimento, o envelhecimento – e que cada fase está de certa forma, condicionada pelo meio cultural no qual os indivíduos estão inseridos (SANTOS, 2010). Pode-se dizer que:

Nas suas diferentes fases, o ser humano desempenha inúmeros papéis, os quais, em geral, devem ser definidos de modo a melhorar e enfatizar suas relações com outras pessoas nos diversos graus de desenvolvimento pessoal, dessa forma ampliando seu desempenho como receptor, produtor e transmissor da herança cultural e social (SANTOS, 2010, p. 09).

Em seus diferentes papéis sociais, o ser humano convive com diferentes gerações e estabelece relações de trocas e compartilhamentos. Essas experiências são entendidas como relações intergeracionais, segundo Lima (2007) pode-se defini-las como:

[...] relações que ocorrem entre indivíduos pertencentes a diferentes gerações que compartilham os mesmos eventos históricos, sociais e culturais, como por exemplo: guerras, momento político, revoluções, moda, hippies, televisão e que determinam diferentes trajetórias e estilos de vida e quando se encontram, se reúnem, proporcionam oportunidades de trocas com conteúdos e atribuições diferentes seja de conflito, de competição, de indiferença de autoritarismo ou cooperação, afetividade e igualitarismo (p. 36).

Para Martins (2002), essas diferentes fases da vida vão ser entendidas como o ‘curso de vida individual’ e são resultados da interação dialética com as normativas ligadas à graduação por idade, normativas ligadas à graduação por história e aspectos não normativos. O primeiro corresponde a determinantes biológicos e ambientais com relação à idade cronológica e os papéis sociais desempenhados em cada idade.

O segundo corresponde a aspectos históricos vividos e compartilhados por uma cultura, um grupo e uma geração, tais como, guerras, pandemia, crises econômicas etc. Se os dois primeiros possuem maior relação social, o terceiro corresponde a aspectos individuais significativos para a pessoa e que serão vivenciados como crise, tais como, acidentes, perdas de emprego, doenças etc.

Simultaneamente, ao desenvolvimento individual (curso de vida) ocorre o desenvolvimento familiar, o primeiro grupo social ao qual um indivíduo faz parte segundo Domingues (2002) e Ferrigno (2013), e que influencia o individual. Dessa forma, “fatos como a diminuição no índice de natalidade, aumento da expectativa de vida, mudança na participação da mulher na sociedade e o crescente número de divórcios e recasamentos, colaboram para mudanças nos ciclos de desenvolvimento familiar” (MARTINS, 2002, p. 18).

Assim, o desenvolvimento familiar já não pode ser mais pensado apenas em detrimento de relações domésticas e sim em termos de relações intergeracionais, na qual, há uma mistura de gerações e os eventos de um terão efeitos nos outros. Nesse aspecto, os encontros entre gerações auxiliam na construção de um suporte de quebra de preconceitos e de estereótipos de uma geração sobre a outra (LOPES, 2008). Além disso, constituem espaços nos quais, por meio da percepção do outro como diferente, permitem enxergar as possibilidades que o outro sugere para a mudança de si, sendo um processo no qual as gerações ensinam e são ensinadas (FERRIGNO, 2010).

Martins (2002) aponta alguns eventos decisivos para a constituição familiar e estes foram organizados no quadro a seguir:

QUADRO 5: Eventos decisivos para a constituição familiar

Eventos	Descrição do evento
Lançamento do jovem adulto solteiro	Ocorre quando o jovem adulto solteiro sai de casa e aprende a conviver com a responsabilidade emocional e financeira de si mesmo e começa a estabelecer relacionamentos íntimos com outros adultos.
União da família através do casamento - o novo casal	União de duas pessoas, na qual, é necessário fazer um reajustamento da vida individual para incluir a família ampliada (a de origem do casal) e os amigos do cônjuge.
Tornando-se pais - famílias com filhos pequenos	O desafio nesse ciclo é a aceitação e a adequação da família aos novos membros, exigindo reajustamento do casal e da família ao incluir os papéis de pais, avós, bem como, a inclusão no cotidiano de tarefas domésticas, financeiras e de educação do novo membro.
Transformação do sistema familiar na adolescência	Há uma organização da família para que o adolescente ingresse no mundo das responsabilidades e dos compromissos adultos, aumentando sua independência. Muitas vezes coincide com a entrada dos pais na meia idade e dos avós na velhice.
Famílias no meio da vida	Época em que ocorrem entradas e saídas de membros da família. Lança-se os filhos adultos para suas vidas e somam-se ao relacionamento familiar seus cônjuges. O casal precisa repensar seu relacionamento sem os filhos (ninho vazio) e as atividades da vida.
Famílias no estágio tardio da vida	É necessário apoiar um papel mais central da geração do meio da família e que esta abra espaço para a sabedoria e experiência dos idosos, permitindo sua participação ativa. Uma peculiaridade deste ciclo é a de lidar com a perda do cônjuge, amigos e parentes e se preparar para a própria morte.
Divórcios e recasamentos	Causam certa interrupção, deslocamento e readequação do conjunto de ciclos de vida familiar citados anteriormente.

FONTE: MARTINS, 2002, p. 19-20.

A partir da leitura do quadro, percebe-se que o curso de vida individual está conectado ao desenvolvimento familiar e que a cada nova fase (ciclo) novos papéis são acrescentados aos sujeitos. Notou-se também o que já se mencionou anteriormente da existência de diferentes gerações numa mesma família. Nesse sentido, Santos (2010, p. 11) argumenta que:

O encontro de gerações pode ser positivo e benéfico e dessa forma trazer enriquecimento mútuo, mas pode também significar tristezas se o convívio for conflituoso. É preciso salientar que existem inúmeras diferenças sociais e comportamentais impostas pela cultura, além da questão da idade. Assim, o homem necessita aprender a conviver com pessoas de diferentes etnias,

credos, gêneros, bem como com as diferenças de ordem econômica, política e cultural.

Ressalta-se que a aprendizagem da convivência mencionada pela autora começa com a convivência intergeracional na família e pode ser ampliada em outras esferas sociais, destaca-se aqui o papel da escola sobre essa temática. Ademais, Martins (2002, p. 27-28) faz um alerta sobre o curso de vida:

Para os idosos a passagem do tempo é algo mais presente do que para os adultos e adolescentes, já que vivem uma fase do curso de vida repleta de marcos concretos dessa passagem: as mudanças corporais e estéticas, as doenças, a independência de seus filhos, sua saída de casa e constituição de suas famílias, gerando e educando seus próprios filhos, o se tornar avô, auxiliando ou simplesmente constatando a chegada de uma nova geração na família, a saída do mercado de trabalho através da aposentadoria, a perda de pessoas queridas, e outras tantas questões já citadas, que os fazem recordar o passado, compará-lo com o presente, reviver sentimentos e sentimentos que marcaram suas vidas, percebendo então o resultado da passagem do tempo, enquanto que adolescentes e adultos vivem com essas questões de forma mais amena e distante, sem que sintam essa passagem.

Refletir sobre a passagem do tempo e desenvolver uma postura altruísta sobre o lugar do outro, principalmente, da pessoa mais velha são características também importantes para as diferentes gerações. Martinez (2007) lembra que para algumas culturas indígenas o idoso tem papel central na disseminação de elementos culturais como a mitologia, os rituais e os costumes da tribo.

Com isso, a autora menciona que as modificações das representações sociais da pessoa envelhecida ao longo do tempo sofreram alterações segundo as mudanças sociais de cada época, um exemplo, foi a exclusão que o idoso sofreu a partir do processo de industrialização. “Dessa forma, gradativamente os mais velhos foram sendo colocados à margem dos interesses produtivos no contexto das sociedades industriais capitalistas, com exceção daqueles indivíduos com prestígio social e de classes favorecidas economicamente” (MARTINEZ, 2007, p. 21).

Entre as mudanças ocorridas, termos pejorativos relacionados à pessoa idosa foram suprimidos de documentos legais e surge-se a denominação mais generalizante “idoso” para “caracterizar tanto a população envelhecida em geral, quanto os indivíduos originários das camadas sociais mais favorecidas” (op. Cit; 2007, p. 21). Apoiada a tal termo aparece também o termo “aposentado” que supõe melhoria de vida para os indivíduos mais velhos.

Martinez (2007, p. 23) ainda afirma que “para dar conta dessa nova realidade criou-se a expressão “terceira idade”, que no Brasil identifica uma categoria social bastante heterogênea

tanto quanto à faixa etária quanto à situação econômica dos indivíduos” e “sua invenção pressupõe a criação de uma etapa da vida interposta entre a idade adulta e a velhice, acompanhada por um conjunto de práticas institucionais direcionadas ao atendimento dessa faixa da população”.

Atualmente percebe-se, por um lado, imagens de velhos que procuram manter o controle sobre seus corpos e relativa juventude, ativos e dispostos a realizar sonhos e satisfazer seus desejos; e, por outro, imagens de velhos pobres, doentes, solitários, assexuados e abandonados à sua sorte. Desse modo, coexistem diferentes imagens de velhos na sociedade contemporânea (LOPES; PARK, 2007, p. 141 -142).

Embora surja um novo nicho de mercado pensando em atender a população mais velha, o que se observa, de modo geral, é um preconceito em relação a essas pessoas representada pela segunda descrição apresentada na citação anterior. Segundo Goldani (2010) essa

discriminação é um preconceito etário e “ocorre nas famílias, nos órgãos governamentais, no sistema de saúde, nos mercados de trabalho assalariado e em toda a mídia” (p. 413).

A autora enfatiza que na sociedade observa-se uma veneração à juventude e se faz do “envelhecimento um objeto de vergonha, ridículo, de desgosto” (op. Cit; 2010, p. 414). Nos locais de trabalho, num sistema capitalista que visa o lucro há a troca de funcionários mais antigos, que são melhores pagos, por uma mão de obra mais barata e mais jovem. “Finalmente, na área da saúde, os profissionais, por vezes, ignoram ou desconsideram as queixas crônicas dos idosos, preferindo focar questões de saúde mais agudas em pacientes mais novos” (GOLDANI, 2010, p. 414).

Devido a todo esse preconceito etário e a discriminação por idade esquece-se da “probabilidade crescente de experimentar relações intergeracionais, em razão do aumento da esperança de vida humana, e a subsequente transferência de recursos materiais e simbólicos entre avós, pais e filhos/netos, dos mais velhos aos mais novos e dos mais novos aos mais velhos” (GOLDANI, 2010, p. 415). Beltrán e Gómez (2013), corroboram com essa discussão ao mencionar que:

Estudos recentes demonstram que ainda não existem suficientes oportunidades de encontro para que as pessoas mais velhas e os jovens possam realizar projetos conjuntos; por isso, as políticas sociais devem conter elementos orientados a apoiar iniciativas de fortalecimento das relações intergeracionais de todo tipo (p. 279, tradução própria).

Destaca-se a importância do incentivo de políticas públicas para o fomento de relações intergeracionais em diferentes espaços, pois “através de interações geralmente agradáveis, jovens e idosos melhoraram sua compreensão e visão uns dos outros” (GOLDANI, 2010, p. 425). Além disso, vale destacar que “as relações entre idosos e jovens também não deveriam ser consideradas meramente em termos econômicos ou de trocas de ajuda, mas em termos de seus laços afetivos e emocionais”. (op. Cit; 2010, p. 427).

Beltrán e Gómez (2013), pautados em orientações da ONU, vão propor uma sociedade para todas as idades, na qual, os preconceitos etários descritos por Goldani (2010) deixem de existir e haja uma olhar para o envelhecer como um processo constante e não mais diferentes termos para esse processo como demonstrou Martinez (2007). A seguir, apresenta-se o quadro elaborado pelos autores:

QUADRO 6: Dimensões do envelhecimento no marco de uma sociedade para todas as idades

DIMENSÃO	DESCRIÇÃO
A situação das pessoas de mais idade	As pessoas de idade se constituem no objeto das políticas de envelhecimento no marco dos princípios das Nações Unidas a favor das pessoas de mais idade, agrupados em cinco âmbitos: independência, participação, cuidados, auto realização e dignidade.
O desenvolvimento permanente das pessoas	Amplia-se a perspectiva do envelhecimento como processo permanente, distante da ideia de uma terceira idade e com enfoque no ciclo vital, que abre caminho para a defesa do envelhecimento saudável e do envelhecimento ativo.
As relações multigeracionais	A colaboração entre gerações constitui a chave para manter as estruturas sociais capazes de dar resposta às necessidades das pessoas mais velhas, que inevitavelmente ocorrem articuladas às necessidades de outras pessoas de diversas idades.
O desenvolvimento e o envelhecimento da população	Implica na relação entre as estruturas sociais demográficas e econômicas, para harmonizar o envelhecimento da população com o desenvolvimento socioeconômico constante, na aceitação do fato de que todos dependemos daquilo que todos contribuímos.

FONTE: BELTRÁN e GÓMEZ, 2013, p. 280 - 281, tradução própria.

Nota-se pelo quadro 06 que o envelhecimento, entendido como um processo vital, passa a ser uma preocupação de todos e de políticas públicas; a preocupação para com os velhos recai em cinco aspectos: independência, participação, cuidados, auto realização e dignidade; além disso, “o envelhecimento como fator de desenvolvimento implica na interdependência

entre as gerações e, em consequência, há que promover intercâmbios entre elas” (BELTRÁN; GÓMEZ, 2013, p. 281, tradução própria).

Uma forma de incentivar as relações entre as diversas gerações é por meio dos programas intergeracionais (LIMA, 2007). Entre os objetivos destes programas destacam-se os seguintes:

Quanto aos idosos:

- a minimização das perdas do processo do envelhecimento;
- a promoção da inclusão e da valorização da pessoa idosa;
- a oportunidade de transmissão dos conhecimentos, habilidades e valores humanos a outras gerações.

Quanto às crianças:

- a promoção do contato diferenciado com o idoso, isto é, incentivado através da interação;
- a oportunidade de trocas de experiências entre as pessoas de idades diferentes e da aprendizagem de habilidades através da educação informal;
- o despertar de um novo olhar sobre as questões que cercam o envelhecimento;
- o estímulo ao resgate das brincadeiras tradicionais;
- o desenvolvimento de novas aptidões;
- a promoção da educação ao longo da vida. (LIMA, 2007, p. 45)

Por um lado, percebe-se uma valorização da pessoa idosa e dos conhecimentos, habilidades e valores adquiridos por meio de sua experiência de vida, por outro lado, com relação à criança nota-se um incentivo à interação, trocas de experiências, resgate de brincadeiras e uma educação ao longo da vida. Lima (2007, p. 45 - 46) destaca, também, alguns resultados positivos obtidos em programas intergeracionais, são eles:

Para o idoso:

- a re-significação da sua identidade social;
- o despertar de um novo olhar sobre as questões do envelhecimento;
- o aumento da auto-estima e melhoria da saúde;
- a possibilidade de uma nova perspectiva de vida e realização pessoal;
- a criação de oportunidades que lhes permitiram transferir a experiência de vida, valores acumulados e afetividades;
- a promoção de novos relacionamentos positivos e estimulantes com as crianças, com profissionais e com comunidade em geral;
- a redução do isolamento e promoção de um estilo de vida mais saudável e estimulante;
- e maior disponibilidade para aceitar e compreender o comportamento dos jovens de hoje.

Para as gerações mais novas (criança e adolescente):

- a promoção da troca afetiva entre as gerações;
- o fortalecimento dos vínculos intergeracionais através da interação;
- o aumento do interesse pela aprendizagem, pelo saber e pelo conhecimento, através do convívio informal com os idosos;

- a melhoria do relacionamento com os mais velhos;
- e um melhor entendimento sobre o envelhecer e suas necessidades, através do estímulo para ajudar os mais velhos.

Assim, já se assinalou que por meio desses encontros intergeracionais desconstrói-se visões estereotipadas sobre o outro num processo de quebra de preconceitos, cria-se laços afetivos, evita-se o isolamento social e a solidão, aumenta-se as possibilidades de um envelhecimento ativo e melhora a qualidade de vida. Agora, a partir da leitura dos resultados positivos apresentados por Lima (2007) pode-se desprender que há muitas vantagens na construção desses programas.

Destaca-se a escola como um espaço propício à realização dessas trocas intergeracionais e sobre o assunto, Gvozdz e Dellaroza (2012, p. 296) afirmam que “a escola poderá oferecer práticas escolares de encontros que contemplem a integração de gerações, facilitando a tolerância e a identificação positiva com os idosos [...]” desde que haja a conscientização dos educadores sobre seu papel como mediadores dessas ações.

Em seu estudo com 123 estudantes da 6ª série (atual 7º ano do ensino fundamental II), as autoras perceberam que os adolescentes que possuíam um convívio com idosos e/ou tinham participado das oficinas sobre envelhecimento ofertado na escola junto a um grupo universitário apresentam uma visão mais positiva sobre o envelhecimento. Entre as características, os adolescentes mencionam que consideram “o idoso [como] sociável, atualizado, atento, seguro, saudável, com energia e forte” (GVOZD e DELLAROZA, 2012, p. 300).

Outro trabalho que também identificou a concepção de adolescentes sobre a velhice foi o de Pereira, Freitas e Ferreira (2014) que ao entrevistarem 60 adolescentes, sendo 30 de uma escola pública e 30 de uma escola particular ambas localizadas em Fortaleza – CE, elencaram três categorias e doze subcategorias na fala dos mesmos sobre o que significa a velhice e o ser velho, sendo elas:

- a) Representações sobre velhice - 1. Memórias de vida; 2. Fato positivo da vida; 3. Fase natural da vida; 4. Momento de dificuldades; 5. Período de descanso; 6. Dono de si; 7. Finitude; 8. Infantilização;
- b) Tratamento dado ao idoso - 1. Exigência de bom tratamento; 2. Desvalorização do idoso;
- c) Reconhecimento de Si como sujeito em processo de envelhecimento - 1. Meu futuro e; 2. Negação da velhice (PEREIRA; FREITAS e FERREIRA, 2014, p. 604).

Percebe-se alguns pontos positivos nas subcategorias como um fato (entendido como uma etapa / momento) positivo da vida, memórias de vida, fase natural, dono de si, mas

também outros pontos negativos relacionando a velhice a um momento de dificuldade, finitude, infantilização, desvalorização e de negação de seu próprio processo de envelhecimento. Portanto, esses pontos reforçam que:

Projetos intergeracionais apresentam-se como o espaço mais adequado para o estabelecimento de trocas entre as gerações; para a reflexão sobre o processo de envelhecimento; para o resgate dos aspectos positivos da longevidade; para ajudar a afastar dos jovens o medo da velhice; para desenvolver nas crianças imagens de identificação e devolver aos idosos os sonhos, os objetivos e os projetos de vida (GVOZD e DELLAROZA, 2012, p.302).

Outro exemplo pode ser visto no trabalho de Fagundes e Hahn (2017) onde professores, alunos e alunas do curso de história bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) desenvolveram atividades em quatro diferentes escolas da rede pública do estado do Paraná sobre relações intergeracionais. Entre as ações na primeira escola destacam-se aplicações de questionário, rodas de conversa, organização de salas temáticas, uso de aplicativos de celular que envelheciam fotos e atividades com músicas que abordam a temática do envelhecimento.

O segundo relato presente no livro destaca as seguintes ações realizadas na escola: colagem de tiras e charges sobre o envelhecimento pela escola, audição de músicas, elaboração de cartazes, realização e apresentação de uma entrevista e fotos desse momento, atividades com luvas para simular o tato dos idosos e reflexões sobre o futuro. Já as ações realizadas na terceira escola foram: aplicações de questionários, construção de uma linha do tempo, elaboração de paródias, apresentação das mesmas com um grupo de música do Centro de Convivência dos Idosos da cidade e discussão sobre acessibilidade na escola.

O último relato, traz as seguintes ações desenvolvidas: aplicação de questionário, oficina de iniciação ao teatro, entrevista com idosos, elaboração de um roteiro de dramatização com foco no processo de envelhecimento humano e apresentação da peça teatral “Feliz-idade”. Nota-se que em todas as atividades propostas há uma preocupação em se abordar a temática do envelhecimento com os adolescentes e, principalmente, proporcionar momentos intergeracionais a eles com a visita de pessoas mais velhas.

Desse modo, ao pensar na disciplina eletiva objeto desta pesquisa, reforça-se que a proposta de intergeracionalidade para com idosos asilados e adolescentes propicia uma formação de laços sociais e:

[se] constitui uma alternativa a um modelo de organização etária da sociedade, procurando unir grupos geracionais através da criação de laços;

respeita e cultiva o passado, enraíza-se no presente e pode preparar um futuro, evitando processos de discriminação e de exclusão social (VIEIRA, 2012, p. 125).

Contudo, fomentar relações entre gerações de idosos e adolescentes no contexto atual, para Ferrigno (2013), constitui-se um desafio significativo, pois se vive em uma sociedade na qual “as gerações vivem segregadas em espaços exclusivos” (FERRIGNO, 2013, p. 51). Assim, crianças e adolescentes, por exemplo, vivem institucionalizados no espaço escolar, principalmente, quando elas possuem o funcionamento de turno integral como a que compõe esta pesquisa.

Mesmo fora do ambiente escolar, o convívio dos adolescentes, de acordo com o autor, tende a se configurar entre pessoas da mesma idade ou de idade mais próxima. No caso da velhice, “os contatos sociais, para muitos idosos, tendem a se tornar rarefeitos. Assiste-se, então, a um progressivo esvaziamento de papéis, fato que determina crescente isolamento ou recolhimento ao espaço doméstico” (FERRIGNO, 2013, p. 53) ou, ainda, para a institucionalização do idoso no asilo.

A seguir, passa-se a metodologia da pesquisa e às análises realizadas do questionário enviado aos estudantes de psicologia e das entrevistas realizadas com as professoras da rede pública.

III. METODOLOGIA

3.1 Pesquisa qualitativa e instrumentos de coleta de dados

Os primeiros registros de pesquisas entendidas como qualitativas surgiram no início do século XIX (GODOY, 1995). Entre os anos de 1930 e 1960, houve um declínio de trabalhos de caráter qualitativo e a partir dos anos 1960 houve um “aumento do interesse pela abordagem qualitativa [que] também pode ser observado com o aparecimento de publicações (livros, artigos e revistas) voltadas para a teoria e a metodologia que dão sustentação a esse tipo de estudo” (GODOY, 1995, p. 61).

A pesquisa qualitativa difundiu-se com maior intensidade na década de 1990 e, esta pode ser entendida como um “termo “guarda-chuva” sob o qual estão abrigadas várias formas de investigação que auxiliam os pesquisadores no entendimento do sentido de fenômenos sociais, com menor ruptura possível do ambiente natural em que ocorrem”. Para Neves (1996, p. 01), “a expressão ‘pesquisa qualitativa’ assume diferentes significados no campo das ciências sociais. Compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados”.

Além disso, a pesquisa qualitativa não busca enumerar ou medir eventos estudados; não utiliza referencial estatístico na análise dos dados; permite ao pesquisador colocar-se no lugar do outro; consiste numa atividade situada e compreende o fenômeno estudado a partir dos significados que as pessoas (participantes da pesquisa) atribuem a ele (GODOY, 1995).

Segundo Godoy (1995) e Neves (1996) a pesquisa qualitativa possui a) o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave na realização da mesma; b) é descritiva; c) está preocupada com o processo e não simplesmente com os resultados; d) realiza-se análises indutivamente e; e) o significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa.

Neves (1996) também aclara que o desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa pressupõe um corte tempo-espacial, onde se delimita o tempo de pesquisa e o local a ser mapeado. Para este autor, “o trabalho de descrição tem caráter fundamental em um estudo qualitativo, pois é por meio dele que os dados são coletados” (NEVES, 1996, p. 01) e servirão como elemento de confiabilidade do trabalho. Para Chueke e Lima (2012):

A abordagem qualitativa entende que a realidade é subjetiva e múltipla, que ela é construída de modo diferente por cada pessoa. Assim, o pesquisador deve interagir com o objeto e sujeito pesquisado, a fim de dar vozes a eles para construir uma teia de significados. Para isso, os valores pessoais do pesquisador, ou seja, sua visão de mundo fará parte do processo

investigativo, sendo impossível desvincular-se dela (CHUEKE e LIMA, 2012, p. 65 - 66).

As características apresentadas acima são importantes para esta pesquisa, pois uma vez que o pesquisador fez parte do objeto pesquisado (disciplina “Conviver é uma arte”) seus valores pessoais tornar-se-ão ainda mais imbricados à realidade e às interpretações realizadas. Em continuidade, os autores acreditam que o papel do pesquisador qualitativo assemelha-se ao do intérprete e “para dar significados a esses ‘textos’, o pesquisador é influenciado por sua própria história de vida, por sua visão de mundo, pelo seu gênero, raça e cultura” (op. Cit., 2012, p. 66 - grifos dos autores).

Assim, aclarar os valores pessoais do autor vai ao encontro do que Godoy (2005) chamou de confiabilidade da pesquisa qualitativa. Para a autora, existem dois modelos de confiabilidade: confiabilidade externa e interna. No primeiro:

[...] é importante ter claro os papéis desempenhados e o status do pesquisador no grupo estudado. Também a seleção dos informantes deve ser feita a partir de critérios claramente estabelecidos, cuidando-se que haja uma caracterização detalhada deles. Acresce-se a isto a descrição cuidadosa dos contextos físicos, sociais e interpessoais onde o estudo ocorreu (GODOY, 2005, p. 83).

Percebe-se que a necessidade de apresentar todos os passos e seleções realizados pelo pesquisador durante o processo de construção da pesquisa, revelando não só seus posicionamentos, mas os critérios de seleção dos sujeitos participantes e o contexto de pesquisa. Já sobre o segundo modelo, confiabilidade interna, a autora discorre sobre os dados primários, neste trabalho oriundos do questionário e entrevistas realizadas, e a melhor maneira de apresentá-los a fim de que o leitor possa aceitar ou negar o que lhe é exemplificado e, principalmente, adaptar as etapas para aplicação em diferentes contextos. Assim, na confiabilidade interna deve-se:

[...] cuidar da qualidade dos dados primários (transcrições literais das entrevistas, descrições feitas por meio das notas de campo, registros de observações e uso de fontes documentais), os quais devem ser minuciosamente apresentados com o objetivo de fornecer as evidências que permitirão aos avaliadores e demais leitores aceitar, negar ou modificar as conclusões alcançadas (GODOY, 2005, p. 83).

Os critérios apresentados pela autora permitiram no desenvolvimento desta pesquisa um trabalho mais detalhado, uma melhor reflexão sobre a organização das etapas desenvolvidas e uma reflexão sobre as escolhas realizadas. Para isso, os instrumentos de coleta de dados

adotados são (a) entrevistas semiestruturadas e (b) questionário *online* (ambos em anexo ao final desta pesquisa de mestrado).

O primeiro instrumento possui como público-alvo as duas professoras participantes, uma responsável pela disciplina de Língua Portuguesa e outra de Artes. O objetivo com este instrumento consiste em identificar i) quais foram as motivações para iniciar a eletiva; ii) suas compreensões sobre a temática envelhecimento; iii) as dificuldades encontradas no percurso e suas vivências; iv) os desdobramentos profissionais e/ou pessoais advindos desta participação.

O contato com as professoras da rede se deu por meio de envio de mensagens via *whatsapp*, uma vez que já se tinha o contato das mesmas. Ressalta-se que as professoras demonstraram-se solícitas em ajudar e aceitarem realizar uma videochamada via *google meeting* para a realização da entrevista e a gravação do encontro.

Tendo em mente, o público-alvo deste instrumento pode-se mencionar que as vantagens e desvantagens da entrevista são:

Vantagens:

- a) Há maior flexibilidade, podendo o entrevistador repetir ou esclarecer perguntas, formular de maneira diferente; especificar algum significado, como garantia de estar sendo compreendido.
- b) Oferece maior oportunidade para avaliar atitudes, condutas, podendo o entrevistado ser observado naquilo que diz e como diz: registro de reações, gestos etc.
- c) Dá oportunidade para a obtenção de dados que não se encontram em fontes documentais e que sejam relevantes e significativos.
- d) Há possibilidade de conseguir informações mais precisas, podendo ser comprovadas, de imediato, as discordâncias.
- e) Permite que os dados sejam quantificados e submetidos a tratamento estatístico.

Desvantagens:

- a) Dificuldade de expressão e comunicação de ambas as partes.
 - b) Incompreensão, por parte do informante, do significado das perguntas, da pesquisa, que pode levar a uma falsa interpretação.
 - c) Possibilidade de o entrevistado ser influenciado, consciente ou inconscientemente, pelo questionador, pelo seu aspecto físico, suas atitudes, idéias, opiniões etc.
 - d) Disposição do entrevistado em dar as informações necessárias.
 - e) Retenção de alguns dados importantes, receando que sua identidade seja revelada.
 - f) Pequeno grau de controle sobre uma situação de coleta de dados.
 - g) Ocupa muito tempo e é difícil de ser realizada.
- (adaptado de OLIVEIRA; et. al., 2016).

Já o questionário possui como público-alvo todos os estudantes egressos do curso de psicologia que tenham participado da disciplina “conviver é uma arte” desde seu surgimento,

2016 até o ano de 2020. Os objetivos são iguais aos da entrevista e sua escolha ocorreu devido ao seu maior alcance se comparado ao primeiro instrumento e a possibilidade dos estudantes se manifestarem de forma mais livre, pois não há a necessidade da presença do pesquisador no momento de respondê-lo e seu caráter anônimo.

Foi averiguado que o total de estudantes egressos participantes da disciplina “Conviver é uma arte” no período selecionado foi de dezessete, dos quais puderam participar do estágio durante um ou dois anos. Deste total, um é o pesquisador autor desta dissertação e que não respondeu ao questionário e com quatro outros não foi possível contactar para envio do questionário, sendo que três dos mesmos se referem aos anos iniciais do projeto.

A aproximação com os outros doze estudantes egressos de psicologia foi feita de diversas formas: através de e-mail, redes sociais (instagram e facebook) e aplicativos de comunicação (whatsapp). As primeiras interações foram realizadas com contatos que o pesquisador possuía e ao longo da conversa os contactados ajudaram a encontrar os outros participantes. Assim, foram obtidas onze respostas dos doze participantes localizados. A seguir apresenta-se algumas vantagens e desvantagens desse instrumento:

Vantagens:

- a) Economiza tempo, viagens e obtém grande número de dados.
- b) Atinge maior número de pessoas simultaneamente.
- c) Abrange uma área geográfica mais ampla.
- d) Obtém respostas mais rápidas e mais precisas.
- e) Há maior liberdade nas respostas, em razão do anonimato.
- f) Há mais segurança, pelo fato de as respostas não serem identificadas.
- g) Há menos risco de distorção, pela não influência do pesquisador.
- h) Há mais tempo para responder e em hora mais favorável.

Desvantagens:

- a) Percentagem pequena dos questionários que voltam.
 - b) Grande número de perguntas sem respostas.
 - c) Impossibilidade de ajudar o informante em questões mal compreendidas levando a uma uniformidade aparente.
 - d) Na leitura de todas as perguntas, antes de respondê-las, pode uma questão influenciar a outra.
 - e) A devolução tardia prejudica o calendário ou sua utilização.
- (adaptado de OLIVEIRA; et. al., 2016).

Dessa forma, percebe-se que ambos os instrumentos possuem vantagens e desvantagens que precisam ser levadas em consideração na escolha dos mesmos. Vale ressaltar também, que o desenvolvimento de ambos instrumentos aconteceu de forma *online*, principalmente, por causa da pandemia do COVID-19 e a necessidade de isolamento social. A seguir apresenta-se o método de análise empregado nesta pesquisa de mestrado.

3.2 Método de análise dos dados coletados

Os materiais produzidos pelos participantes serão analisados a partir das ideias da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2009). Para esta autora, a análise de conteúdo consiste em um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Triviños (2011) ao mencionar tal método para a pesquisa qualitativa esclarece que:

[A] ideia essencial da delimitação do conceito que analisamos é a da “inferência” que pode partir das informações que fornece o conteúdo da mensagem, que é o que normalmente ocorre, ou de premissas que se levantam como resultado do estudo dos dados que apresenta a comunicação. De todas as maneiras, em ambas as situações a informação surge da apreciação objetiva da mensagem (TRIVIÑOS, 2011, p. 160).

Segundo Silva e Fossá (2015, p. 02), “a análise de conteúdo é uma técnica de análise das comunicações, que irá analisar o que foi dito nas entrevistas ou observado pelo pesquisador. Na análise do material, busca-se classificá-los em temas ou categorias que auxiliam na compreensão do que está por trás dos discursos”. Em outras palavras, trata-se de um conjunto de instrumentos metodológicos, em constante aperfeiçoamento, que se presta a analisar diferentes fontes de conteúdos (verbais ou não-verbais).

Para a realização desta “inferência” Bardin (2009) propõe três etapas: a) pré-análise; b) exploração do material e descrição analítica; c) tratamento dos resultados e interpretação referencial. A primeira etapa consiste na organização de todo material coletado a partir da criação de um corpus, realização do processo de leitura flutuante, formulação de hipóteses e preparação do material para etapas seguintes. Bardin (2009, p. 100) reforça que “desde a pré-análise devem ser determinadas operações de recorte do texto em unidades comparáveis de categorização para análise temática e de modalidade de codificação para o registo dos dados”.

Silva e Fossá (2015, p. 03-04) ressaltam “a necessidade de preparação do material, a qual constitui-se como uma fase intermediária, que compreende a reunião de todo material para tratar as informações coletadas (gravações, observações, etc), com vistas à preparação formalizada dos textos”.

A segunda etapa, exploração do material e descrição analítica, é quando se inicia os procedimentos de codificação, classificação e categorização. Nesta pesquisa, optou-se por dois processos de codificação, sendo eles, o de personagens e o de tema. No primeiro, os sujeitos da pesquisa são selecionados como unidades de registo, especificamente, por um lado as informações registradas junto às professoras e por outro junto aos estudantes de psicologia. Já o segundo, consiste em “descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõem a comunicação e

cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (BARDIN, 2009, p. 105). É importante destacar que:

Nessa fase, o texto das entrevistas, e, de todo o material coletado, é recortado em unidades de registro. Tomar-se-ão, como unidades de registro, os parágrafos de cada entrevista, assim como textos de documentos, ou anotações de diários de campo. Desses parágrafos, as palavras-chaves são identificadas, faz-se o resumo de cada parágrafo para realizar uma primeira categorização. Essas primeiras categorias, são agrupadas de acordo com temas correlatos, e dão origem às categorias iniciais. As categorias iniciais, são agrupadas tematicamente, originando as categorias intermediárias e estas últimas também aglutinadas em função da ocorrência dos temas resultam nas categorias finais (SILVA e FOSSÁ, 2015, p. 04).

Portanto, olhando para os dados coletados nesta pesquisa, após a transcrição das entrevistas e leitura exaustiva das mesmas e das respostas alcançadas pelo questionário obtém-se a seguinte organização:

QUADRO 7: Unidades de registro e categorias iniciais

Unidades de registro	Categorias Iniciais	Categorias Finais
Participação do estágio	Conhecimento do estágio / Elaboração da eletiva	Antes da eletiva - escolha do estágio e criação da eletiva
Trabalho com idosos asilados		
Indicação por outros estudantes de psicologia - Conhecimento do grupo em convivências		
Surgimento da disciplina eletiva – Língua Portuguesa e Artes		
Participação em projeto social - ações em asilos		
Presença dos pais idosos em casa		
Aumentar conhecimento – trabalho intergeracional	Objetivos dos estudantes de psicologia	Durante a eletiva - experiências e reflexões
Compreender o processo de envelhecimento		
Experiências relatadas pelos ex-participantes		
Ter um contato maior com a escola e os alunos		
Receptividade dos alunos e dos idosos	Experiências mais marcantes	
Preparo dos estudantes para as visitas		
Visita dos estudantes à universidade e ao asilo		
Reflexão sobre as dificuldades físicas na velhice		
Encontro dos grupos – gravação vídeo final		
Necessidade de mais interações	Reflexões sobre o que mudar no estágio / na eletiva	
Oferecer a disciplina para mais turmas		
Trabalhos com as professoras sobre crenças		
Planejar temáticas voltadas aos adolescentes		

Pensar os vínculos no contexto <i>online</i>		
Expandir perspectivas - maior sensibilidade	Contribuições à formação como psicólogo	Pós eletiva - contribuições
Ter um olhar e vivência para além dos manuais		
Compreender a intergeracionalidade		
Reflexão da visão que tinha dos avós	Contribuições à formação pessoal	
Quebra de estigmas sobre a adolescência e a velhice		
Novas possibilidades de aprendizados / sensibilidade		
Ampliação do processo de envelhecimento		
Velhice como sinônimo de história / lembranças	Concepções de velhice	Concepções de velhice
Experiência de vida		
Pessoa plena em seus direitos		
Algo em que o tempo agiu sobre		

FONTE: Elaboração própria.

Por último, a terceira etapa consiste no tratamento dos resultados e na interpretação referencial, ou seja, se destaca a reflexão do pesquisador, sua intuição e embasamento teórico utilizado na pesquisa como suporte para análises. Assim, “a análise comparativa é realizada através da justaposição das diversas categorias existentes em cada análise, ressaltando os aspectos considerados semelhantes e os que foram concebidos como diferentes” (SILVA e FOSSÁ, 2015, p. 04).

Corroborando com a temática, Oliveira (2008, p. 572), menciona que nesta etapa “busca-se, colocar em relevo as informações fornecidas pela análise, através de quantificação simples (frequência) ou mais complexas como a análise fatorial, permitindo apresentar os dados em diagramas, figuras, modelos etc”. Percebe-se que para a interpretação após a criação das categorias o pesquisador precisa estar imbuído do material e das informações coletadas e levar em consideração algumas características de boas categorias, são elas:

homogeneidade (não se misturam alhos com bugalhos); exaustividade (esgotam a totalidade do texto); exclusividade (um mesmo elemento não pode ser classificado em duas categorias diferentes); objetividade (codificadores diferentes devem chegar a resultados iguais); adequação ou pertinência (adaptadas ao conteúdo e ao objetivo do estudo) (OLIVEIRA, 2008, p. 573).

3.3. Contextualização – surgimento da eletiva e instituições participantes

O curso de psicologia da UNESP foi criado em 1966, possui duração de 05 anos, funciona no período integral (matutino e vespertino ou vespertino e noturno), recebe anualmente 45 estudantes e possui disciplinas do núcleo comum (total de 06 semestres) e disciplinas divididas em ênfases (total de 04 semestres) conforme demonstra o quadro a seguir:

QUADRO 8: Curso de psicologia da UNESP – Assis

	ATIVIDADE	CARGA HORÁRIA	TOTAL
NÚCLEO COMUM (6 semestres)	32 Disciplinas – 60 h		2.280
	1 Disciplinas – 180 h	2100	
	Estágio Básico - 180h	180	
ÊNFASE 1 (2 anos)	06 Disciplinas Obrigatórias – 60h	360	840
	Disciplina Optativa I – 120h	240	
	Disciplina Optativa II – 120h		
	Estágio Específico I – 120h	240	
	Estágio Específico II – 120h		
ÊNFASE 2 (2 anos)	06 Disciplinas Obrigatórias – 60h	360	840
	Disciplina Optativa I – 120h	240	
	Disciplina Optativa II – 120h		
	Estágio Específico I – 120h	240	
	Estágio Específico II – 120h		
Atividades Complementares		60	60
CARGA HORÁRIA TOTAL			4.020

FONTE: Projeto político pedagógico do curso de psicologia. Disponível em:
<https://www.assis.unesp.br/#!/ensino/graduacao/cursos/psicologia/informacoes/>

Conforme se pode observar no quadro cada ênfase possui disciplinas obrigatórias (04 no total) e um rol de disciplinas optativas no quarto e no quinto ano do curso. Entre as ênfases, o estudante de psicologia pode escolher: Ênfase 1: Processos Clínicos e Saúde Mental; Ênfase 2: Subjetividade, Trabalho e Administração do Social; Ênfase 3: Psicologia Social, Educação e Subjetividade; Ênfase 4: Políticas Públicas e Clínica Crítica.

A área de velhice e envelhecimento encontra-se na ênfase 03 e conta com uma disciplina obrigatória sobre esta temática, intitulada “Envelhecimento, Finitude e Subjetividade” e uma disciplina optativa no quarto e uma no quinto ano do curso, sendo elas respectivamente: “Envelhecimento e Processos de Subjetivação” e “Envelhecimento e Processos de Subjetivação - módulo avançado”.

No terceiro ano do curso o graduando em psicologia começa um estágio básico comum com o intuito observar algumas práticas da psicologia e a partir do sétimo semestre (quarto ano) inicia o estágio específico que segundo o projeto político do curso são

“desenvolvidos pelo aluno e estarão vinculados às disciplinas optativas das Ênfases e, portanto, com programas de ensino que contemplam as relações entre ensino, pesquisa e extensão”.

Dessa forma, a disciplina eletiva “Conviver é uma arte” surge no estágio desenvolvido pela disciplina “Envelhecimentos e Processos de Subjetivação” realizando: a) um projeto de extensão em parceria com uma escola pública da rede de ensino estadual da cidade de Assis e um asilo municipal, chamado “Psicologia e Envelhecimento: atuação junto a idosos asilados sob a perspectiva grupal e intergeracional”, aprovado e cadastrado pela Pró-Reitoria de Extensão da UNESP e b) a pesquisa “O asilo, a escola e a universidade: a intergeracionalidade como potência para a promoção da vida”, estudo desenvolvido ao longo do ano de 2018, com financiamento da Pró-Reitoria de Pesquisa (PROPE), junto ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq).

Os estágios específicos possuem uma característica em comum: buscam ir ao encontro do tripé universitário da Unesp “ensino-pesquisa-extensão”, objetivo que norteia as práticas dentro da Universidade Pública e suas atividades desenvolvidas. Em continuidade, focou-se em exemplos de atividades realizadas no núcleo de estágio “Envelhecimento e Processos de Subjetivação”.

Este núcleo trabalha com assuntos acerca de envelhecimento e grupalidade, sendo ministrado pela professora Dr^a. Mariele Rodrigues Correa. Os encontros de supervisão do estágio aconteciam semanalmente, começando após o almoço e terminando próximo ao começo da noite. Nesse núcleo específico de estágio cinco frentes eram trabalhadas e os estagiários se revezavam para conhecer diferentes práticas e ambientes, sendo possível optar por mais de uma.

A primeira das frentes desenvolvidas se dava no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) da cidade vizinha de Assis, Cândido Mota, onde os estagiários realizavam atividades grupais com os idosos que frequentavam o local. A segunda frente abarcava as práticas da UNATI (Universidade Aberta à Terceira Idade), programa que promove cursos e oficinas na UNESP direcionados ao público idoso e que objetiva a inserção de tal população no espaço da universidade, principalmente através de interações entre estudantes universitários e atividades didáticas e artístico-culturais, possibilitando um espaço de convivência e troca de experiências.

A terceira frente era a de práticas grupais com os idosos do asilo de Assis, que promovia oficinas tanto na UNESP quanto no asilo. A quarta frente, por sua vez, realizava acompanhamentos terapêuticos com alguns idosos, dentro do próprio ambiente asilar de

forma particular e/ou individual. A quinta e última frente era a das práticas na eletiva “Conviver é uma arte” e que buscava a interação entre diversas gerações e a discussão sobre envelhecimento de forma transversal conforme anuncia-se durante toda esta pesquisa.

É interessante notar, que dentro de cada uma das cinco frentes do estágio, os diferentes recortes do processo de envelhecer e que cada qual possui suas singularidades e pluralidades indo ao encontro do fato de que ao se discutir velhices há de se falar no plural. O grupo que frequentava a UNATI, por exemplo, era composto geralmente por idosos e idosas de maior poder aquisitivo, com mais disposição e mais saúde física etc; enquanto no asilo, encontravam-se idosos e idosas em situações de vulnerabilidade social, sendo bem diferentes daqueles da UNATI; e, ainda, a frente que desenvolvia trabalhos no CRAS de Cândido Mota geralmente encontrava uma vivência bem diferente, mais rural, distante da vida urbana e com características particulares referentes a tal contexto.

Para se compreender a criação da disciplina “Conviver é uma arte” é importante entender que as disciplinas eletivas fazem parte do programa de ensino integral, e seguem preceitos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como matemática, português, história, geografia, entre outras. Contudo, devem trazer temáticas mais amplas e que não costumam ser discutidas nas disciplinas comuns. Nas eletivas, os professores elaboram o funcionamento semestral da disciplina e apresentam sua proposta aos alunos em todas as salas de aula.

Na eletiva “Conviver é uma arte” o público alvo consiste nos estudantes do ensino fundamental II, no caso, os estudantes do sexto e sétimo ano (com idade entre 11 e 12 anos) compõem um grupo e os dos oitavos e nonos anos (com idade entre 13 e 14 anos) compõem o outro. Os adolescentes, por sua vez, escolhem a disciplina eletiva dentre as oferecidas, baseados nas que julgam mais interessantes e que apresentam disponibilidade de vagas.

Neste processo, uma das professoras relata que, na busca por temáticas a serem oferecidas em sua disciplina eletiva, encontrou um trabalho anterior realizado por uma professora de história dentro de asilos, o qual buscava estimular a interação do que era aprendido com os alunos nas aulas de história com idosos, que por sua vez, contavam suas histórias e podiam trazer seus pontos de vista sobre acontecimentos passados. Ela relata o interesse que teve pela temática:

E aí eu pensei assim, poxa vida, né? **E se fizesse uma eletiva do convívio do adolescente com o idoso do asilo, né?** [...] eu inicialmente coloquei no Google “convívio de um idoso e adolescente” e eu encontrei crianças. É, creche, ensino fundamental I, uns de 5 anos, 6 anos que iam no asilo para

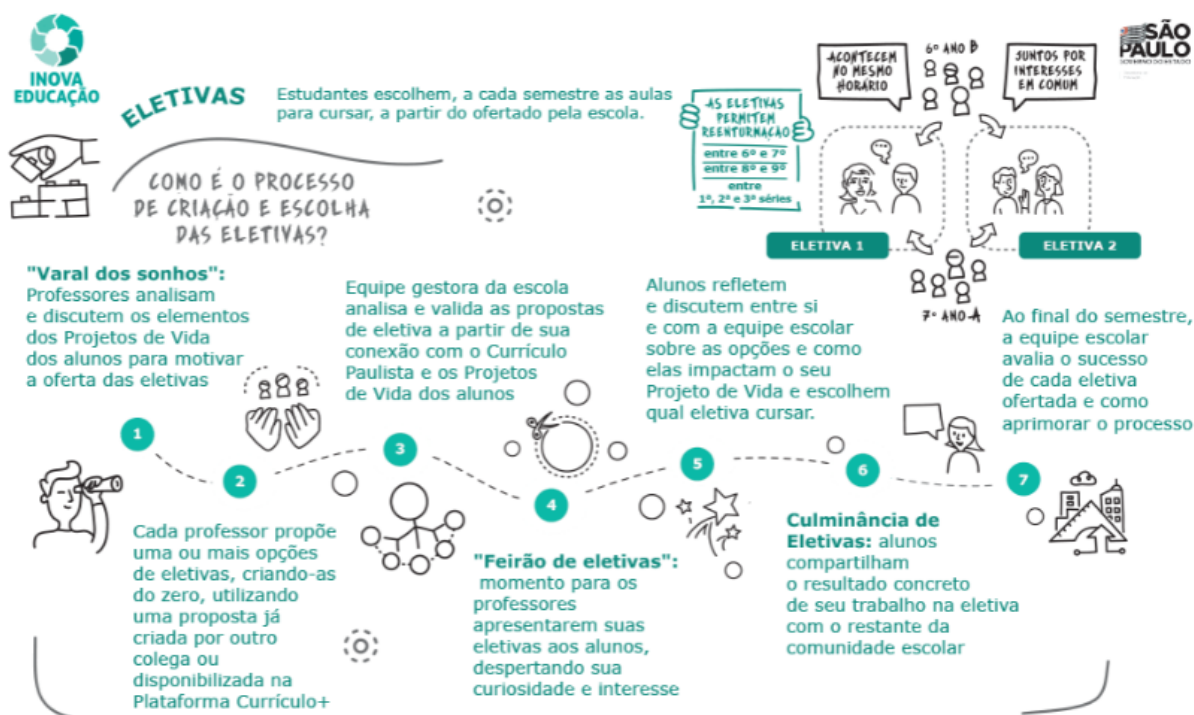
cantar ou que os idosos pegavam as crianças no colo. Mas de adolescente, tirando dessa moça de história, não tinha mais nada, né? (Professora Cora.)

A partir desta curiosidade inicial, foi feito o convite para a professora de arte, que concordou com a ideia. O próximo passo foi o contato com a professora da UNESP que trabalhava a temática do envelhecimento no curso de psicologia (ensino), realizava pesquisas e possuía um projeto de extensão sobre este tema e inclusive o incorporou na supervisão do estágio realizado na graduação. Assim, foi estabelecida a parceria e o projeto “Conviver é uma arte” foi tomando forma, como segue no relato da outra professora envolvida:

Foi muito bacana, a gente logo já escreveu o projeto. A gente se reuniu, eu lembro se reuniu lá na escola, os estagiários também foram. E a gente colocou tudo no papel, o que a gente queria, né? E aí a gente apresentou para os alunos, né? Porque os alunos escolhem, né, porque é uma disciplina eletiva (Professora Frida.)

A geografia do funcionamento das eletivas pode ser observada na figura abaixo, retirada do site governo do estado de São Paulo:

FIGURA 4: Funcionamento das disciplinas eletivas



FONTE: <https://inova.educacao.sp.gov.br/anos-finais-e-ensino-medio/eletivas/>

A eletiva “Conviver é uma arte” foi pensada durante o primeiro semestre de 2016 para iniciar suas atividades no segundo semestre de mesmo ano. De forma piloto, foi montado um cronograma, dentro do ambiente escolar, junto da presença de estagiários e da professora coordenadora responsável pelo estagio na UNESP. Considerando que os encontros da disciplina eletiva eram realizados uma vez por semana, a divisão foi feita da seguinte maneira: nos primeiros encontros, estagiários e as professoras da educação básica ficariam com os alunos na escola, discutindo a temática do envelhecimento e preparando-os para os próximos encontros.

Depois, os alunos iriam até o asilo, onde eram realizadas interações, conhecimento do ambiente e da realidade dos idosos institucionalizados; a priori tendo auxílio de outros estagiários de psicologia que eram designados para atividades voltadas somente ao asilo, em razão do núcleo de estágio sobre o envelhecimento ter diversas frentes. Em outras semanas, os idosos que possuíam condições de saúde e locomoção iam até a escola para conhecer o ambiente dos alunos e também realizar algumas atividades. Além desses momentos, dois encontros aconteceriam na UNESP, para os estudantes e idosos conhecerem o ambiente universitário.

Ao final do semestre, ocorre o chamado “dia da culminância”, onde é feito o fechamento das disciplinas eletivas e realizado dentro do ambiente escolar um festival, no qual cada eletiva compartilha o que aprendeu ao longo do semestre com apresentações culturais e salas temáticas.

Vale destacar que os encontros buscavam a elaboração de relatos escritos que auxiliassem na habilidade escrita dos alunos, objetivo da professora que lecionava aulas de Português. Também havia intenções de, a partir da disciplina, se discutir produção artística e história da arte, posto que a outra professora participante lecionava a matéria de artes, fato este que inspirou o nome da eletiva como relatado a seguir:

As crianças vão conviver com uma outra geração, né? Com pessoas de mais idade, né? Então, **como era com arte e conviver é uma arte, né? Porque você tem que respeitar, você... você conhece histórias, é uma arte mesmo, né?** Nós acabamos escolhendo esse nome, “Conviver é uma arte” e deu super certo. (Professora Frida.)

A professora Frida relata interesse pela temática do envelhecimento por sentir ser algo presente na vida dos estudantes, uma vez que, dentro da escola, existem alunos de configurações familiares das mais variadas e a convivência com idosos acaba sendo muito presente, ainda que não seja muito discutida ou que hajam de fato interações dentro do mesmo

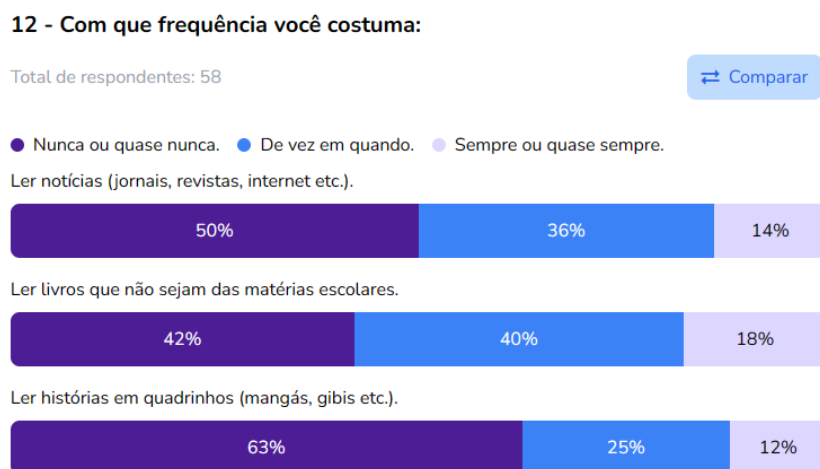
espaço e cotidiano. Durante o período de apresentação das disciplinas eletivas, as professoras realizaram uma dinâmica para despertar a atenção dos alunos:

Porque já teve várias disciplinas objetivas que não dá fala, entendeu? Poucos alunos escolhem e tem que ser um tema interessante, né. E como fazer o aluno se interessar né, pela disciplina? Então tinha que ser uma forma de apresentação bem dinâmica. Então **a K. se vestiu de pessoa idosa, colocou chale, colocou óculos, eu conversava com ela, ela não escutava direito. Então a gente fez uma representação teatral assim, uma esquete**, sabe, rapidinho e chamou a atenção dos alunos. (Professora Frida.)

Os alunos demonstraram grande interesse pela eletiva, fato indicado pela enorme procura e pelos relatos de que as inscrições da disciplina logo se esgotaram, o que surpreendeu até as próprias professoras: de 30 participantes possíveis, houve 150 inscritos. Sobre a escola, além de funcionar como ensino integral, das 07h às 17h, conta com aproximadamente 400 estudantes divididos entre o ensino fundamental II (de 11 a 14 anos) e o ensino médio (de 15 a 17 anos).

Em consulta ao Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) de 2021¹, identificou-se que dos estudantes do 9º, 20% afirmam ter os avós morando em casa, 14% dizem que há pouca conversa em casa sobre a escola e 12% não possuem água tratada em casa. Chama a atenção no questionário o fato também de 33% não possuírem computador ou notebook para estudo ou lazer, 55% não fazerem nenhum curso em seu tempo livre e não possuírem o hábito de leitura como demonstra a pergunta número 12 do questionário:

GRÁFICO 1: Hábitos leitores dos alunos do 9º ano participantes da eletiva



FONTE: <https://gedu.org.br/escola/35033200-jose-augusto-ribeiro/questionarios-saeb/alunos-9ano>

¹ O questionário está disponível em <https://gedu.org.br/escola/35033200-jose-augusto-ribeiro/questionarios-saeb/alunos-9ano>. Como a disciplina eletiva aconteceu com o ensino fundamental II e o sistema de avaliação da educação básica acontece ao término do ciclo olhou-se apenas para as respostas do 9º ano.

Muitas das respostas obtidas pelo questionário SAEB podem ser justificadas pela localização geográfica da escola, pois a mesma encontra-se num bairro afastado do centro da cidade. Embora a cidade tenha uma biblioteca pública, oferta curso de línguas estrangeiras de forma gratuita no Centro de Estudo de Línguas (CEL²) e possua um projeto de fomento a cultura chamado “Ponto de Cultura Galpão Cultural³”, todas essas ações estão no centro da cidade dificultando a ida dos estudantes até tais estabelecimentos.

A distância da escola até a UNESP era outro empecilho para que os alunos participassem de ações desenvolvidas neste contexto e ao realizar o deslocamento dos adolescentes até a UNESP a alternativa mais utilizada pelos motoristas da prefeitura era ir por fora da cidade. Tal trajetória, fazia surgir em diversos semestres, por parte dos adolescentes, o questionamento se a universidade era localizada na cidade de Assis ou em outra cidade.

No começo de 2016, os estagiários que estavam na frente que realizava o trabalho no asilo iam até o local em um dia da semana diferente do outro grupo que tinha sua prática concentrada na escola, possibilitando que alguns participassem de ambos, tendo um maior contato com os idosos. Assim, havia grupos de estagiários que frequentavam os dois cenários (asilo e escola), porém, essa característica foi identificada apenas no começo da eletiva, nos anos subsequentes o dia de realização dos estágios coincidiu obrigando que os estagiários escolhessem uma ou outra atividade.

Além da parte prática, o núcleo de estágio “Envelhecimento e Processos de Subjetivação” também reserva um tempo para a realização de discussões teóricas. A professora responsável trazia textos e materiais de diversas abordagens da psicologia e motivava aos estagiários para que as discussões aconteçam de maneira livre, como forma de unir a teoria com a prática obtida nas diferentes frentes do estágio, a fim de permitir diferentes visões de como abordar os assuntos pertinentes às vivências dos estagiários, como por exemplo, o acompanhamento terapêutico realizado com alguns idosos no asilo, além dos temas relacionados à velhice e intergeracionalidade trabalhados na disciplina eletiva etc.

Como forma de organização da eletiva “Conviver é uma arte”, a professora doutora responsável costumava manter um estagiário do último ano da graduação junto da nova turma ingressante, para que este pudesse compartilhar as experiências obtidas durante sua vivência no estágio. Contudo, no ano de 2018, isso não foi possível na eletiva, uma vez que, a turma de

² Para saber mais sobre os CELs acesse: <https://www.educacao.sp.gov.br/centro-estudo-linguas>.

³ Para saber mais acesse: <https://www.facebook.com/galpaoculturalassis/>.

estagiários que ingressou era composta totalmente por novos estagiários, o que resultou uma nova tonalidade para a interação e discussões grupais.

Com o cronograma semestral elaborado, confirmada as datas de ida ao asilo e a universidade, bem como, quais estagiários participariam passa-se para os encontros em sala de aula. No contato inicial com os adolescentes era aplicado um questionário a fim de investigar o imaginário em relação à velhice, são exemplos das perguntas utilizadas “o que é ser idoso para você?”, “o que a palavra ‘velho’ te faz lembrar?” e “com quantos anos você se considera velho?”

FIGURA 5: Questionário inicial aplicado aos estudantes

série 6^ºB
05/09/2019

Perguntas

- 1) Para você, o que é ser idoso(a)?
Para mim ser idoso é quando você está apodrecendo e quando você completa 60 anos de idade.
- 2) A partir de que idade você considera uma pessoa como idosa?
a partir dos 60 anos
- 3) Como você planeja estar aos 65 anos?
Profissionalmente eu planejo estar ~~idosa~~ e de cabelo ~~de branco~~
- 4) Na família eu imagino ~~em~~ eu casada com filhos e muito feliz e com muita prosperidade também
- 4) Escolha uma palavra que resuma o que é o idoso para você infelicidade
- 5) Você deverá fazer um desenho neste quadro abaixo que represente a velhice.

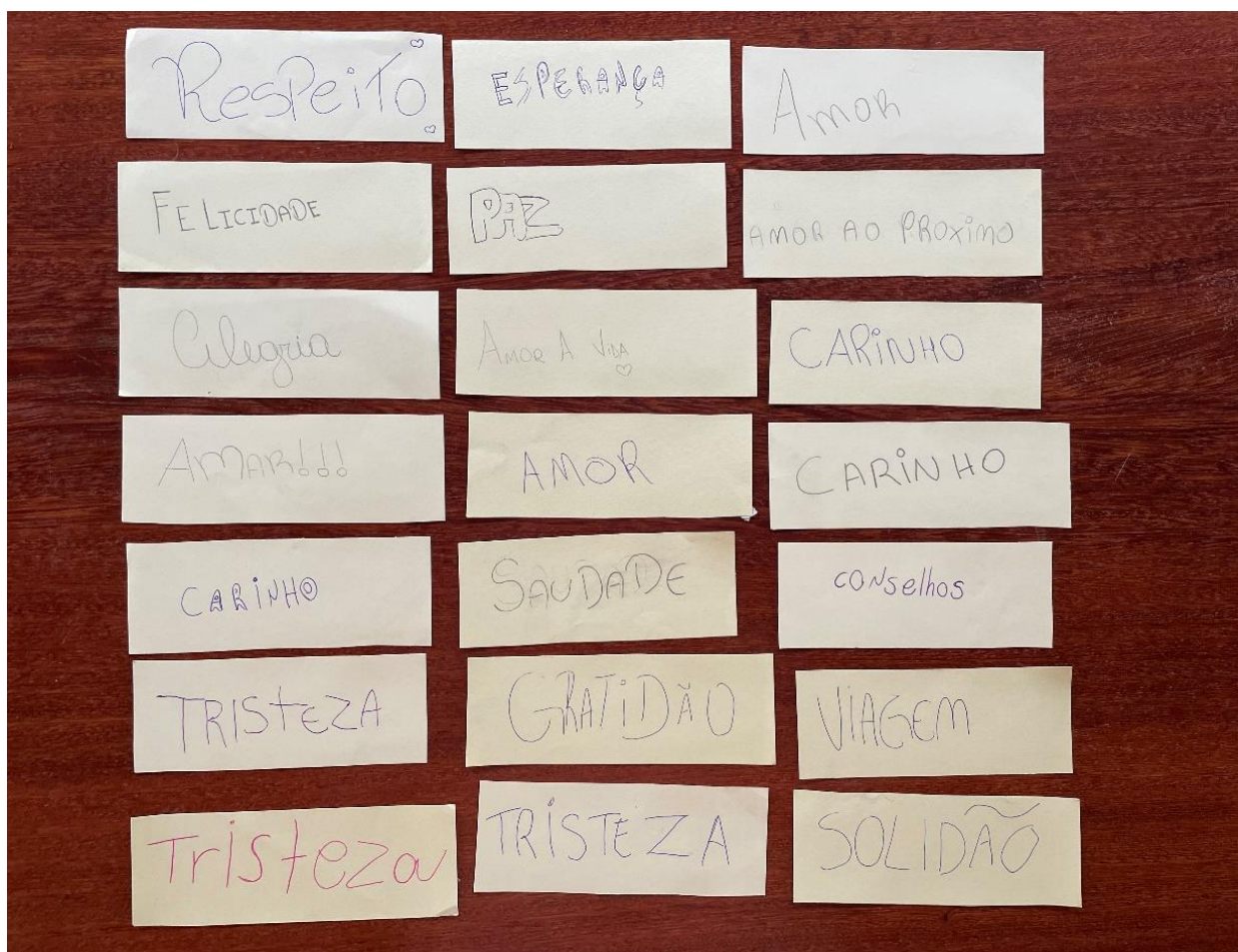
Idoso é você ser feliz, dar amor, e ter carinho por todos e você tem sempre que ter tudo isso com idade você tem que dar amor, carinho e deixar sempre feliz.



FONTE: elaboração própria

Outra técnica utilizada no começo da eletiva era escrever em um pedaço de cartolina e colar na lousa as palavras que os adolescentes lembravam ao ouvir o termo “velho” para melhor visualização da turma e estímulo (ponta pé inicial) para uma discussão em grupo.

FIGURA 6: Cartolina com atividade realizada em sala



FONTE: elaboração própria

Os estagiários, que traziam um olhar mais aguçado da temática e um arcabouço teórico maior sobre o assunto, introduziam as discussões com os adolescentes em conjunto com as professoras. Este processo inicial costumava envolver de 2 a 3 encontros, um exemplo de preparação foi a atividade aplicada em sala de aula sobre o Profeta Gentileza que visava apresentar um artista velho e discutir o processo de criação artística, as diversas linguagens da arte e o significado da palavra gentileza pontuando sua importância para a relação com o outro. A figura a seguir apresenta a atividade realizada em sala de aula:

FIGURA 7: Atividade sobre o Profeta Gentileza

Habilidades: Compreender o que é Processo de Criação e como as várias linguagens da Arte se conectam. Nº: _____

Tema: Profeta Gentileza

Objetivo da aula:
 Leitura da frase
 Roda de Conversa sobre “Ser gentil”
 Vídeos: 1 – Gentileza
 2- Conhecendo o Profeta.
 3 – Entrevista – Jô Soares – “Incêndio no Circo”
 4 - Música: Gentileza- Marisa Monte

FRASE: ***“GENTILEZA É O REMÉDIO PARA TODOS OS MALES”.***

Música: Gentileza - Marisa Monte

Apagaram tudo
 Pintaram tudo de cinza
 A palavra no muro
 Ficou coberta de tinta
 Apagaram tudo
 Pintaram tudo de cinza
 Só ficou no muro
 Tristeza e tinta fresca
 Nós que passamos apressados
 Pelas ruas da cidade
 Merecemos ler as letras
 E as palavras de gentileza
 Por isso eu pergunto
 A você no mundo
 Se é mais inteligente
 O livro ou a sabedoria
 O mundo é uma escola
 A vida é o circo
 "Amor: palavra que liberta"
 Já dizia o profeta

Quem foi o Profeta Gentileza



► José Datrino, chamado Profeta Gentileza, (Cafelândia, São Paulo, 11 de abril de 1917 — Mirandópolis, São Paulo, 29 de maio de 1996) tornou-se conhecido a partir de 1980 por fazer inscrições peculiares sob um viaduto no Rio de Janeiro, onde andava com uma túnica branca e longa barba.

FONTE: elaboração própria

A partir do nome do poeta abordou-se o conceito de gentileza e foi possível questionar os alunos sobre a importância dessa palavra na convivência com o outro, ou seja, o trabalho

possibilitou melhor prepará-los para os encontros com os idosos, salientando a importância de escutar e ser escutado. Nesse momento, a equipe lembrava que estava à disposição para ouvi-los em suas críticas e desejos em relação à eletiva e que, os mesmos, deviam respeitar e serem respeitados.

Outro método de preparação para o contato inicial era a produção de cartas, o que aguçava a curiosidade dos alunos em descobrir qual era o idoso que produziu cada texto, sendo um incentivo para o início de uma conversa. As figuras a seguir ilustram duas cartas escritas pelos idosos e enviadas aos estudantes:

FIGURA 8: Carta 01

Assis
12, de Setembro de 2019.

Amiga,

Eu, [nome], trabalhei na escola como professor, subi de cargo e virei diretor. Eu gostava de trabalhar lá.

É bom tomar cuidado pra ir pra escola, pois a rua é perigosa e até já entrei bandido na escola, eu era aluno e depois disse minha mãe me levou pro Cândido

Nota.

Depois, quando fiz 18 anos tive a carta. E trabalhei aqui perto mesmo, em Marília e Chopará. E com 22 anos trabalhei em Jau e São Paulo, e Rio de Janeiro, como motorista de ambulância e levava as pessoas para essas cidades.

Eu gosto de desenhar e pintar, principalmente ambulâncias, cochonões, os domem com macho de na mão, cortando lenha; cavalo

FONTE: elaboração própria

FIGURA 9: Carta 02 (frente)

Aziz, 12 de setembro de 2019.

Olá, meu nome é [redacted] não sei quantos anos tenho.

Gosto de fazer crochê e gostaria muito de te conhecer. Eu moro no asilo faz 3 anos e adoro o lugar. Gosto de todo mundo de lá. Moro no mesmo quarto que [redacted] e amo ela.

Eu prefiro o calor e estou gostando muito do clima de agora. Como de tudo, mas prefiro comida salgada.

Uma vez fui a praia com meu irmão [redacted], estava muito quente.

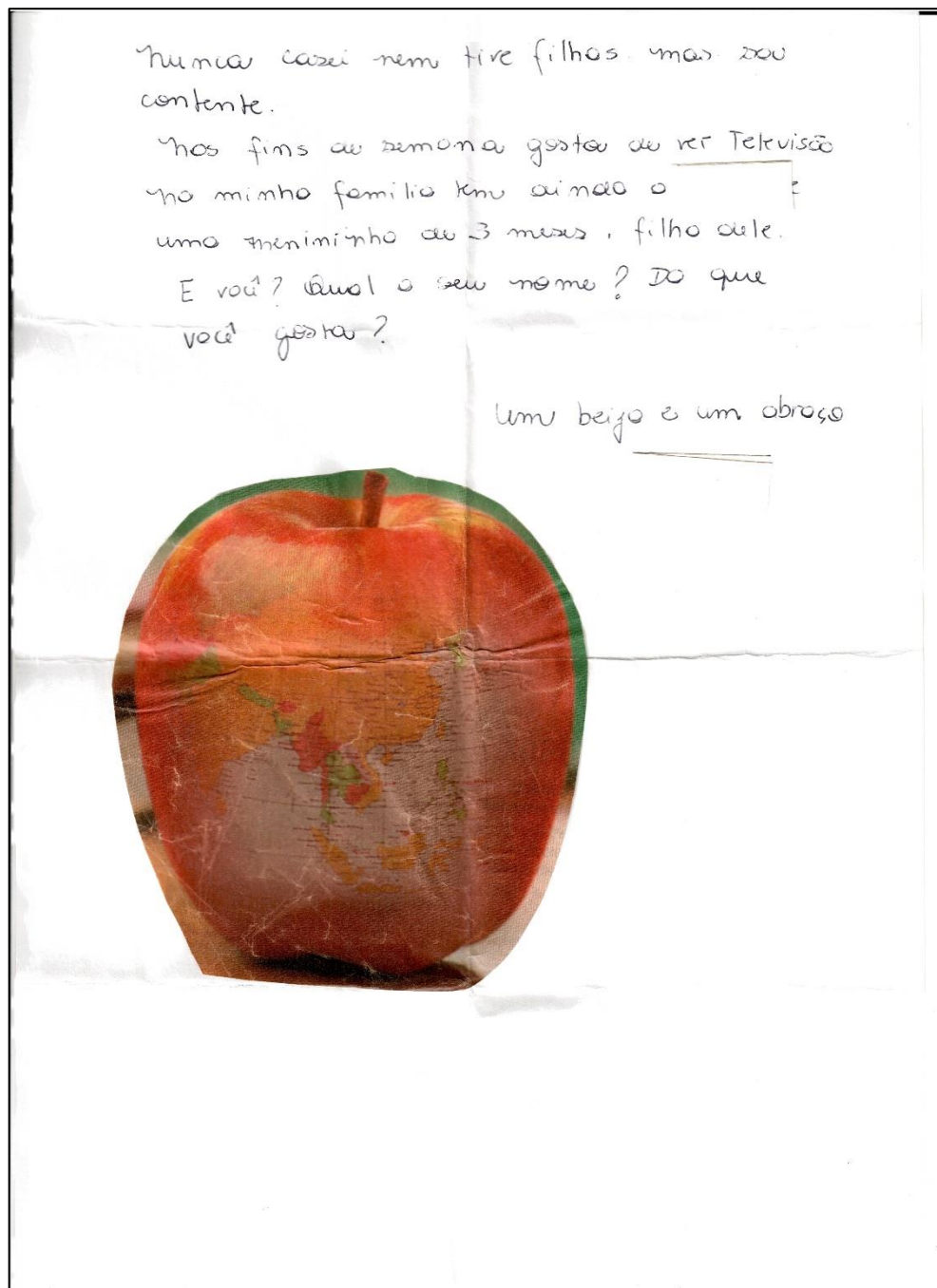
Ero perto de Curitiba. Lá eu morei bastante e comi bastante comida. Fui em uma Quinta e voltei no sábado.

Faz muito tempo, morei que morei em uma cidade perto de Prudente.

Três morava com meus irmãos, eu era a irmã do meio, o número da casa era 143.

Meu irmão mais velho era o [redacted] ele virou médico. Depois vim eu, [redacted], também trabalhei em casa e [redacted] virou advogado.

FIGURA 10: Carta 02 (verso)

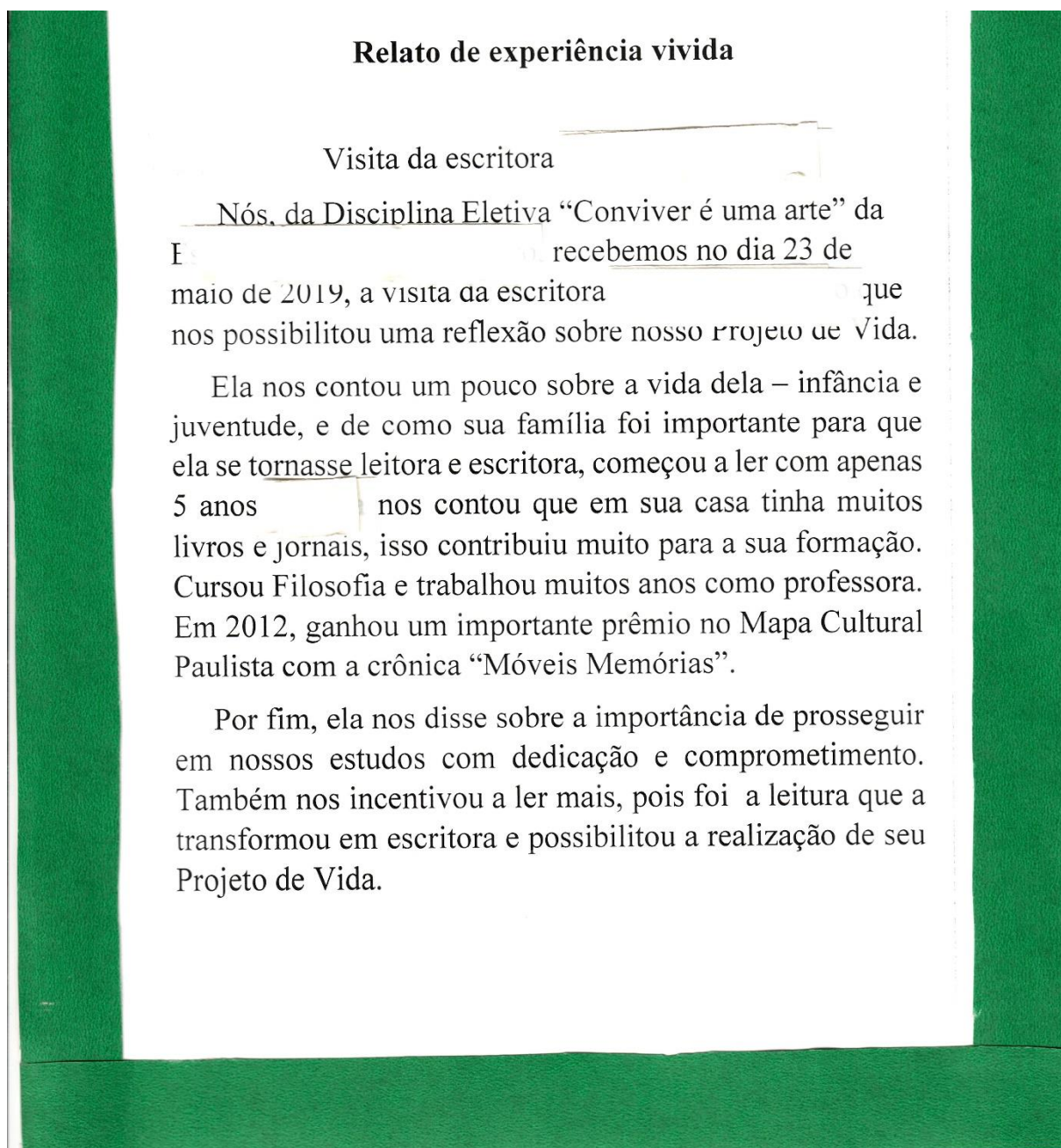


FONTE: elaboração própria

Em alguns semestres, também foram utilizadas perguntas iniciais para realização de uma entrevista com os idosos, o roteiro possuía algumas perguntas norteadoras sobre gostos musicais, preferências culinárias e o pedido de compartilhamento de histórias marcantes. Essa atividade foi interessante porque permitiu que um dos alunos conhecesse uma idosa moradora do asilo que era escritora e tinha ganhado um prêmio com uma crônica. A partir desse relato,

organizou-se na escola uma convivência para a idosa relatar sua experiência e trajetória, incentivando a leitura, a escrita e na busca de seus sonhos.

FIGURA 11: Narrativa escrita por um estudante – visita da escritora

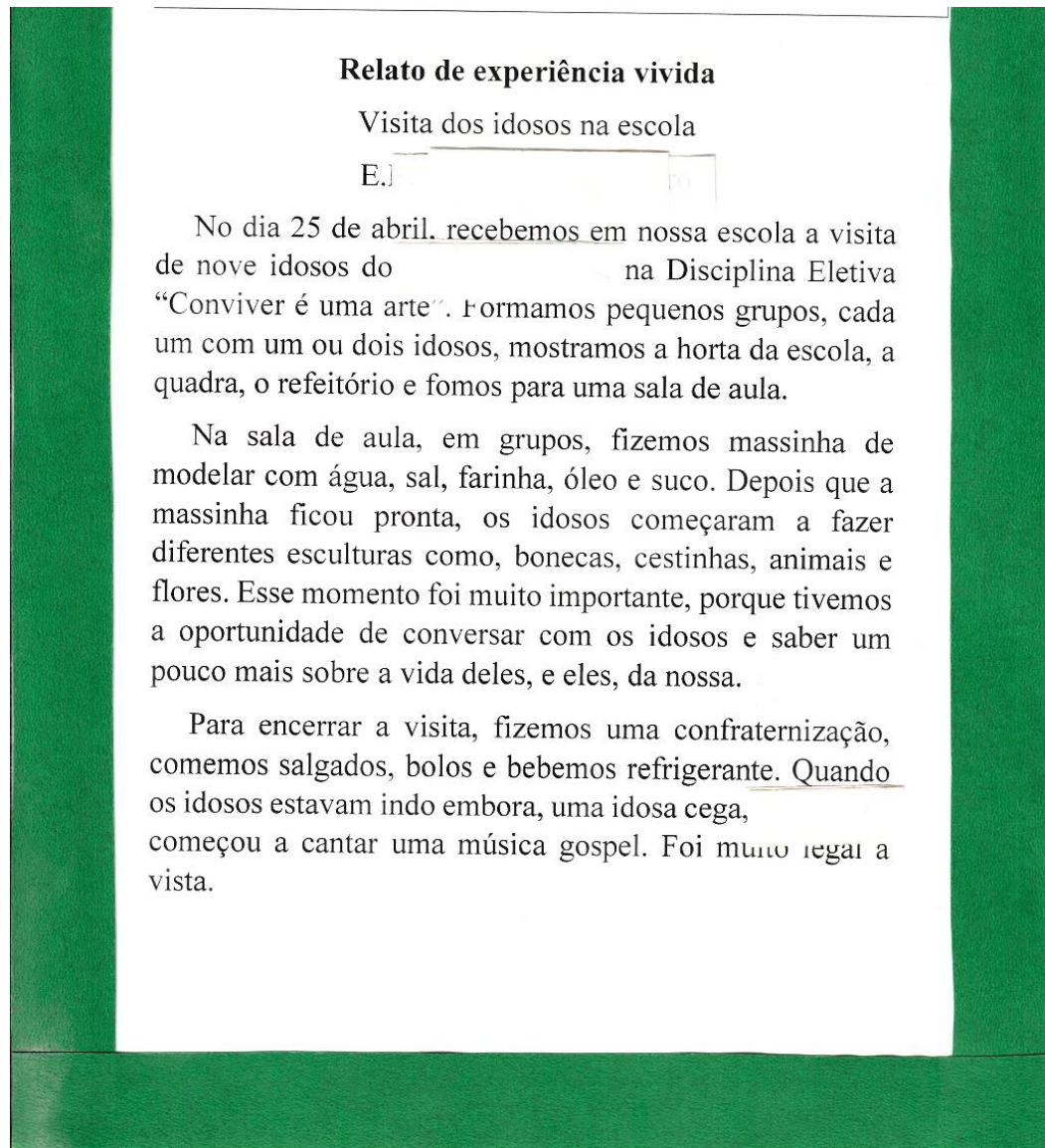


FONTE: elaboração própria

Posteriormente, eram realizadas visitas ao asilo e também à UNESP, todos seguindo o cronograma previamente combinado. No decorrer da disciplina eletiva havia a produção de relatos por parte dos adolescentes, item obrigatório e guiado pela professora de Português que,

junto das experiências obtidas das visitas, trabalhava com os alunos a prática da escrita através dos relatos.

FIGURA 12: Narrativa escrita por um estudante – visita dos idosos



FONTE: elaboração própria

Outra atividade proposta pela professora de Português dentro da eletiva foi trabalhar a obra da escritora Cora Coralina. Trazendo alguns de seus textos para os adolescentes, pôde-se discutir a importância da escritora e de sua obra, bem como, estabelecer paralelos com o assunto que norteava a disciplina, a velhice, posto que seu primeiro livro foi publicado em 1965 quando a autora tinha 75 anos. Isso permitiu ampliar as discussões tanto da matéria quanto das possibilidades de envelhecimento e as visões que os adolescentes possuíam em relação a suas futuras etapas da vida.

A leitura da biografia da escritora permitiu aos estudantes conhecerem uma escritora idosa e dialogou de modo transversal com a temática velhice. Houve também o cumprimento das habilidades previstas na BNCC e sobre esta percebe-se que ela abrange um aspecto da língua portuguesa “escrita de narrativa” e um aspecto intergeracional “respeitar e valorizar as diferentes idades”. A seguir apresenta-se uma atividade com a biografia da escritora, a habilidade desenvolvida e os objetivos da aula:

FIGURA 13: Atividade sobre a escritora Cora Coralina

Habilidades: - Desenvolver o gênero da Narrativa /relato. Conhecer e aprender a respeitar e valorizar as diferentes idades.	Objetivo da aula: Biografia de Cora Coralina Leitura de Poemas Relatar oralmente e verbalmente a experiência vivida com os idosos na escola.
--	---



Biografia de Cora Coralina

Cora Coralina (1889-1985) foi uma poetisa e contista brasileira. Publicou seu primeiro livro quando tinha 75 anos.

Ana Lins dos Guimarães Peixoto, conhecida como Cora Coralina, nasceu na cidade de Goiás, em Goiás, no dia 20 de agosto de 1889. Coursou apenas até a terceira série do curso primário. Começou a escrever poemas e contos quando tinha 14 anos, chegando a publicá-los no jornal de poemas "A Rosa", em 1908.

Em 1910, foi publicado o seu conto "Tragédia na Roça" no "Anuário Histórico e Geográfico do Estado de Goiás", usando o pseudônimo de Cora Coralina. Em 1911, fugiu com o advogado divorciado Cantídio Tolentino Bretas. Em 1922 foi convidada a participar da Semana de Arte Moderna, mas foi impedida por Cantídio.

Em 1934, depois da morte do marido, Cora tornou-se doceira para sustentar os quatro filhos. Viveu por muito tempo de sua produção de doces, se achava mais doceira do que escritora. Considerava os doces cristalizados de caju, abóbora, figo e laranja, que encantavam os vizinhos e amigos, obras melhores do que os poemas escritos em folhas de caderno.

Já em São Paulo, em 1934, trabalhou como vendedora de livros na editora José Olímpio. Com 70 anos decidiu aprender datilografia para preparar suas poesias e entregá-las aos editores. Em 1965, aos 75 anos conseguiu realizar o seu sonho de publicar o primeiro livro, "O Poema dos Becos de Goiás e Estórias Mais". Em 1976, foi lançado seu segundo livro "Meu Livro de Cordel" pela editora Goiana. O interesse do grande público só foi despertado graças aos elogios do poeta Carlos Drummond de Andrade, em 1980.

Nos últimos anos de sua vida, sua obra foi reconhecida e foi convidada para participar de conferências e programas de televisão. Cora Coralina foi homenageada com o título de Doutor Honoris Causa da UFG. Foi eleita com o "Prêmio Juca Pato" da União Brasileira dos Escritores, como intelectual do ano de 1983, com o livro "Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha".

Cora Coralina faleceu em Goiânia, Goiás, no dia 10 de abril de 1985.

https://www.ebiografia.com/cora_coralina/

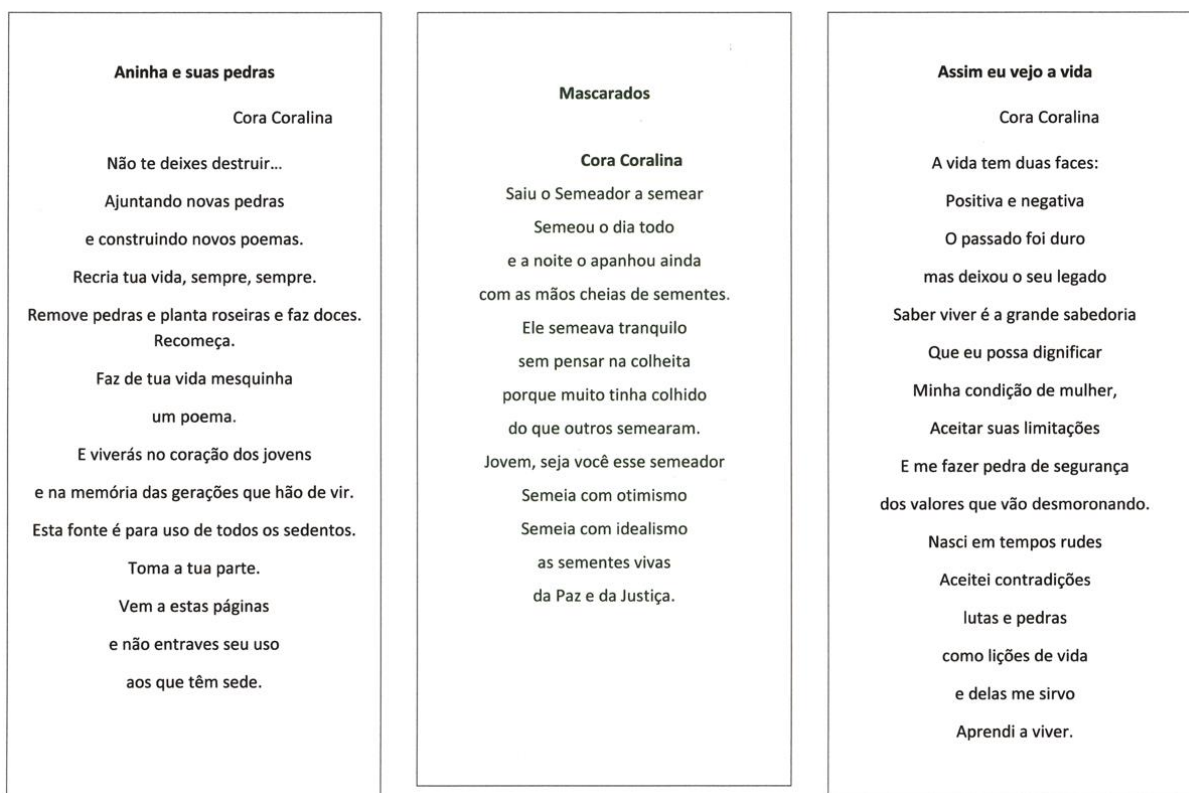
Alunos,

- 1) Você gostou de conhecer a vida da Cora Coralina?
- 2) Na leitura da Biografia o que você aprendeu sobre a vida dela?

Todo esse trabalho de leitura e escrita era acompanhado de um momento de discussão sobre as experiências dos estudantes junto aos idosos. Nessas discussões, estudantes, estagiários e professoras ressignificavam suas vivências proporcionando uma troca de visões e conhecimentos.

Além das atividades em prosa a professora de Português trabalhou também diferentes poemas que abordavam a temática da velhice, entre eles encontram-se Cora Coralina, Manoel de Barros, Mario Quintana etc. A seguir apresenta-se três poemas de Cora utilizados durante a aula sobre a escritora:

FIGURA 14: Poemas de Cora Coralina



FONTE: Elaboração própria

Em momentos oportunos e corroborando com a proposta do ensino de língua portuguesa, era aplicado em sala de aula uma atividade de correção dos textos produzidos pelos alunos. Nessa ocasião, era relembrando os diversos encontros passados com os idosos ao mesmo tempo em que era possível rever a escrita, redigir e ser claro e coerente na produção textual e comunicação.

FIGURA 15: Atividade de correção de alguns relatos (frente)

HABILIDADES: - Desenvolver as habilidades de compreensão/produção oral e escrita.
- Desenvolver o gênero da Narrativa /relato.

Objetivo da aula:

- ✓ Leitura da frase.
- ✓ Leitura inicial – reflexão sobre os Relatos de Experiência.
- ✓ Correção de um parágrafo.
- ✓ Relembrando o semestre, por meio das fotos.
- ✓ Produzir os relatos
- ✓ Avaliação final da eletiva.

Frase:
Devemos "ouvir o velho no nosso cotidiano profissional, na nossa vida familiar, no cinema, na rua, na literatura..."

Leitura inicial:
Seleção de partes de relatos produzidos pelos alunos da eletiva "Conviver é uma Arte".

RELATO 1

[...] na quinta-feira dia 19 de abril fomos ao asilo [...] eles estavam comemorando a Páscoa. No meio do encontro uma amiga me chamou e fui até ela, lá tinha um casal de idosos, eu reconheci a idosa, pois tinha me encontrado com ela na Unesp há mais ou menos um ano. Foi um encontro que marcou a minha vida, pois ela é cega e me entregou, no encontro da Unesp, um cartão escrito: "Ver e Ouvir a si mesmo". Nesse reencontro ela lembrou-se de mim, lembrou do cartão e me perguntou se eu ainda o tinha e, eu disse a ela que sim. Ela tinha pedido para eu guardar no meio do meu caderno. [...]

RELATO 2

Na última quinta-feira fomos até o asilo, chegando lá fui conversar com uma senhora chamada [...] ela estava com a cabeça abaixada e parecia que estava chorando, fiquei preocupada e fui perguntar o que havia acontecido. Ela me falou que a colega de quarto estava perturbando ela. Nesse momento parei e me perguntei o que levaria uma família a colocar o idoso no asilo, onde ele não pode escolher o seu próprio quarto e nem mesmo com quem conviver? Não podem escolher o que comer, não são mais eles que cuidam de si mesmo, mas os enfermeiros. Me afastei da [...] e fui conhecer a idosa que dormia com ela e percebi como ela era brava. Parei para pensar que o motivo de ser tão brava seria o fato de ter sido abandonada no asilo pela família e isso me emocionou muito. Não sei vocês, mas eu não iria gostar de ser abandonada pela minha família.[...]

RELATO 3

Nessa última quinta-feira, fomos ao asilo, a professora disse que jogaríamos bingo com os idosos [...] Fui jogar com a [...] e o momento que mais me marcou foi quando ela olhou no fundo dos meus olhos e disse que eu era linda. Por fora eu estava normal, mas por dentro fiquei emocionada, porque ela me lembrou uma senhora que minha mãe cuidava, e quando eu não tinha aula, ficava ajudando a minha mãe a cuidar dela e gostava muito, pois me chamava de linda. Naquela noite, antes de dormir, me senti meio abalada. Fiquei refletindo em como as nossas ações geram reações, como envelhecer pode não ser de corpo, mas de alma ou vice-versa. Pensei também em como tudo passa rápido, na crueldade das pessoas e na falta de bom senso, como diz o 1º verso "EU FALO COM SERES DE OUTRO PLANO, E QUANTO MAIS EU FALO, MAIS ODEIO O SER HUMANO."

RELATO 4

No dia 17 de maio eu fui no asilo com a intenção de jogar BINGO com eles. Chegando lá, depois de comer, fui até uma idosa que estava tremendo e perguntei porque ela estava daquela forma e ela me contou que estava com muita dor no corpo todo, perguntei se ela queria jogar comigo e ela me disse que era cega

FONTE: Elaboração própria

FIGURA 16: Atividade de correção de alguns relatos (verso)

e, não ia conseguir jogar. Eu disse que a ajudaria e ela aceitou. Jogamos junto e ela ficou muito feliz. [...] Fui embora e no ônibus só conseguia pensar nela, eu amei conhecê-la, foi uma das melhores experiências de todas.

Esta eletiva está mudando a minha vida, já fiz uma vez e estou fazendo novamente, eu amo passar meu tempo com os idosos e, esta eletiva foi uma oportunidade que eu tive para passar uma parte da minha vida com eles.

Sou muito grata as professoras por proporcionar essa eletiva.

CORREÇÃO DE UM PARÁGRAFO:

Eu aprendi que agente tem que ser educado com os idosos, tem que dar carinho porque um nos também será idosos um dia. O dia que eu fui no azilo nois brincamo de jogo da memoria eu e o senhor e foi muito legal eu vi ele feliz destraiu a mente dele aí depois nois servimos o café da tarde para os idosos. [...]

PRODUÇÃO TEXTUAL:

Espero que você tenha gostado da eletiva! ☺

Gostaria que relembresse cada dia de aula, fizesse uma reflexão do que marcou a sua vida e escrevesse um relato de experiência onde contasse o que foi esta eletiva para a sua vida (os pontos positivos que te marcaram e o que aprendeu com ela). Também pode relatar o que mudou em sua vida a partir dos encontros e das experiências vivenciadas.

FONTE: Elaboração própria

Outro exemplo de trabalho realizado, desta vez pela professora de Artes, foi discutir a obra de Ranchinho de Assis, artista local que possui em sua arte traços parecidos com os de Van Gogh, como relatado pela professora, permitindo discussão sobre a história da arte e os elementos regionais. Essa discussão também envolveu uma visita ao MAPA (Museu de Arte Primitiva de Assis “José Nazareno Mimessi”) que possui um amplo acervo artístico das obras de Ranchinho e de outros artistas da região. A seguir apresenta-se uma figura do prédio do museu e uma obra do pintor:

FIGURA 17: Museu de Arte Primitiva de Assis



FONTE: <https://cultura.assis.sp.gov.br/mapa/>

FIGURA 18: Obra de Ranchinho



FONTE: <http://artepopularbrasil.blogspot.com/2012/10/ranchinho.html>

Ainda sobre o pintor, foi apresentada aos estudantes sua biografia para se compartilhar experiências. Tanto a poetisa Cora Coralina, o poeta Gentileza e o pintor Ranchinho são exemplos escolhidos durante a disciplina para mostrar aos estudantes outras possibilidades de velhice, diferente da que ronda ao imaginário do senso comum, como a de uma pessoa sem ambições que não pode realizar seus sonhos.

Reforça-se também a transversalidade presente nas atividades e como todos possibilitam se trabalhar as competências exigidas nos documentos norteadores da educação e fomentar uma reflexão sobre o outro e sobre a passagem do tempo. No relato escrito

apresentado na figura 20 há um exemplo dessa reflexão quando o estudante menciona que percebeu uma grande identificação por parte dos idosos com as pinturas de Ranchinho.

FIGURA 19: Atividade aplicada em aula sobre o Ranchinho

HABILIDADES: 1) Reconhecer o processo criador de um artista (Ranchinho) 2) Reconhecer o repertório pessoal e cultural do artista Assisense Ranchinho, bem como a sua poética 3) Produzir relato a partir de experiência vivida. 4) Aprender a ouvir e expressar-se em rodas de conversas.

OBJETIVO

- 1) Leitura inicial BIOGRAFIA de Ranchinho
- 2) A Arte de Ranchinho
- 3) Roda de conversa sobre a visita ao Asilo e escrita do relato de experiência vivida.

PARTE 1

BIOGRAFIA de Ranchinho

Sebastião Theodoro Paulino da Silva, mais conhecido como Ranchinho, é um dos mais importantes e celebrados pintores populares que o Brasil já teve. Ele nasceu no dia 7 de janeiro de 1923 no município de Óscar Bressane, SP. Ranchinho era filho de bóias-frias e mudou-se com a família para Assis após a morte do pai em 1925. Deficiente mental desde a infância, não falava nem ouvia direito, engatinhou até os quatro anos de idade e, quando começou a andar, o fez de maneira desajeitada. Foi expulso da escola, já que não conseguiu acompanhar as aulas e só aos 24 anos conseguiu o primeiro trabalho, como auxiliar de João Romero (ou João Garapeiro). Com a morte do irmão mais velho e da mãe, em 1948, o Ranchinho se vê inteiramente só. Seu João Garapeiro leva-o para morar com a família e lhe confia novas funções.

Até 1954, Ranchinho viveu assim. Os filhos de João Garapeiro o abasteciam de cadernos velhos e tocos de lápis e desde essa época ele não parou mais de desenhar. Desenhava as coisas que via e 'contava histórias' por meio dos seus desenhos. Com a morte do seu patrão e protetor, passa a sobreviver como catador de papéis, latas e garrafas, e mora em ranchos abandonados, o que lhe vale o apelido de Ranchinho. Completamente marginalizado e hostilizado pela sociedade local, é incentivado pelo escritor José Nazareno Mimessi a aprender técnicas de guache e de acrílica sobre eucatex.



Ranchinho. Agosto de 1989

Marcado por hábitos, como frequentar a missa duas vezes por dia, além de acompanhar velórios e casamentos, Ranchinho ganhou a fama de artista exótico, repleto de manias, que decorriam, provavelmente, do fato de essas ocasiões solenes serem as únicas em que o artista podia estar presente sem ser expulso ou humilhado, marginalizado que foi na cidade por fugir aos padrões de normalidade comumente aceitos, tanto em termos de aparência como de atitudes. Em missas, enterros e casamentos, Ranchinho teve a sua única oportunidade de se inserir numa sociedade que tendia a excluí-lo. Sua pintura possui uma variedade de cores e intensidade

Ranchinho fez mais de 2.000 obras entre guaches, desenhos, acrílicos e óleos. Ele expôs pela primeira vez três de seus trabalhos na 1ª exposição de Artes Plásticas de Assis em 1971, quando recebeu Menção Honrosa. Participou de muitas exposições individuais e coletivas de grande importância. Ele faleceu no dia 2 de fevereiro de 2003 na cidade onde viveu a maior parte de sua vida, Assis, interior de São Paulo, vítima de AVC.

PARTE 2

Que delícia conversar sobre as experiências que vivemos e que vão nos tornando mais maduros e mais experientes. Aproveite as linhas abaixo e relate a sua experiência com a ida ao asilo. Não deixe de contar o que mais o marcou, o que realizou lá e como esta experiência tem te ajudado na sua vida pessoal. Ou relate sobre o seu aprendizado nesta aula sobre o Ranchinho.

FONTE: elaboração própria

FIGURA 20: Atividade escrita sobre a visita ao MAPA

Relato de experiência vivida
Visita ao Mapa

No dia 11 de abril de 2019, nós, da Disciplina Eletiva “Conviver é uma arte”, visitamos o MAPA (Museu de Arte Primitiva de Assis) juntamente com alguns idosos do

Primeiramente, fomos recebidos por um funcionário responsável pelo museu, que nos passou algumas orientações sobre a visita e nos apresentou o local. Durante a visita, tivemos a oportunidade de observar muitas obras de arte - pinturas e esculturas – de um famoso artista da região, conhecido como “Ranchinho”. Além disso, pudemos apreciar a exposição do artista plástico – Sebastião Mendes. Vale destacar, que houve uma interação produtiva dos idosos com as obras expostas, uma vez que muitos deles se identificaram com as pinturas, pois estas traziam lembranças do passado, como lugares, objetos, paisagens, roupas; entre outras.

No encerramento, fomos a uma área externa do museu e organizamos um piquenique com os lanches que cada um pode levar. Tinha cachorro-quente, bolos, tortas, frutas, refrigerantes. Enquanto isso, podíamos fazer um passeio pelo Parque Buracão e interagir com os idosos. Por fim, nos despedimos de todos e retornamos à escola.

FONTE: Elaboração própria

Durante o desenvolvimento da disciplina eletiva, diferentes práticas foram utilizadas para preparar e mediar os encontros intergeracionais dos adolescentes com os idosos. Uma oficina utilizada rotineiramente com os adolescentes era trabalhar a questão do “corpo velho”. Nela, discutia-se as diferentes transformações corporais ocorridas no processo de envelhecimento, principalmente, frisando a particularidade de alguns corpos idosos em específico que necessitavam de uma maior força para realizar atividades cotidianas. Como forma de prática eram trazidos objetos como pesos de ginástica, óculos, cadeiras de roda e afins, e os adolescentes utilizavam tais objetos para simular as dificuldades enfrentadas por alguns idosos em tarefas consideradas do dia-a-dia destacando a força e a potência do corpo velho através dos sentidos – toque, visão, olfato, etc.

Além disso, como forma de mediação, em alguns encontros foram trazidos filmes selecionados pelos estagiários com fins de discutir como diferentes culturas abordam a temática do envelhecimento e da morte. Um dos filmes que permitiu tal diálogo foi “Coco” (conhecido no Brasil por “Viva: A Vida É uma Festa”) que mostra como a cultura mexicana aborda a velhice, respeita os mais velhos e lida com a finitude. No semestre em que este filme foi discutido em sala houve uma particularidade na culminância (encontro final da eletiva) que foram as bandeirinhas e adereços típicos de tal cultura, a qual possui no “dia dos mortos” sua maior significância.

A música também esteve presente como mediação, pois em alguns semestres, ela era utilizada como forma de troca entre as gerações. Músicas “caipiras” eram trazidas pelos idosos e apresentadas aos adolescentes, que por sua vez, escolhiam seus tipos musicais preferidos. Isso permitiu, por exemplo, um semestre onde houve no dia da culminância uma apresentação dos idosos na escola, que cantaram músicas típicas de suas épocas escolhidas por eles.

Entre as músicas, destacaram-se “O menino da porteira” cantada por Sérgio Reis, “Jovens e velhos” interpretada por Adriana Calcanhoto e “Saiba” do escritor e cantor Arnaldo Antunes. Além da parte musical, em alguns encontros eram disponibilizados diferentes materiais para que os participantes interagissem, como por exemplos, jogos de bingo, baralhos entre outros recursos que estimulassem a ludicidade entre os participantes.

Outro exemplo de arte enquanto mediadora de encontros foi a fotografia. Em uma ocasião, foram tiradas fotos dos idosos e deles com os adolescentes, com a finalidade de trabalhar a questão da auto imagem, autoestima, envelhecimento e valorização. Da mesma forma, uma atividade similar também foi realizada com os adolescentes na escola, em outro momento, na qual era utilizado um aplicativo que “envelhece” o rosto, e tais retratos de si

mesmos como idosos servia de base para discussões de suas próprias ideias e expectativas de envelhecimento.

No entanto, alguns idosos preferiam ficar conversando ou passeando com os adolescentes pela escola e pelo asilo, enquanto outros preferiam escutar as músicas que lhes eram apresentadas, ou seja, a liberdade de escolha era grande em tais encontros.

Em outro semestre, um idoso do asilo, que já conhecia a escola onde os adolescentes estudavam, demonstrou interesse em rever o local. Logo, um grupo de adolescentes se prontificou a organizar uma saída com ele para que pudessem apresentar a escola e como ela está atualmente, além de mostrar a horta cuidada pelos alunos. Vale destacar que todos os encontros visavam oferecer momentos de descontração, propício à criação de vínculos entre os participantes de diferentes gerações e costumes; e a mediação feita pelos estagiários e pelas professoras buscava sempre oferecer instrumentos para a reflexão sobre as vivências.

Além das idas até o asilo, os adolescentes também tiveram algumas visitas à UNESP. Nesses encontros, eles puderam conhecer toda a faculdade e tudo que ali é oferecido: Centro de Línguas, o Restaurante Universitário, os Centros Acadêmicos, projetos de extensão, entre outros. Para a apresentação dos cursos de graduação, era chamado um estudante universitário de cada curso do câmpus para apresentá-lo aos adolescentes. Também era apresentada a forma de ingressar na faculdade, junto da apresentação do cursinho popular, oferecido por alunos da própria UNESP, e as bolsas de permanência oferecidas aos alunos. Tais encontros visavam mostrar aos adolescentes que eles podiam se apropriar desse espaço público, tais visitas eram realizadas nos semestres em que os alunos participantes cursavam o oitavo e nono ano do ensino fundamental.

Essa visita era entendida como uma ação importante para divulgar tanto as ações que a universidade pública desenvolve quanto para que esses estudantes passem a possuir em seu imaginário a possibilidade de cursar o ensino superior. Conforme já se mencionou, muitos não conheciam a Unesp, tampouco sabiam de sua existência na cidade e soma-se a isso o fato de pensarem que para estudar ali teriam que pagar uma mensalidade. Assim, tal ação contribuiu não só com a criação de vínculos entre estagiários, estudantes e idosos, mas cumpriu um papel social como espaço público de conhecimento. A figura 21 apresenta uma das idas à Unesp segundo um estudante da eletiva.

Ao fim da disciplina eletiva, há o dia da culminância, onde os idosos são levados até a escola. Nele, os adolescentes apresentam as produções feitas durante o semestre, sejam atividades culturais, fotos dos idosos, artes produzidas com eles, sendo que cada culminância refletia o que foi trabalhado e trazido no respectivo semestre, como exemplo, uma

culminância em específico onde os adolescentes fizeram presentes para os idosos e ganharam deles marca-páginas feitos artesanalmente, fato que causou grande felicidade aos presenteados. A figura 22 ilustra alguns exemplos de marca-páginas elaborados pelos idosos.

FIGURA 21: Texto sobre a visita à Unesp

Dia 10/10/2019

Habilidade: Desenvolver o gênero da Narrativa /relato.

Objetivo da aula

- Vídeo entrevista com idosos.
- Teoria do Relato
- Leitura de relato
- Produzir um relato sobre a ida à UNESP.

Agora é com você.
Aproveite as linhas abaixo e escreva o relato pessoal da sua ida à UNESP, mas primeiro se apresente.
É importante que o seu relato tenha várias informações para que ao ser lido se faça compreendido.

Minha ida a unesp

Meu nome é _____

Eu mora no _____

Estudo na _____ e sou _____

da eletiva Conversas e uma arte, uma música
essa eletiva.

Antes da minha ida a unesp, foi assim:
 lotes de sinal para ir fora as eletivas entramos
 na sala de aula e ficamos esperando o ônibus
 chega, quando o ônibus chegou entramos dentro
 do ônibus e fomos a caminho para a unesp, quando
 chegamos fomos liberar água e fomos em um cam-
 po de futebol observamos bastante, depois de tomar ida
 ao campo, fomos em uma sala de aula conversa-
 mos sobre o que acontece dentro da sala.

Depois de ter conversado bastante fomos a biblioteca
 vimos vários livros fomos ao bosque passeamos
 bastante no bosque e fomos comer, esperamos
 o ônibus chegar fomos embora.

Antes muito da faculdade e gostar da unesp
 também achei muito bonita e espero que eu
 volte mais vezes na unesp.

FONTE: Elaboração própria

FIGURA 22: Marca-páginas elaborados pelos idosos



FONTE: Elaboração própria

Em 2020, a eletiva teve de sofrer algumas mudanças devido a pandemia e a necessidade de quarentena, impossibilitando os encontros presenciais e práticas grupais. Nesse ano, houve a tentativa de manter as práticas através da troca de cartas e vídeos entre os idosos e os adolescentes da escola.

Como os estagiários não puderam mais ir até a escola, os vídeos ficaram sob responsabilidade das professoras, que os enviava para alguns estagiários que iam até o asilo mostrá-los aos idosos. Ainda assim, houve uma defasagem, e nesse ano o projeto não pôde ser desenvolvido como era anteriormente, o que pode ser averiguado na discussão do questionário posteriormente.

IV. RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

Para a análise dos dados coletados retomam-se as perguntas norteadoras desta pesquisa, sendo elas: a) quais são os sentidos atribuídos pelas professoras e pelos estagiários da disciplina “Conviver é uma arte” acerca das relações intergeracionais entre adolescentes participantes da eletiva e idosos institucionalizados? e b) b) quais as ressonâncias dos encontros intergeracionais, bem como, das experiências oriundas dos mesmos, para a formação profissional dos sujeitos envolvidos na disciplina?

Conforme se mencionou no capítulo anterior, inicialmente olhou-se para os dados como um todo e elencou-se a ideia principal de cada resposta, a partir dessa etapa, criaram-se categorias iniciais e, posteriormente, categorias finais que pudessem representar todas as ideias expostas. A seguir, apresentam-se essas categorias com excertos das falas dos participantes, comentários e vínculos com o capítulo teórico.

4.1 As respostas dos estudantes egressos - análise do questionário

a) Antes da eletiva - estágio e objetivos

Nesta categoria, apresentam-se como os estagiários conheceram a eletiva “Conviver é uma arte” e seus objetivos ao escolher o estágio em que ela se encontrava. De maneira geral, a escolha pelo estágio aconteceu devido a influências de outros participantes, por meio de convivências e falas da professora universitária em suas aulas no curso de psicologia, conforme demonstram os excertos a seguir:

[...] conversando com o F... e a professora Cora... em nossa primeira **confraternização**, eles me deixaram animada e curiosa, quando em supervisão os estágios foram apresentados eu já sabia qual eu queria escolher.

Soube por **outros alunos** que já tinham participado.

Durante o curso, através **das aulas** da professora M...

Não me lembro ao certo, acho que **a professora** que disse

Através da **professora** Cora...

Nota-se que o relato de ex-participantes, da professora universitária e da professora da rede pública funcionam como motivadores para a escolha do estágio sobre envelhecimento.

Pode-se deduzir que para realizar a indicação há um carinho pelos momentos vividos junto à eletiva, fato que se confirmará mais adiante. Já sobre os objetivos ao escolherem este estágio percebe-se pelas respostas que os estudantes de psicologia já tinham um contato anterior com a temática, seja pelas falas dos ex-participantes e/ou da professora, bem como, por meio de curiosidades pessoais e desenvolvimento de pesquisas de iniciação científica.

Ao serem questionados sobre “quais eram seus objetivos ao escolher esse estágio?” obtiveram-se respostas mais direcionadas ao trabalho com idosos, outras sobre o trabalho educacional do psicólogo e, também, respostas que demonstravam o interesse em se saber como funcionava a intergeracionalidade na prática, conforme demonstram os excertos a seguir:

Meus objetivos eram uma **maior aproximação do tema do envelhecimento com o da infância e adolescência**, com a intergeracionalidade e o atravessamento e práticas possíveis entre esses períodos de desenvolvimento.

Sempre me interessei por **psicologia educacional** e me instigou poder conectar duas fases diferentes da vida: a adolescência e a velhice [...].

Contribuir com a relação das gerações de adolescentes e idosos, fazer uma ponte histórica sobre a vida dos idosos ao estarem com os adolescentes, trazer consciência e empatia para os adolescentes que se sentem distantes da realidade do envelhecimento.

Compreender o processo de envelhecimento, e finitude, além de estratégias amplas de enfrentamento.

[...] queria **vivenciar as experiências que ouvia** dos alunos mais graduados de que o estágio envolvia abordagem humanizada, respeitosa, criativa e que a professora conduzia todas as orientações de maneira democrática, com embasamento teórico e enorme sensibilidade.

Poder conviver com os adolescentes e os idosos institucionalizados, bem como, ser uma das mediadoras nas relações entre eles.

Estar em união com as crianças e os idosos para aprendermos juntas a fortalecer nossas relações de respeito, empatia, nas trocas infinitas que podemos fazer nesses lugares que ocupamos no tempo da vida.

Aprender e explorar as potencialidades do **trabalho intergeracional**.

Ver de perto como funcionava o trabalho da intergeracionalidade e trabalhar com idosos.

Desenvolver minha **iniciação científica**.

Verifica-se pelas respostas que há um interesse em estudar e conhecer a temática da intergeracionalidade, o contexto dos idosos asilados e dos estudantes da educação básica e

como esses diferentes grupos interagem entre si. Tal motivação, num primeiro momento encontra suporte em Ferrigno (2010) quando este menciona que as gerações vivem isoladas em espaços exclusivos, nesta pesquisa, os estudantes limitados ao contexto escolar e os idosos ao asilo, ambos os grupos regidos por instituições, e ela vai além permitindo que haja diálogo entre elas.

Destaca-se também o papel da professora responsável pelo estágio, pois além de motivadora para a escolha é definida como uma pessoa humana, respeitosa, criativa, embasada teoricamente, democrática e sensível. Vale ressaltar o acompanhamento que a professora universitária fez com o grupo de estagiários em 2018, acompanhando-os durante o trajeto e relembrando acordos iniciais conforme mencionado na introdução, quando percebeu que se tratava de um grupo que iniciava naquele ano as atividades junto à escola e ao asilo.

b) Durante a eletiva - experiências e reflexões

Nesta categoria, apresentam-se experiências consideradas importantes para os estagiários e reflexões sobre mudanças que poderiam ter ocorrido no estágio. Ao ler todas as respostas obtidas, notou-se que a pandemia teve um impacto significativo no grupo de 2020, principalmente, para quem iniciava o estágio naquele ano, pois o contato com a escola por parte dos graduandos foi reduzido e suas ações tiveram que ser desenvolvidas de modo *online*, como demonstram os exemplos a seguir:

Com a **pandemia**, esse estágio acabou ficando com outras configurações. Um momento marcante para mim foi a criação de um vídeo ao final do ano com tudo o que os alunos haviam feito, os vídeos que eles criaram para mandar para os idosos na instituição, as tarefas com textos, cartas... o início do estágio também foi marcante pela organização que tivemos que fazer pra começar as atividades online.

Não foram atendidas porque no online, por conta também da acessibilidade da internet tanto dos alunos quanto dos idosos, **as atividades e vínculos com os envolvidos acabaram não acontecendo tanto quanto eu gostaria**. Não sei se alguma coisa, nesse cenário, poderia ter sido diferente. Acho que foi da forma como dava pra ser diante de tantas impossibilidades.

Nestas respostas, vê-se que com a pandemia o contato intergeracional foi comprometido devido a problemas de acessibilidade, impedindo um diálogo (mais intenso) entre as gerações conforme apresentou Domingues (2002). Mas ao mesmo tempo os alunos da educação básica, os estagiários do ensino superior e os idosos asilados passaram a compartilhar uma vivência em comum, a pandemia, fato que faz com que eles possuam uma

característica em comum podendo ser definidos como uma geração segundo Domingues (2002).

E devido ao contexto pandêmico, identificou-se também nas respostas dos graduandos uma série de ações que antes eram utilizadas como parte de um todo e que neste momento eram o único meio de contato entre os adolescentes e idosos, tais como gravações de vídeos, envios de cartas e escrita de textos. Ações estas que geraram um vínculo e um comprometimento com o outro, talvez, não como se esperava de um encontro presencial, mas num momento de isolamento social essas ações foram importantes para ambos os grupos.

Ainda que as expectativas de um estagiário de 2020 não tenham sido alcançadas, acredita-se que uma pesquisa mais detalhada sobre o tema da pandemia e a criação de vínculos intergeracionais seja importante para pensar nas ações desenvolvidas durante este período. A seguir, apresentam-se alguns excertos dos demais estagiários sobre suas experiências:

A receptividade tanto das crianças quanto dos idosos, **a empolgação deles para se conhecerem** após a troca de cartas, a mudança de semblante de ambos.

A primeira impressão dos alunos ao **adentrar o asilo**.

Quando os adolescentes puderam refletir e sentir um pouco das dificuldades físicas enfrentadas na velhice no dia que fizemos atividade com óculos, cadeira de rodas, peso nas pernas e no primeiro dia que visitaram os idosos e puderam ter empatia com a situação de asilamento.

O encontro dos adolescentes e idosos na escola, quando eles conversaram e as alunas maquiaram as senhoras; o dia do encontro de todos na UNESP.

Um desses momentos está relacionado **à ida dos alunos ao Lar**, quando nós, estagiários, e as professoras, realizamos o encontro deles pela primeira vez. [...] Em vários desses encontros, os alunos se depararam com a dura realidade de idosos abandonados por seus familiares e demonstraram empatia, foram acolhedores e ouviram com atenção os relatos e conselhos.

Outro momento bastante marcante, foi **a visita dos velhinhos à escola**. Naquela ocasião, os alunos acompanharam os idosos e apresentaram a escola, receberam-nos em sala de aula para ouvir suas histórias e para proporcionar um café da tarde.

Acho que dos momentos que me lembro com maior sentimento é no nosso **primeiro encontro no lar** em que preparamos uma entrevista para eles fazerem nesse primeiro contato com os idosos e os adolescentes ficaram impressionados ou chocados com as histórias querendo muito nos contar o que ouviram.

A primeira visita que fizemos ao asilo com as crianças foi muito marcante.

Levar os adolescentes para conhecer a UNESP e apresentar um universo de possibilidades que muitos ainda não conheciam, e **o dia que os idosos foram na escola e fizeram massinha com os adolescentes**. Foi um contato genuíno!

De maneira geral, as experiências mais marcantes para os estagiários foram as idas à escola e ao asilo, o primeiro encontro dos estudantes com os idosos e as atividades desenvolvidas em coletivo. Destaca-se nas respostas a receptividade, curiosidade e empolgação dos alunos para conhecerem os idosos e a surpresa destes com a realidade dos idosos asilados.

Concorda-se com a definição de Gvozđ e Dellaroza (2012) sobre projetos intergeracionais como espaços para trocas entre gerações, reflexão sobre o processo de envelhecimento e para desenvolver nas crianças imagens de identificação com o outro. Nesse sentido, destacam-se as atividades desenvolvidas na eletiva “atividade com óculos, cadeira de rodas, peso nas pernas”, “as alunas maquiaram as senhoras”, “preparamos uma entrevista para eles fazerem nesse primeiro contato com os idosos” e “fazer massinhas”.

Outro ponto importante nas experiências dos estagiários são os momentos de escuta por parte dos alunos, pois permitiram um conhecimento da realidade dos idosos asilados e uma valorização deste grupo que pode compartilhar suas histórias de vida, experiências e conselhos com os mais jovens. Essas ações corroboram com o que Mannheim (1964 *apud* WELLER, 2010) já destacava sobre a importância do contato com as visões de mundo de cada geração, principalmente, para a nova geração que formará os novos bens culturais da sociedade.

Esses pontos corroboram também com o que Lima (2007, p. 46) apontou como um resultado positivo do trabalho intergeracional para as crianças e adolescentes, segundo a autora estes momentos permitem “um melhor entendimento sobre o envelhecer e suas necessidades, através do estímulo para ajudar os mais velhos” e com Goldani (2010, p. 245) ao mencionar que “através de interações geralmente agradáveis, jovens e idosos melhoraram sua compreensão e visão uns dos outros”.

O relato das experiências marcantes dos estagiários permite responder, parcialmente, à primeira pergunta norteadora, sobre os sentidos de intergeracionalidade, pois ao afirmarem que para eles o momento mais presente em sua memória foi o primeiro encontro dos estudantes com os idosos devido ao respeito, interesse em ouvir e compartilhar histórias pode-se dizer que se criou assim uma compreensão do trabalho intergeracional. A seguir, apresentam-se as respostas sobre as reflexões realizadas durante e, até mesmo, depois da eletiva:

Considero que desenvolvemos um bom trabalho sobre o envelhecimento com os adolescentes dentro das salas de aula, mas penso que **foram poucos os encontros entre os idosos e os adolescentes**. Alguns adolescentes principalmente as meninas interagiam muito com os idosos, mostravam que gostavam bastante de estar ali, mas **outros não interagiram com os idosos**, ficavam andando pelo lar, algumas vezes chegavam a rir de alguns deles e não soubemos muito bem como intervir.

Alguns idosos se incomodavam muito com eles também, poderia ter sido feito um **trabalho de retomada histórica da adolescência dos idosos** [...]

Foram em partes, eu tinha idealizado que os encontros e as trocas intergeracionais aconteceriam toda semana, não apenas em alguns momentos. Acho que **poderiam ter mais estes momentos** e ser feito um **trabalho direto com as professoras** para desmistificar alguns estigmas que possuem sobre a velhice. Ah, senti falta de momentos só com os idosos também, para poder conversar sobre os adolescentes.

Queria ter tido **mais interações e ouvido mais idosos**.

Os excertos acima demonstram um interesse dos estagiários de desenvolverem mais encontros entre os adolescentes e os idosos, principalmente, pelas características apontadas anteriormente sobre o primeiro encontro destes. Na visão dos estagiários ocorreram poucos encontros com ambos os grupos e faltou um trabalho de conscientização com cada geração presente na eletiva, conforme quadro 01.

Entende-se que com as crianças e adolescentes uma explicação do estágio, dos objetivos da eletiva e a realização de alguns acordos pudessem contribuir ainda mais com as atividades. Com os idosos, “um trabalho de retomada histórica da adolescência” para que lembrassem as características desse grupo, sua energia e empolgação. E com as professoras, talvez fosse interessante convidá-las para as reuniões teóricas realizadas com os estagiários a fim de que elas pudessem compartilhar suas experiências e “desmistificar alguns estigmas que possuem sobre a velhice”, conforme aponta um dos respondentes.

Acredita-se que essas ações foram desenvolvidas, mas o que as respostas mostram é a necessidade de intensificá-las. Além disso, o que se percebe é que os próprios estagiários esperavam mais encontros, ouvir mais os idosos e vivenciar o contato intergeracional. Lembrando que para eles, estar em contato com os idosos e estudantes também corresponde a um contato intergeracional, concordando com as fases do ser humano (SANTOS, 2010).

Torna-se importante mencionar que a eletiva funcionava segundo as regras de diferentes instituições, escola pública, asilo e universidade, com calendários e rotinas diferentes, dependendo de transporte público fornecido pela prefeitura da cidade e/ou pela universidade

para o traslado dos participantes da eletiva e isso tornou mais dificultoso as visitas dos idosos à escola ou vice-versa.

Além disso, entende-se que para os estagiários refletir sobre a passagem do tempo, observando um grupo de crianças, um grupo de idosos e de professoras são características importantes para sua geração (MARTINS, 2002), pois já passaram pelo momento de adolescência e dos estudos básicos da escola e começam a pensar em sua atuação profissional, uma vez que, se encontram no penúltimo ou último ano do curso de psicologia. Dessa forma, os egressos do curso de psicologia que participaram da eletiva “Conviver é uma arte” possuem um olhar diferenciado para a intergeracionalidade devido às experiências vividas.

Para outros dois estagiários não há o que ser mudado no desenvolvimento da eletiva e os mesmos expressam que suas expectativas foram cumpridas e superadas, conforme demonstram os excertos a seguir:

Por ser algo novo, tudo o que estava por vir era novidade, **me surpreendeu positivamente** ver o envolvimento das crianças.

Minhas expectativas foram sim atendidas e, até mesmo superadas, foi a realização de um sonho participar do estágio. **Não vejo como poderia ter sido diferente.**

O que se discutiu até aqui sobre as percepções dos estagiários sobre as relações intergeracionais ficam mais evidentes a partir de alguns gráficos que representam o quão satisfeitos estavam com alguns tópicos da eletiva, sendo eles: a) temática; b) relação com as professoras; c) relação com os idosos; d) relação com os adolescentes.

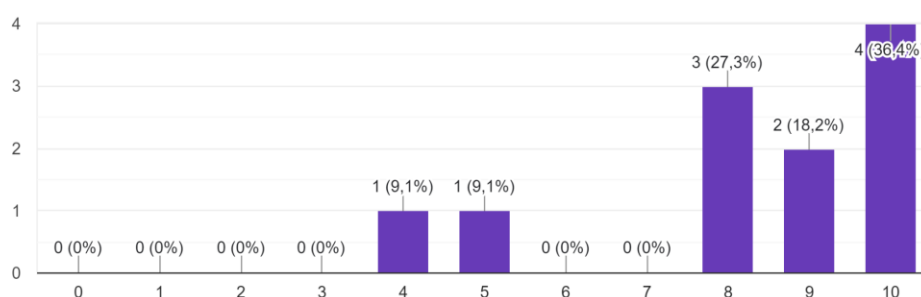
Sobre a temática o que se observou é que para grande parte dos estagiários ela foi plenamente satisfatória (notas acima de 08 - numa escala de 0 a 10), para um estagiário ela esteve na média (nota 05) e para um abaixo dela (nota 04). O questionário não pressuponha uma explicação à nota dada, mas pode-se afirmar pelo que se viu até aqui que o momento pandêmico e o número reduzido de encontros entre os adolescentes e os idosos foram dois pontos que desmotivaram os estagiários de psicologia.

A relação com as professoras da rede pública também foi avaliada de modo plenamente satisfatório, 07 dos 11 respondentes avaliaram com a nota 10, nota mais alta. Um único respondente atribuiu nota 05 à relação estabelecida e aqui se acredita que seja pelo contato *online* que estagiários e professoras tiveram no ano de 2020, devido à pandemia. O gráfico 02 e 03 apresentam as respostas:

GRÁFICO 2: Temáticas abordadas na eletiva

5.3 Temáticas abordadas

11 respostas

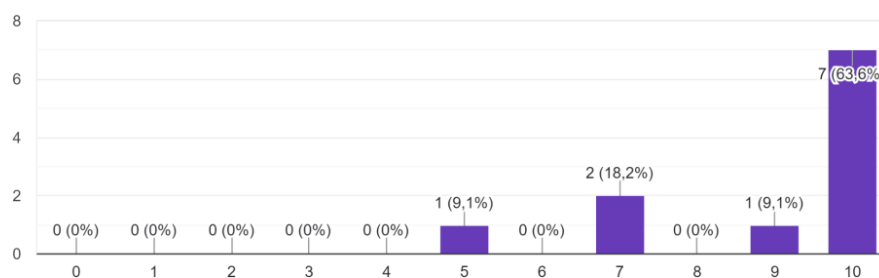


FONTE: Elaboração própria.

GRÁFICO 3: Relação com as professoras da rede pública de ensino

5.4 Sua relação com as professoras

11 respostas



FONTE: Elaboração própria.

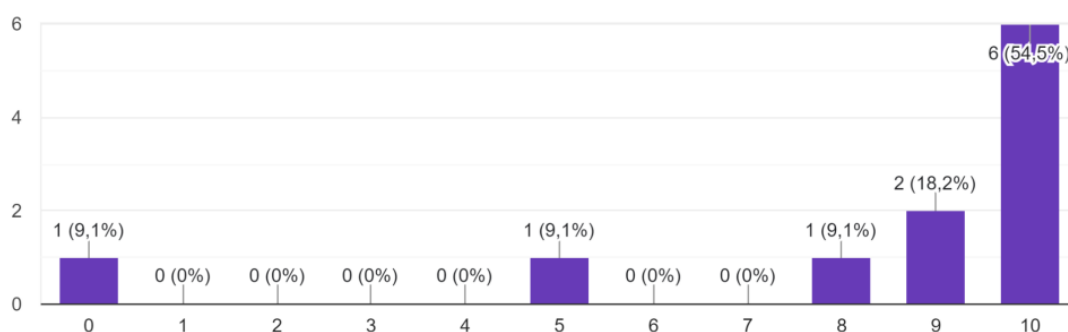
A relação com os idosos foi avaliada de modo plenamente satisfatório pela maior parte dos respondentes (notas acima de 08), para um respondente esteve na média e para um outro respondente foi insatisfatório. Ao analisar o questionário de modo individual se observou que as notas mais baixas correspondem ao estagiário que anunciou os problemas da pandemia em seu estágio, dessa forma, suas notas estão coerentes com sua vivência, uma vez que não houve contato presencial com os idosos.

Por fim, a relação com os estudantes foi positiva, mas teve notas mais diversificadas. Para alguns estagiários essa relação foi plenamente satisfatória (nota acima de 08), para um outro foi satisfatória (nota 07), para dois outros estagiários foi na média (nota 05) e para um foi insatisfatória (nota 01). Os gráficos 04 e 05 apresentam os resultados:

GRÁFICO 4: Relação com os idosos

5.5 Sua relação com os idosos

11 respostas

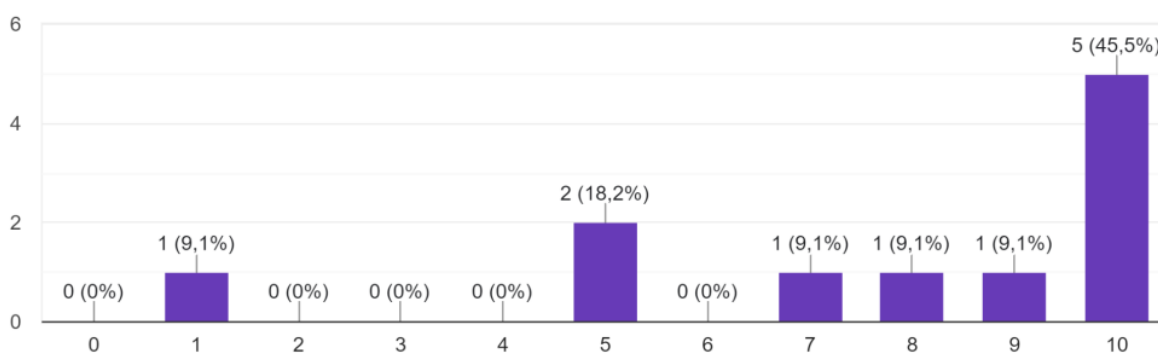


FONTE: Elaboração própria.

GRÁFICO 5: Relação com os estudantes da rede pública de ensino

5.6 Sua relação com os estudantes da escola

11 respostas



FONTE: Elaboração própria.

Portanto, as notas dadas pelos estagiários de psicologia reafirmam o bom trabalho desenvolvido por todos os envolvidos, nas diferentes instituições e também reforça os laços de carinho criados pelos estagiários que passam a lembrar da eletiva como algo positivo. Assim, passa-se a seguir às discussões pós eletiva e suas contribuições à vida profissional e pessoal dos estagiários.

c) Pós eletiva - contribuições

Em continuidade ao questionário, perguntou-se aos estagiários sobre os impactos da eletiva à sua vida profissional, especificamente, a sua formação como psicólogo. Todas as respostas foram muito positivas, alguns apontaram para reflexões interiores, outros para contribuições teóricas e práticas proporcionadas durante os encontros. Os excertos a seguir apresentam alguns exemplos de contribuições mais subjetivas:

Ajudou a **expandir minhas perspectivas.**

Ter um olhar e vivência para além dos manuais postos para estas duas faixas etárias, **entender as singularidades** e o quanto a especificidade de cada idade em contato com a outra é o que justamente produz efeitos surpreendentes. Idoso não "vira" criança.

Contribuiu para que eu me **tornasse uma profissional mais sensível e humanizada.**

Contribui muito em relação **a desconstrução de senso comum** sobre adolescência e velhice, sobre a empatia, relação com finitude e humanização para a formação como indivíduo e psicólogo.

Nos exemplos, identificou-se um processo de reflexão individual dos estagiários ao sentirem que a eletiva traz um acréscimo a si, indo além da formação profissional, mas agindo para se tornar um ser-humano mais sensível às singularidades, empáticos e críticos às ideias compreendidas como de senso comum. As colocações dos estagiários corroboram com a visão de Ferrigno (2010) ao mencionar que os encontros intergeracionais permitem um processo em que diferentes gerações ensinam e são ensinadas.

Dessa forma, ainda que os estagiários sejam compreendidos como uma geração, de estudantes universitários, percebe-se pelas respostas que as vivências compartilhadas foram capazes de mudar parte dessa geração. Retoma-se aqui a citação de Borges e Magalhães (2011), na qual, eles mencionam que “entende-se que, mesmo que diferentes gerações vivam num mesmo tempo, todas elas na verdade vivem em eras subjetiva e qualitativamente diferentes” (BORGES e MAGALHÃES, 2011, p. 173).

Em outras palavras, participar da eletiva, experienciar o contato entre adolescentes, professoras e idosos mudou-os subjetivamente. Ideias similares apareceram nas respostas dadas à pergunta sobre as contribuições à vida pessoal dos estagiários.

Sim, **passei a ser mais reflexivo** da visão que possuía de minha relação com meus avós. Também passei **a perceber mais que nossa sociedade negligencia idosos emocionalmente**, que não são levados a sério, etc. **Gostaria de acreditar que minha compaixão aumentou.**

Quebra de estigmas sobre a adolescência e a velhice e o desenvolvimento de uma visão mais cuidadosa com ambos.

Sem dúvidas a minha percepção sobre o processo de envelhecimento humano foi muito ampliada e **passei a ver essa fase da vida com um olhar mais positivo e cheio de potencialidades**. E a relação intergeracional me mostrou ainda mais a importância de estar atento à troca de conhecimentos e aprender com os olhares das crianças e com os olhares dos idosos e com suas experiências, sonhos e frustrações.

Talvez eu possa citar algo que ficou marcante em mim, que é o fato de pensar a velhice sempre como uma referência para alguém. Ou seja, **ser velho é uma relação imediata de comparação com o que parece novo**. O novo e o velho, na verdade, caminham juntas, e se destacam a partir do olhar do outro. Hoje, estou com 29 anos. Para uma pessoa com 12, estou velha, para uma pessoa com 63, estou nova. **Refletir desse lugar me fez compreender que estar velho é também o agora**. Que a velhice não é algo que chega inesperadamente, ela se compõe todos os dias.

Pensar que **estamos envelhecendo todos os dias** e que isso não é uma questão para pensarmos quando formos, de fato, velhos, nos coloca criticamente como agentes de transformação em muitos sentidos.

A reflexão sobre as relações e a mudança no modo de olhar ao outro se destacam como umas das principais contribuições da eletiva que são levadas pelos estagiários para suas relações pessoais. Soma-se a elas um olhar mais crítico à sociedade e a “negligência emocional aos idosos”, o que pode ser entendido como um preconceito etário conforme apontou Goldani (2010).

Os estagiários apontaram também compreender o envelhecimento como algo processual, no qual segundo as ideias de Beltrán e Gómez (2013, p. 280) “amplia-se a perspectiva do envelhecimento como processo permanente [...]”. Assim, a concepção dos autores para uma sociedade para todas as idades torna-se coerente, pois a partir do contato que os estagiários tiveram na eletiva com gerações diferentes estão atentos a novas políticas públicas das quais também usufruirão, nas palavras deles “nos coloca criticamente como agentes de transformação”.

Vale destacar a visão expressa em uma resposta, na qual, o envelhecimento é entendido como uma percepção do agora e da comparação com o outro, destacando a necessidade de diálogo entre as gerações conforme apresentou Domingues (2002). Outras respostas enfocaram mais a relação teórica e prática vivenciada nos encontros, conforme se apresenta a seguir:

Contribuiu de forma teórica e prática para que eu entendesse o tema da intergeracionalidade e as questões específicas da adolescência e da velhice.

A eletiva foi uma experiência enriquecedora porque **ampliou meu referencial teórico e prático quanto a atuação do psicólogo** no cuidado profissional com idosos e com crianças, de maneira intergeracional e integradora. Me possibilitou um referencial que ensina a olhar e a cuidar do sujeito e não apenas das patologias que eventualmente o acometem.

Contribuiu para **compreender questões que limitam nossa prática** enquanto profissionais também, que não podemos fazer tudo e que lidamos com as imprevisibilidades conforme conseguimos. [...] as relações intergeracionais ensinam muito, e falar sobre envelhecimento com crianças é necessário e importante.

A teoria é muito boa, mas **é o contato em si com pessoas de idades diferentes que faz toda a diferença**, fez com que eu me tornasse mais sensível e quebrasse barreiras.

Estes excertos apresentam uma concepção importante dos estudos universitários que é o contato com o futuro campo de atuação. Os estagiários, ao participarem do estágio e de todas as discussões teóricas que ali foram fomentadas, irem à escola, ao asilo e ao trazerem esses grupos para a universidade vivenciam a prática do que foi discutido, estudado e lido.

Para os respondentes, entende-se que tal movimento é importante para sua profissão, tanto para entender as especificidades de cada geração, buscar um olhar que não seja fixo a patologias, compreender os limites de suas ações e a importância de se discutir o envelhecimento com gerações mais novas. Corroborando com as ideias aqui discutidas, os dois excertos a seguir demonstram a importância da eletiva no local de trabalho atual de dois estagiários:

Justamente por **trabalhar com idosos e crianças**, acredito que a eletiva contribuiu para que meus interesses se unissem. Hoje trabalho com clínica, atendendo crianças e acompanhando idosos.

Me tornou uma grande incentivadora das relações intergeracionais, **sempre que atendo pessoas de diferentes idades consigo compreender os pensamentos referentes de cada geração**, auxiliar em como desenvolver esse contato entre si e a quebrar preconceitos

Percebe-se, uma valorização das experiências adquiridas no estágio para o exercício da profissão de psicólogo, um delineamento nas escolhas de atendimento e um suporte ao se trabalhar com diferentes gerações. Destaca-se o trabalho de se colocar no lugar do outro, buscar uma maior compreensão e um trabalho de quebra de preconceitos, resultados já afirmados por Lopes (2008) e Lima (2007).

d) Concepções de velhice

Dando sequência aos relatos sobre os impactos de reflexão e contribuições a partir da vivência com os idosos, os estagiários de psicologia foram questionados em relação a suas percepções sobre “o que é velho” e o que associam à palavra. Logo de início, percebe-se uma valorização relacionada às histórias trazidas a partir do contato com os idosos, retomando a ideia expressa por Goldani (2010) de que em trocas intergeracionais criam-se laços afetivos e emocionais.

Encontrou-se nas respostas a visão de uma vida cheia de conhecimento, que já passou por muitas coisas - experimentações, afetos, vivências, saberes – e que apontam para uma concepção respeitosa, como se observa a seguir:

Aquele que **viveu, absorveu e teve experiência** da vida

Pessoas com idade avançada, **cada uma com sua história e sua visão** de mundo.

Quando penso em velho penso em história. Em um sentido afetivo e biográfico do termo. Ser velho **é ser um colecionador do tempo, de momentos, sensações, cheiros, vida**, é entrar em contato com a nossa finitude e ver que ainda há muito o que se fazer, o que se pensar, o que mudar.

Quando somos velhos, o corpo não é mais tão flexível de diversas maneiras **e a gente tem uma bagagem de memórias e experiência que moldam nosso "eu" presente.**

A troca realizada entre gerações pôde proporcionar uma sensibilização nos estagiários para além do que se percebe no senso comum, pois, muitas vezes não se pensa sobre a velhice, seja por falta de contato, falta de estímulo e discussões sobre o assunto, preconceitos ou ideias negativas sobre o que é envelhecer. Com isso, o contato tido através da disciplina demonstrou reflexões acerca do assunto, e uma visão de “coleccionadores de tempo” exemplificando o respeito e o apreço pelos idosos e o quanto a bagagem que carregam é importante para moldar a individualidade de cada um a partir das vivências acumuladas durante suas vidas.

Vale ressaltar que a ideia de alguém que coleciona tempo aparece aqui não como algo negativo, mas de alguém que tem o que compartilhar, tem “momentos, sensações, cheiros e vida”. Essa definição rompe com a “imagem de velhos pobres, doentes, solitários, assexuados e abandonados à sua sorte” conforme descreveu Lopes e Park (2007, p. 141 -142).

Percebe-se que tal percepção de “acúmulo de tempo e experiência” advinda do contato realizado na disciplina eletiva e da vivência com idosos institucionalizados trouxe reflexões sobre o presente, o futuro, e também a finitude de cada ser-humano:

Velho é **algo em que o tempo agiu sobre**. Vem que algo já foi vivido

Humano de idade avançada, acima de 50 anos, com certas dificuldades não enfrentadas quando somos mais jovens. **Sempre vi "velho" como algo fisicamente desgastado pelo tempo**, mas que em essência continua o mesmo, e com pessoas é igual.

Vivido, sábio, cheio de experiências, de sentimentos e **excluído socialmente. Coisificado para a sociedade**.

Ser velho para mim é ser alguém dotado de histórias sobre o passado, com o **poder de continuar escrevendo-as no presente**.

Ao mesmo tempo em que se percebe uma valorização das experiências, conforme as respostas anteriores notou-se também que ainda persiste a ideia de que a palavra velho é majoritariamente acometida a consequências “negativas” do envelhecer, como as mudanças físicas, “algo em que o tempo agiu”, menor disposição para realizar certas atividades e a própria ideia de algo “desgastado”. Como apontado por Gvozdz e Dellaroza (2012, p. 296), “o idoso é visto pelos mais jovens como alguém sem expectativas de vida, sem maiores oportunidades na sociedade e que acaba sendo alienado ao que lhe é proporcionado, sendo muitas vezes ligado à visão de incapacidade física e doença”.

Apesar das falas que trazem uma carga de importância ao ser velho e seu lado de colecionador de tempo e de experiências, identifica-se ainda ideias relacionadas à perda de funções, sejam físicas, cognitivas, sociais, entre outras. Além disso, a ideia de “marginalidade” e “reificação” da população idosa também aparecem numa das respostas, onde os idosos são enxergados num lugar de exclusão e de objeto, ou seja, “coisificados para a sociedade”, como citado na resposta ao questionário.

Segundo Martinez, o preconceito sofrido pelos idosos se agrava “na proporção em que ergue contra ele inúmeras barreiras sociais e são desenvolvidas e incentivadas de certa forma, por meio do culto à juventude, atitudes de preconceito e discriminação social” (MARTINEZ, 2007, p. 44). Entende-se que uma forma de romper com essas visões é a realização de mais programas intergeracionais (LIMA, 2007), desenvolvimento de políticas públicas voltadas a essa população (GOLDANI, 2010) e a construção de uma sociedade para todas as idades (BELTRÁN; GOMEZ, 2013).

Ainda assim, é interessante observar que, do mesmo modo que o trabalho de retomada da adolescência com os idosos fez com que estes valorizassem suas experiências, nos estagiários surge um repensar de como estão envelhecendo a cada dia, bem como, reflexões sobre seu futuro e seu modo de enxergar o que é “ser velho”. Dessa forma, quando questionados sobre mudanças nas percepções pessoais após a eletiva, os respondentes trouxeram falas que apontam para o aumento da sensibilidade e empatia em relação a essa população.

Algumas das respostas apontam para uma valorização da velhice e suas particularidades, além de uma visão com mais afeto sobre o assunto, como se pode observar nos excertos a seguir:

O velho é uma pessoa plena em seus direitos e que possui grandes potencialidades, é alguém que luta para realizar seus sonhos, que quer desfrutar da vida ao máximo. A palavra diz sobre alguém que vive há algum tempo, que pode ter aprendido muito ao longo de sua jornada e deve ser respeitado em sua subjetividade. **O velho é como qualquer outra pessoa, toma decisões, faz amizades, se apaixona, vive experiências felizes e tristes, erra e procura corrigir suas ações, enfim, é um ser humano que nunca para de aprender.**

Primeiro vem a imagem, estética mesmo do envelhecer: a pele enrugada, os cabelos brancos, um ritmo mais lento. **Depois vem o sentimento das lembranças** vindo do estar com os idosos: a atenção na escuta, o cuidado, as histórias, a aprendizagem exagerada que poucas horas proporcionavam, o carinho e um cantinho de descanso (minhas avós). Por último quando penso no velho **se eu pudesse definir eu diria que é tudo que é forte e sábio.**

É o agora, que vai se firmando no amanhã. É também **privilegio e sabedoria. É resistência nas provocações do tempo.** É corpo, é desejo, é saudação.

Pode-se afirmar pelas respostas que os estagiários foram levados a respeitar pessoas de uma outra geração, colocando em pauta a importância das discussões intergeracionais e demonstrando a relevância de ações para que tal população seja além de mais valorizada, também enxergada em sua singularidade e com tudo que carrega “o velho é como qualquer outra pessoa ... nunca para de aprender”.

Além disso, com o convite a refletir sobre a experiência com os idosos e sobre mudanças na percepção do “ser velhos”, os estagiários também puderam pensar sobre si mesmos e sua vida, colocando-se em um lugar de envelhecimento, enxergando-o como algo natural e que traz não apenas consequências negativas, mas também positivas, principalmente, relacionadas às “lembranças vindas do estar junto com os idosos”.

Tais mudanças de concepções e as reflexões trazidas a partir da experiência da eletiva permitem estabelecer um paralelo com o conceito citado por Weller (2010) de conexão geracional. Nele, diferentemente do conceito de posição geracional, há o estabelecimento de vínculos concretos; e, para que tal conexão exista, “não basta participar apenas “potencialmente” de uma comunidade constituída em torno de experiências comuns: é preciso estabelecer um vínculo de participação em uma prática coletiva, seja ela concreta ou virtual” (WELLER, 2010, p. 214).

Dessa forma, a participação na disciplina eletiva pôde proporcionar tal prática coletiva, que permitiu aos estagiários se enxergarem nos idosos e, assim, desenvolverem uma visão menos enviesada e mais empática da velhice. Por fim, os respondentes do questionário trouxeram falas que apontam para uma boa experiência, que será lembrada com os afetos e a importância que teve:

Lembro-me **não via o estágio como obrigação, eu queria estar lá**, eu amava viver aquilo, guardo com muito carinho.

Uma das maiores descobertas no estágio foi saber que para os idosos os **vínculos de amizade são extremamente importantes**. Lição que chamou a minha atenção na relação com todos aqueles velhinhos asilados, e é algo que pretendo levar para a minha vida.

Quando se menciona que o estágio não era encarado como uma obrigação e sim como algo que se amava viver, percebe-se quão enriquecedor se tornou o ambiente da eletiva, tanto por proporcionar os momentos com os idosos, com os adolescentes e desses dois grupos juntos. E indo além desse momento, o estágio pôde demonstrar a importância de vínculos de amizade, ou laços sociais nas palavras de Vieira (2012), e como o estagiário pretende levar para sua vida tais vínculos e momentos.

4.2 As respostas das professoras - análise das entrevistas

O segundo momento de análise dos dados coletados consiste em analisar as entrevistas das duas professoras participantes da disciplina “Conviver é uma arte”, uma responsável pela disciplina de Língua Portuguesa e a outra pela disciplina de Artes. Aqui, buscou-se ir ao encontro do objetivo geral da pesquisa, ou seja, investigar a compreensão de sentidos atribuídos por elas e pelos estagiários da disciplina eletiva acerca das relações intergeracionais entre adolescentes participantes da eletiva e dos idosos institucionalizados.

a) Antes da eletiva – primeiras atividades com os estudantes da educação básica

Antes de adentrar nos relatos sobre os encontros dos alunos com idosos asilados, buscou-se entender o imaginário das próprias professoras que guiaram a disciplina eletiva sobre a velhice, questionando-as sobre contatos prévios com tal temática. Uma delas relata que o único contato com a velhice era com sua mãe de 90 anos, residente na mesma casa e que nunca tinha visitado um asilo antes. A outra professora, além de também conviver com os pais, por sua vez, conta já conhecer alguns dos idosos institucionalizados por coordenar um projeto social no local:

E além da gente se reunir e ver as necessidades das pessoas da cidade e das cidades da região e estar ajudando, né? Promovendo ações assim que... com cestas básicas, fazendo campanha para comprar cadeira de rodas, tal. A gente fazia, faz ainda, não estamos fazendo agora por causa da pandemia, chás, festas em asilos [...] então **quando começou a eletiva, eu já conhecia alguns idosos do asilo, porque eu já ia lá fazer esse tipo de ação.**
(Professora Frida)

Percebe-se que para a primeira professora a eletiva também se faz importante por ampliar sua vivência com a velhice e permitindo que ela conheça outras realidades como a dos idosos asilados. Ademais, ambas relatam que profissionalmente nunca haviam entrado em contato próximo com a temática da velhice, sendo a disciplina eletiva seu primeiro contato profissional dentro da escola com tal questão, demonstrando mais um ponto importante de se construir a eletiva “Conviver é uma arte”.

Segundo a fala da Professora Frida, identificou-se o que Fagundes e Hahn (2017) mencionam sobre a necessidade de se estudar, ler e pesquisar mais sobre a temática antes de estabelecer o contato efetivo com os idosos. Nota-se também que há por parte das professoras da educação básica um convívio com idosos, mas não um refletir sobre o envelhecimento, revelando o desconhecimento da própria experiência pessoal como um conhecimento que pode auxiliar na interação entre grupos geracionais diferentes, principalmente, dentro do ambiente escolar.

Essa constatação demonstra a importância das ações empreendidas junto a escola por dar destaque a uma população esquecida no contexto educacional e permitir que as professoras realizem uma formação continuada em serviço, seja pelas leituras, pelas reflexões realizadas e participação em reuniões com os estagiários e a professora universitária. Vale destacar, a presença de políticas de formação de professores que podem contribuir com tais ações como as relatadas por Fagundes e Hahn (2017) no contexto do projeto de iniciação à docência (PIBID), além da importância de políticas públicas que incentivem as relações e

trocas intergeracionais, de uma forma dinâmica, e que permitam trabalhar os preconceitos etários, como levantado por Goldani (2010).

Com o início da eletiva, o primeiro encontro aconteceu dentro do ambiente da sala de aula, composto pelas professoras e os alunos participantes da eletiva. Houve dinâmicas que buscavam investigar o entendimento dos estudantes acerca da velhice, o que era ser velho, além de promover uma sensibilização em relação às diferenças geracionais. Tais momentos visavam preparar os alunos para os encontros e idas subsequentes ao asilo:

[...] fizemos um primeiro momento, uma aula que os alunos se sentissem idosos, né? Colocando óculos de grau, peso na perna. Falamos um pouquinho também sobre depressão, sobre solidão, na verdade, não depressão, mas solidão. Sobre o que a gente deveria perguntar, o que que eles sabiam dos idosos, né? Acho que a primeira aula foi o que que eles achavam de idosos, qual a idade que era considerado idoso. (Professora Cora)

Na fala da professora, por um lado, percebe-se uma concepção de velhice relacionada a mudanças nos aspectos físicos, baixa visão e dificuldade de locomoção, bem como, em aspectos sociais, solidão. Visão já destacada por Goldani (2010) como um preconceito etário e com a qual a pesquisa posiciona-se contrário. Por outro lado, destacou-se também a sensibilidade para ouvir aos estudantes e suas experiências, ouvindo-os e respeitando suas relações com idosos nos diferentes contextos sociais que participam.

Outro aspecto importante desse primeiro momento é o fato de permitir que o estudante reflita sobre o que é ser idoso e qual a idade ele considera que a pessoa esteja idosa. Vê-se tal reflexão como uma contribuição para “o despertar de um novo olhar sobre as questões que cercam o envelhecimento” e “um melhor entendimento sobre o envelhecer e suas necessidades, através do estímulo para ajudar os mais velhos” (LIMA, 2007, p. 45).

As professoras descrevem um cuidado com o preparo dos estudantes da educação básica para as visitas tanto ao asilo quanto à universidade e foi percebida uma grande curiosidade em relação aos encontros que aconteceriam, como relatado na fala a seguir:

Então a gente tinha uma conversa antes, tinha algumas aulas antes, o que eles iam encontrar, como eles devem se comportar, “os idosos vão primeiro, vocês vão esperar, depois que todos estiverem servidos, daí que vocês vão comer”. Então eles respeitavam muito isso. **E eles não viam a hora de chegar o momento da visita, porque eles queriam fazer a unha do idoso, eles queriam jogar dominó, dançar, eles queriam pintar com o idoso.** (Professora Frida)

A interação entre gerações se mostra uma ferramenta promissora, como apontado por Santos (2010, p. 16), “todas as pessoas, independentemente da idade, podem preparar-se para viver as diferentes fases da vida, livres de preconceitos se a convivência intergeracional for estimulada”. O papel da perspectiva geracional dentro da educação também se torna importante para ampliar e atribuir diferentes sentidos dentro do pertencimento social, como também apontado por Tomizaki (2010). Assim, tal curiosidade e vontade de realizar junto dos idosos coisas cotidianas, como fazer a unha, jogar, dançar, mostrou-se oportuna dentro do contexto dos objetivos da disciplina eletiva.

Observando os resultados obtidos por Lima (2007, p. 45) concorda-se que tais atividades podem contribuir com “a promoção da inclusão e da valorização da pessoa idosa”, com “a criação de oportunidades que lhes permitiram [aos idosos] transferir a experiência de vida, valores acumulados e afetividades” e com “a redução do isolamento e promoção de um estilo de vida mais saudável e estimulante”.

Nesse momento de preparação, houve um enfoque em mostrar as amplas concepções e possibilidades de velhice conforme menciona Lopes e Park (2007):

E aí a gente mostrava, né, tudo antes do encontro, do primeiro encontro, que existe vários tipos de idosos, né? **Então tem idosos que fazem exercício físico, que cuidam da saúde, que viajam, que tem muitos amigos e tudo isso faz bem, né, pra saúde e pra vida. E tem idosos que alguns são acometidos de alguma doença, né? [...] E outros não se cuidam, né, fumam, fazem uso de bebida alcoólica, não fazem exercício, não fazem uma dieta alimentar.** Então tinha esses momentos, né? Inclusive a gente chamava professores da área de ciências de biologia para dar essa aula, porque na disciplina eletiva, você precisa também chamar outras áreas para contribuir. (Professora Frida)

Ah, nós **acrescentamos também possibilidades de envelhecer, que não precisava ser só morar no asilo**, mas que tinham velhos, idosos blogueiros, atletas, né? (Professora Cora)

Por se tratar de um momento anterior à ida ao asilo e ao contato mais próximo com os idosos, pode-se observar que ainda existia no imaginário das professoras um atrelamento de velhice e a saúde física. Tal relação ainda é muito observada socialmente e dentro do senso comum, como citado por Martinez (2007, p. 49):

A sociedade brasileira acostumou-se a ver o idoso como uma categoria social em decadência, marcada por declínios de ordem física, social e mental. Essa idéia orienta atitudes e comportamentos, estabelecendo barreiras nítidas nas relações intergeracionais, sustentadas nos mitos, por exemplo, de que velhice e doença estão diretamente relacionados, de que todo velho é improdutivo e incapaz de aprender coisas novas, de que o velho

tende ao isolamento porque não consegue mais interagir, inclusive com a sua própria família.

Essa visão pôde ser bem ampliada com o andamento da disciplina eletiva. As professoras demonstraram um grande desenvolvimento conforme conviveram e interagiram com os idosos, e todas as reflexões tidas a partir disso, como poderá ser observado ao longo da análise das entrevistas. Percebe-se que num primeiro momento a preocupação da Professora Frida era convidar um professor de biologia para falar do aspecto físico da pessoa ao envelhecer, algo importante, mas que reduz a concepção de velhice. Porém, por outro lado, a Professora Cora demonstra uma preocupação por apresentar diferentes velhices e não só a realidade dos idosos asilados criando assim um momento de participação dos próprios estudantes para relatarem suas vivências com avós, vizinhos e outros idosos conhecidos.

Por fim, identificou-se que houve uma primeira reação inesperada, em relação à qual idade um sujeito seria considerado idoso. Foi relatado que, principalmente, para alunos do sexto e sétimo ano, pessoas com 40 anos de idade já eram consideradas idosas. Isso se dá em partes pela realidade vivida, pois muitos deles possuem pais jovens, na faixa dos 20 a 27 anos, logo, a velhice era enxergada mais cedo do que o comum.

b) Durante a disciplina – trocas realizadas

As professoras mencionam que não sabiam como seria o primeiro encontro com os idosos dentro do ambiente do asilo e demonstraram uma preocupação inicial quanto ao comportamento de certos alunos, o respeito aos limites dos idosos e as possíveis bagunças inerentes à movimentação dos jovens fora do ambiente da escola. Embora, tivessem realizado diferentes atividades de preparo, esse receio ainda estava presente, como demonstra o excerto a seguir:

Eu já avisava quando eu fazia divulgação que a gente passava na sala: **“Olha, não, não quero que vá e sabendo que não, que vai fazer cara feia, né? Que vai desrespeitar**, não é isso? Então pensa bem, se vocês querem conviver”. Mas, gente, todo mundo queria, era a eletiva mais procurada. Eles ficavam enlouquecidos para ir para o asilo. (Professora Cora)

A fala da professora reforça, mais uma vez, a curiosidade inerente às crianças para conhecer o outro e a importância de se fomentar momentos como estes durante a educação básica. Quando ela menciona que “era a eletiva mais procurada” reforça o que se veio discutindo até aqui sobre a relevância de se criar projetos intergeracionais nas escolas e possibilitar que adolescentes tenham contato com idosos.

A princípio, houve um movimento de timidez na primeira visita, pois, os estudantes chegaram ao asilo e hesitaram em interagir com os idosos. Mas, esse bloqueio inicial foi se transformando em preocupação e a professora Cora relata um fato que a surpreendeu: alguns dos alunos participantes não queriam comer o lanche oferecido pelo asilo para que não faltasse aos idosos.

A professora explica que eram alunos que viviam uma realidade de dificuldade financeira em casa, em famílias em situação de vulnerabilidade e que para tais alunos, os momentos de alimentação dentro da escola eram importantes e aguardados com ansiedade; logo, ela ficou surpresa com a reação deles quando se mostraram acanhados no momento do lanche oferecido pelo asilo, onde foi servido cachorro-quente e pão com mortadela a todos:

Um grupinho de alunos, os mais simples, os que mais passavam necessidade, eles não queriam comer o lanche. Daí eu falei, “por que?” “Aí porque a gente quer dar para o idoso levar para o quarto, porque à noite pode ser que ele passe fome”. Aquela não era a realidade do idoso, era realidade dele, mas ele não... ele podia passar fome naquele dia, mas ele não queria que o idoso passasse. [...] Eu falei “não, você come e ele vai comer também. Tem para todo mundo. Você pode comer tranquilo”, “tem certeza, professora?”. Porque ele estava com fome, mas ele podia passar fome naquele momento, mas o idoso não podia. (Professora Cora)

No excerto, por um lado, há um gesto altruísta dos estudantes em deixarem o lanche para os mais velhos e se preocuparem com eles, mas por outro lado, há também um preconceito sobre o idoso, vendo-o como um coitado e necessitado. Retoma-se a ideia de Goldani (2010) reforçando a necessidade de se discutir políticas públicas tanto para os idosos quanto para os adolescentes resguardando-os e protegendo-os contra as desigualdades sociais.

Vale destacar que desde o início houve uma percepção por parte das professoras de um sentimento nos alunos de muita solidariedade e preocupação com os idosos. Houve uma movimentação que despertou o sentimento de afeto e cuidado, alunos ficaram preocupados se os idosos estavam passando frio ou calor, se estavam se alimentando, ou se tinham contato com a família, curiosos sobre o porquê de alguns estarem naquele ambiente.

Com os relatos pôde-se vislumbrar frutos positivos dos encontros que ali aconteceram como cita França, Silva e Barreto (2010, p. 521), “a solidariedade intergeracional pode reverter não só na quebra de preconceitos sociais frente ao envelhecimento, como na melhoria da qualidade de vida de jovens e idosos.” Outro caso observado se deu com os alunos que mais “davam trabalho” dentro da escola e que causaram uma preocupação inicial em relação ao comportamento:

[...] achei tão lindo aquilo que daí isso me animava mais a ter esses alunos que davam trabalho, porque **lá no asilo ou com os idosos na escola de se transformavam. Eles queriam carregar esse idosos, né? Eles queriam proteger**, eles não se conformavam “como que pode esse idoso no asilo? Cadê a família que não cuida?” (Professora Cora)

Os alunos que tinham mais problemas de comportamento mesmo e não queriam estudar, se envolveram emocionalmente com os idosos. E aí a gente via, **por exemplo, um aluno que não parava na classe, que não queria aprender, que tinha dificuldade de leitura e de escrita e tal, ajudando. Correndo para ajudar um idoso a levantar, a servir um lanche para o idoso, preocupado com engasgar, fazendo carinho, passando a mão na mão do idoso, passando a mão na cabeça. Se prontificando, sabe**, para ajudar. Então foi muito bacana. (Professora Frida)

Percebe-se nas falas das professoras a criação de laços afetivos e emocionais (GOLDANI, 2010) entre os estudantes e os idosos, despertando uma relação de amizade e de atenção com outras gerações. Preocupação esta que só foi possível se desenvolver devido ao preparo e mediação dos encontros realizados pelas professoras e estagiários de psicologia, seus trabalhos de escuta ativa e conscientização sobre o outro.

Assim, iniciado os encontros, algumas atividades foram realizadas. Para os adolescentes, foram propostas ações que buscavam aproximá-los das vivências dos mais velhos, ou seja, foram disponibilizados óculos, para que pudessem entrar em contato com a percepção de quem tem problemas de visão, algodões, para serem colocados nos ouvidos e simular dificuldades na fala e na audição e também foram usadas cadeiras de rodas, onde os alunos se sentaram e puderam sentir como é sua utilização, realidade muito presente para idosos que possuem dificuldade de locomoção.

Tais momentos se mostram importantes principalmente para que os adolescentes compreendessem como as atividades do cotidiano por vezes requerem um esforço por parte dos idosos, algo que para a maioria pode passar despercebido. Além disso, vivenciando tais dificuldades, os mais jovens também puderam ter uma noção de como os mais velhos percebem o tempo e o ambiente, atravessamentos importantes nesse primeiro momento, que buscava o entendimento da realidade e antecedeu encontros posteriores de mais intensa troca na prática.

Aclara-se também que tais atividades são vistas como ações importantes para que os estudantes se coloquem no lugar do outro e que houve uma preocupação em apresentar diferentes realidades dos idosos, conforme já se mencionou anteriormente. A ideia da atividade não era reforçar uma concepção limitante de velhice e sim demonstrar como alguns empecilhos podem surgir com a idade, principalmente, relacionados ao corpo físico.

Outros momentos concentraram-se mais na interação entre os estudantes e idosos. Neles, foram realizados jogos, desenhos, músicas, atividades recreacionais que buscassem troca entre os participantes. Em um encontro específico, por exemplo, os idosos foram até a escola e começaram a brincar de massinha com os adolescentes, reforçando ainda mais os laços criados entre essas gerações e permitindo que estabelecessem um diálogo sobre suas diferentes realidades.

Durante a atividade, além de permitir o exercício da criatividade de cada participante, se abriu uma brecha para que os idosos trouxessem memórias da infância para compartilhar com os mais novos, corroborando com um dos resultados positivos obtidos por Lima (2007, p. 45) quando menciona que tais encontros permitem “a criação de oportunidades que lhes permitiram transferir a experiência de vida, valores acumulados e afetividades”.

Isso, além de pôr em prática a troca de afeto e histórias de vida, também permitiu que uns auxiliassem os outros na produção das massinhas e pudessem interagir de uma maneira mais próxima e descontraída. Tais experiências permitiram um maior conhecimento das diferenças geracionais, posto que os adolescentes se colocaram com interesse e curiosidade perante o que era trazido pelos idosos:

Um dia, um semestre foi uma apresentação musical, então a gente fazia meio que junto. A gente via os idosos gostam de cantar nessa turma, eles gostam de cantar, então vamos fazer uma música, né. “Ah vamos pegar uma música que é do tempo deles”, ele que vai escolher, eu deixo o idoso escolher, e daí **foi legal porque as crianças nunca tinham ouvido falar naquela música. E aí estava todo mundo cantando, as crianças aprenderam e gostaram.** (Professora Frida)

Nota-se pelo excerto que as atividades variavam de semestre para semestre e foram relatadas também ações que visavam trabalhar a autoestima dos idosos. As atividades eram pensadas de modo que todos pudessem participar e contribuir com suas opiniões para que realmente houvesse uma troca significativa.

Outro exemplo de atividade foi a sessão de fotos, na qual, os alunos ajudaram a escolher as vestimentas e acessórios dos idosos, além de realizarem atividades de maquiagem e manicure. Todas as atividades eram pensadas com o intuito de aproximar as gerações e suas as realidades:

Então, a gente pensou nessa questão, ele conviver com o idoso, o que vai despertar nessa criança? [...] **Olha o seu avô, essa pessoa que mora aí na sua casa, ou o seu vizinho, olha como ele percebe as coisas, ele não enxerga direito, ele não ouve direito, né? E o que você está fazendo? O que está no teu alcance para você fazer?** (Professora Frida)

Na fala da Professora Frida, observa-se a preocupação dela para que os alunos passem a enxergar aos idosos com os quais possuem convívio, porém sua visão vai num sentido de prestar uma assistência e não de compartilhar experiências, estabelecer diálogo, conhecer e aprender do/com o idoso. Enfatiza-se novamente a necessidade de se criar laços afetivos entre as gerações e permitir que haja uma troca de experiências entre elas sem que seja priorizado apenas o aspecto de ajuda conforme menciona Goldani (2010).

Outra realidade identificada nos encontros foi de que muitos idosos institucionalizados sofrem com abandono de familiares, solidão, problemas e fragilidades emocionais e, geralmente, se observa assim uma grande necessidade por parte deles em serem escutados, receberem atenção e respeito. Isso foi apontado por Martinez (2007, p. 52):

Essa condição de fragilidade do idoso costuma afetar as relações familiares e os vínculos afetivos, além do que podem ocorrer inúmeras variações na forma como o idoso se comporta em relação a essa condição de dependência, ou seja, o modo como se dá o enfrentamento do problema pelo indivíduo pode também provocar o afastamento dos familiares e agravar o sentimento de abandono.

No entanto, como já citado na fala de uma das professoras e descrito na seção 3.3 do capítulo anterior, na escola há diferentes realidades sendo muitas delas periféricas. Assim, para tais alunos observou-se uma certa “carência” de necessidades básicas e estruturantes, mas também de diálogo, interesse em conversar e ser ouvido. E nos encontros realizados entre adolescentes e idosos, percebeu-se uma troca natural, repletas de educação, preocupação e carinho, conforme demonstra o excerto a seguir:

Essa questão, a gente pensou muito nessa questão, e surpreendeu a gente. Porque assim a gente tinha preocupação de sair com os alunos, porque muitos eram alunos que tinham problemas de comportamento. E aí a gente viu também [...] **o que foi muito bacana, os alunos que tinham mais problema de comportamento mesmo e não queriam estudar, se envolveram emocionalmente com os idosos.** (Professora Frida)

Ainda que não seja o foco desta pesquisa, a fala da professora chama a atenção para a necessidade de mais projetos como o aqui apresentado e a riqueza de dados, para a área da psicologia e do campo da intergeracionalidade, que se pode obter a partir de entrevistas com estes estudantes participantes da eletiva. Faz-se relevante mencionar como a eletiva com suas idas à universidade e ao asilo serviram como motivação para a mudança de comportamento dos alunos na escola.

Em continuidade, as professoras relataram que não houve grandes dificuldades na realização da disciplina, afora alguns imprevistos, como a indisponibilidade do ônibus da prefeitura para levar as crianças da escola até o asilo, tudo fluiu bem. Foi destacado por elas o clima de descontração nos encontros por se tratar de uma disciplina eletiva, um dos preceitos, além de tratar temáticas diferentes, é ensinar de uma forma mais dinâmica, o que foi possível fora do ambiente escolar: “não havia exigência de todos ficarem sentados em cadeiras, um atrás do outro, no modelo mais tradicional da escola” (Professora Cora). Assim, as trocas puderam acontecer de uma forma mais natural e livre.

Por fim, foi possível perceber uma aproximação entre as gerações através do resgate de histórias de vida promovido pelas atividades realizadas nos encontros. As professoras relatam a seguir alguns deles:

Eu lembro uma vez, uma mulher, uma senhora lá foi pintar com uma criança e eu do lado, né? E **ela estava pintando, estava pintando, pintando, pintando, né? E fez lá um coquinho, ela falou esses coquinhos aqui eles tão verdinho, tão verdes, por isso que eu pinte de verde. Esses amarelinhos estão no chão, são todos maduros, e fez desenhos dos coquinhos maduros. E a criança, junto “ah verdade, tal”, ela falou assim “é da fazenda onde eu morava” [...]** daí eu perguntei, “a senhora quer falar mais sobre isso?”, entendeu? Daí ela falou “sim. Eu morava com meu pai e minha mãe, as minhas irmãs, né, depois faleceram”, e contou um pouco da história dela. (Professora Frida)

Em uma dessas aulas, depois do desenho, a gente fez uma colagem, por exemplo. E é daí a proposta era, a gente levou muitas revistas para eles. **A proposta era olhar na fisionomia das pessoas, acharem assim alguém que representa alguém da família, né, um filho, uma mãe, um amigo, né? Aí eles faziam aquela colagem, falavam quem era, né?** (Professora Frida)

Nas duas situações percebe-se como a dinâmica permitiu que a idosa se expressasse e contasse um pouco sobre sua vida, compartilhando experiências vividas quando ainda morava com os pais, revivendo um luto com a perda dos mesmos, relembrando as irmãs e buscando em revistas pessoas que lembrem algum familiar. Os dois relatos são possíveis por encontrarem um ouvido atento, alguém que lhe presta atenção e se interessa por suas histórias, bem como, por estarem conectados com a arte, representados pela pintura e colagem.

Houve também relatos de alunos que se emocionaram, choraram nos encontros com os idosos e se enterneceram com as histórias contadas. As professoras passaram a perceber que os jovens começaram a olhar a vida de outra forma e a olhar o idoso de outra forma, conforme iam se dando os encontros durante o semestre. Do mesmo modo, a convivência com os mais novos também encadeava bons sentimentos para os idosos:

E aí, a presença do adolescente... o pessoal do asilo, falava que eles saravam por 15 dias, né? **Porque a presença deles trazia tanta alegria para eles.** A presença dos adolescentes ou ainda deles na escola, curava eles por 15 dias, né? Porque trazia a lembrança dos netos, né, da infância dos filhos. Essas lembranças, parece que fazia muito bem para eles, e aí isso me animava aí mais, né? A querer estar junto a proporcionar esse tempo de alegria para eles, né? (Professora Cora)

A gente sabia que **o dia que as crianças iam, os idosos tomavam menos remédios, eles ficavam mais tranquilos, né, eles ficavam mais felizes, né?** Então, isso era fato. (Professora Frida)

Aqui, é interessante notar o quanto os momentos de interação com os adolescentes permitiam não só trocas dinâmicas, que divertiam a todos e permitiam a criação de laços de afeto benéficos, mas também melhoras mais no campo do individual, inclusive tendo um bom impacto na saúde dos idosos. Isso pode ser observado novamente citando França, Silva e Barreto (2010, p. 521):

Ainda assim, e principalmente porque há diferenças individuais, o convívio intergeracional é um dos mais valiosos instrumentos para a quebra de preconceitos, para a passagem de conhecimentos, ajuda mútua, solidariedade e amizade. Esta interação, quando prazerosa, pode favorecer o retardo da dependência, sobretudo física, e consequentemente, traduzir em uma economia de recursos, que são normalmente deslocados para o tratamento de idosos.

Em algumas semanas da eletiva, como citado, os idosos iam até a escola para interagirem com os alunos e tais momentos foram descritos como importantes para eles: “além de ser uma oportunidade de sair do ambiente do asilo, também puderam conhecer o contexto onde os jovens com quem eles criaram laços estudam e passam boa parte do tempo” (Professora Frida). E a presença deles no ambiente escolar também despertou memórias passadas, de suas vivências escolares, sem contar que a visita deles na escola era muito aguardada e sempre eram recebidos com chá, lanches e momentos de descontração, como jogos e desenhos.

Além de visitas à escola, adolescentes e idosos asilados tiveram encontros em outros ambientes, para que explorassem mais e pudessem interagir dentro de outros espaços. Em um momento, houve uma visita a um museu; tal visita foi muito aguardada pelos idosos, que deixaram os adolescentes surpreendidos com o quão arrumados e bem vestidos estavam para aquela ocasião, segundo relato da Professora Cora. Após a visita, houve um passeio pelo parque, seguido por um lanche colaborativo, onde cada um deles trouxe diferentes tipos de comida para um piquenique a céu aberto.

Geralmente, um dos últimos encontros ocorre dentro da própria UNESP. Os idosos haviam produzido marcadores de página para presentear os adolescentes “fato marcante, pois todos se exaltaram, tamanha era a vontade de ter os marcadores feitos pelos amigos idosos”. Os adolescentes, por sua vez, fizeram quadrinhos de natal para os idosos, com a finalidade de que pudessem decorar seus quartos no asilo. Todos trocaram lembranças que simbolizavam de alguma maneira as trocas realizadas durante o semestre na disciplina eletiva; dessa forma, além dos laços de afeto estabelecidos, também ficariam memórias presentes no cotidiano de cada um, seja no quarto onde dormem, nos livros que lêem, nos materiais de escola, entre outros. As recordações, assim, se estenderam para além da memória de cada um e adentraram seu cotidiano.

c) Pós-disciplina – contribuições e experiências das trocas intergeracionais

As vivências realizadas durante a disciplina eletiva trouxeram frutos a todos participantes como se pode observar com os relatos obtidos por meio do questionário enviado aos estagiários de psicologia e seções anteriores. Uma das professoras entrevistadas confessa que no desenvolvimento e início da disciplina “não sabia o que esperar, se as interações seriam interessantes e se os objetivos da disciplina seriam atingidos” (Professora Frida), todavia, se surpreendeu positivamente com os resultados.

Além da vivência intergeracional, como mencionado anteriormente, um dos objetivos principais para a professora de Língua Portuguesa era a produção de relatos sobre as visitas, tendo em vista que a produção escrita era uma maneira de a professora unir as experiências da eletiva com a sua disciplina.

No entanto, a leitura e a escrita, dentro do contexto daquele ambiente escolar, foram citadas como algo desafiador, pois vários alunos possuíam dificuldades na escrita e alguns, segundo a professora, sequer produziam os relatos exigidos por outras disciplinas eletivas anteriores. Na contextualização da escola já se mencionou as dificuldades escolares dos estudantes e seu pouco contato com a leitura. Mas, a partir dos encontros com os idosos, houve um despertar de interesse:

Primeiro para escrever, a pessoa precisa conhecer, né, ela precisa dominar aquele assunto, porque não é fácil escrever. Escrever é uma competência que exige, muitos neurônios, né? Exige muitos conhecimentos, né, muitas habilidades e não é uma coisa fácil. E **na eletiva eu percebi que por eles viverem aquela experiência, eles facilitavam na hora de escrever.** (Professora Cora)

Entende-se que a facilidade expressa pela professora na hora da escrita se dá pela vivência que os alunos obtinham junto aos idosos, especialmente, por eles (os estudantes) se mostrarem interessados em ouvir as histórias que eram compartilhadas. Soma-se a esse interesse as diferentes viagens realizadas ao asilo e à universidade que serviram como fatores motivacionais aos estudantes e lhes despertavam para uma aprendizagem mais significativa, dessa forma, passar para o papel o que escutavam era visto como uma mais simples.

Além da Língua Portuguesa, a professora da matéria de Artes também solicitava atividades aos estudantes, como por exemplo, os trabalhos com pintura, colagem e músicas expressos na seção anterior, em outras palavras, as interações ocorridas entre alunos e idosos envolviam muitos trabalhos manuais, artesanais, que estimulavam a criatividade e a troca de saberes.

Durante a disciplina, em alguns momentos também estiveram presentes professoras de outras áreas, como História e Biologia. Isso permitiu trabalhar com os alunos uma forma diferente de ensino, mais dinâmica, que desenvolveu habilidades e aprendizados que, dentro da escola, por vezes se mostraram dificultosos. Algumas dessas experiências podem ser observadas no relato a seguir:

Quando fazíamos teatro, quando ia para dançar, né, a dança é uma linguagem da arte, a música é uma linguagem da arte. A pintura, tivemos a oportunidade de pintar com eles, é uma linguagem da arte. E também como eu te falei, outros professores de outras áreas, por exemplo, história. Teve um teve um, teve um dia que a gente tinha que ter uma aula de história. Nessa aula de história, a gente tinha que elaborar, o que nós vamos elaborar na aula de história? **Olha, vamos ver quando que o idoso nasceu e o que que estava acontecendo na época? Pessoalizar aquilo para o aluno, ter uma noção, né, para ficar mais registrado.** Tudo que é contextualizado, você aprende melhor, né? (Professora Frida)

Além das eletivas oferecidas, outras disciplinas que não faziam parte da base nacional comum de educação também eram oferecidas na escola, como projeto de vida e protagonismo juvenil. Nelas, os alunos são convidados a pensar suas ações, seus caminhos e seu futuro, além de aprenderem a ser cidadãos e protagonizarem suas vidas. Foi percebido que a eletiva “Conviver é uma arte” contribuiu também para refletir tais âmbitos e aguçar uma curiosidade em relação ao futuro dos jovens participantes.

Através da observação da realidade do asilo e convivência com os idosos e suas necessidades, pôde-se pensar em possíveis caminhos, como por exemplo, quando a Professora Frida menciona que “Na eletiva “Conviver é uma arte”, teve muito, despertou muito, muitas

crianças pensaram, nossa, olha como é importante fisioterapia. Acho que eu vou ser fisioterapeuta [...]”.

Ainda sobre essa temática de profissões, dois encontros da eletiva envolviam idas à UNESP com os alunos, buscando também desenvolver o interesse profissional e conhecer o ambiente acadêmico, além de interagir com atividades no câmpus, como a bateria universitária. Isso permitiu apresentá-los ao ambiente universitário e mostrar que havia caminhos possíveis para o futuro, muitas vezes não considerados por eles:

A gente tinha essa oportunidade para apresentar a Universidade Pública. [...] Então foi muito bacana, porque a gente reuniu, né, vocês, o pessoal da UNESP. **Os estagiários reuniram, assim, representantes de cada curso da UNESP e foram falar um pouco para as crianças de cada curso, da biotecnologia, de letras, né?** Então, foi super bacana isso, sabe? (Professora Frida)

Como anteriormente apontado por Lima, Coelho e Günther (2011), pôde-se perceber que a partir das atividades e reflexões obtidas na disciplina eletiva, os idosos puderam resgatar histórias de vida; e, encontrando ouvidos atentos e interessados (os adolescentes), puderam estabelecer sentidos novos à sua existência. Quanto aos adolescentes, houve um questionamento sobre o futuro (profissional, pessoal e em outros âmbitos) e inspirações sobre o que antes talvez não habitasse seus imaginários, o que, por sua vez, também refletirá em seus próprios processos de envelhecimento.

Assim, pode-se perceber o quanto a experiência dos encontros intergeracionais afetou os adolescentes: aproximou-os dos idosos, gerou uma maior compreensão sobre sua realidade e contexto, aprendizagens foram adquiridas através dos momentos de interação – tanto no asilo quanto na escola. A convivência com idosos acontece diariamente, em ambientes variados, mas o contato através da eletiva permitiu um olhar diferente e mais aguçado, além de diminuir questões como a discriminação, ainda muito presente.

Algo a ser destacado foi a interação com os estagiários de psicologia. Eles estavam presentes, além dos momentos de encontros intergeracionais, nas salas de aula, auxiliando e acompanhando os adolescentes na hora da escrita do relato e das discussões da temática. A interação deles com os adolescentes provocaram efeitos positivos, sua presença e olhar atento pôde contribuir em momentos especiais, como o relatado a seguir:

Os momentos que vocês estavam ou com os idosos ou com as crianças ou com os 2 juntos, a gente via que era diferente, né? Porque o olhar de vocês vai estar afinado ali né, direcionado para sentir mesmo o que estava acontecendo, né? **Eu lembro em uma das vezes, várias vezes aconteceu isso, mas uma das vezes que a gente estava voltando da UNESP no**

ônibus e eu ouvindo a conversa de um estagiário com o aluno e era um aluno assim daquele peraltas, entendeu? Eu falei, meu Deus, como que eu não pensei nisso de valorizar essa questão? Como eu não perguntei como é que é na casa dele, né? O que ele faz fora da escola, né? (Professora Frida)

Algo abordado pelas professoras é o quanto são exigidas na questão da aprendizagem de seus alunos. Mesmo querendo trabalhar temáticas diferentes e possuírem um olhar de empatia, elas confessam que focam muito nas tarefas a serem cumpridas na profissão e a presença dos estagiários ajudou-as a expandir possibilidades e aprenderem a partir de outros olhares, auxiliando em suas condutas profissionais.

Entende-se que a presença dos estagiários tanto na escola quanto no asilo possibilitava que as professoras alcançassem um número maior de alunos, dando-lhes também a atenção necessária que em muitos casos, devido ao número de alunos para apenas duas professoras, elas não conseguiriam oferecer, bem como, construía-se uma relação intergeracional também entre estagiários de psicologia e estudantes da educação básica.

Ainda sobre o relato da professora, por um lado, identifica-se uma cobrança pessoal, como sua responsabilidade, relacionar a vivência com os idosos asilados com a vida do estudante, por outro, é importante lembrar que tratam-se de estudantes do ensino fundamental II cuja a carga horária é dividida em diferentes disciplinas e que as professoras possuem pouco tempo com eles, principalmente, a disciplina de arte.

Logo, a presença dos estagiários permitiu, além de um olhar mais aguçado e ampliado, incentivar o desenvolvimento futuro do tema, que pode vir a acontecer conforme se estabeleceram mais contatos como esse relatado na volta da UNESP. Tais momentos se tornam necessários e demonstram uma potência geradora de mudanças:

As práticas intergeracionais vêm demonstrando que é possível efetuar uma mudança na mentalidade da comunidade em relação à imagem do idoso e o resgate da memória de um povo através de seu patrimônio vivo. Esses resultados podem e devem ser multiplicados por outras organizações públicas e privadas. Não menos importante está a intensificação das pesquisas acadêmicas para comprovar os benefícios intergeracionais destes programas. (FRANÇA, SILVA, BARRETO, 2010, p. 529)

Outro ponto importante a ser destacado foi o contato dos estudantes com a questão da finitude, sendo este, um dos desafios apontados pelas professoras, como por exemplo, na hora de contar que um idoso do asilo, que eles já conheciam e tinham criado laços, veio a falecer. Tais momentos causaram tristeza em ambas as partes e emocionava a todos. Uma das professoras destaca o caso de um idoso em especial, com quem ela criou uma relação:

[...] quando nós voltamos, lá no portão, enxerguei ele na cadeira de roda, de cabeça abaixada. E eu saí correndo, eu meio que até abandonei os adolescentes, peguei nele, ele estava muito gelado, com a cabecinha baixa. E eu peguei e falei assim “ele está passando mal, ele está passando mal”, daí as enfermeira mediram a pressão, ela realmente estava muito baixa. E aí **o enfermeiro levou ele para a cama, daí decidiu levar ele para o hospital e aí colocou ele na Kombi. E aí ele pôs a mão assim no vidro para me dar tchau. Eu encostei na mão dele, né? E falei assim, “vai com Deus”. E aí eu comecei a chorar e ele também, né?** E ele morreu, eu acho que no dia seguinte. Então ele foi embora mesmo. (Professora Cora)

Como visto, as relações de afeto não existiram apenas na parte dos adolescentes com idosos, mas também por parte das professoras. Uma vez mais, retoma-se o quadro 01 com as diferentes gerações presentes na disciplina eletiva e como elas criaram laços entre si, pois como foi mencionado anteriormente, quatro gerações compartilhando experiências, estudantes da educação básica, professoras da rede pública, estagiários de psicologia e idosos asilados. Amizades foram estabelecidas, e mesmo após o fim da disciplina eletiva, ainda foram mantidas visitas ao asilo e ligação com alguns dos idosos e suas famílias:

Inclusive, eu conheci uma senhora lá que até agora ela me liga, tipo sábado à noite. [...] **Esses dias morreu a filha de uma de lá. E ela me ligou para contar que a filha dela tinha falecido, que é, e ela é bem idosa, ela tem 80, sei lá, e seis anos, cinco anos, né? A filha dela, de quarenta e pouco faleceu, sabe? E ela me ligou para contar, sabe? Então a gente acabou fazendo uma amizade, né?** (Professora Frida)

O relato da Professora Frida, demonstra um laço afetivo (GOLDANI, 2010) criado durante a disciplina que se estendeu para além do término da mesma, uma amizade para compartilhar as notícias da vida, como o falecimento de uma filha, para telefonar e conversar, alguém para ouvir sobre os anseios vividos.

A partir da experiência com a eletiva, as professoras puderam mudar algumas concepções de vida na velhice e fizeram ressalvas, especialmente, ao ambiente institucionalizado em que a maioria dos idosos se encontram, apontando saídas para tal situação:

Eu acho que é isso mesmo, esse despertar para essa idade, do mais idoso, saber que eu não quero colocar minha mãe lá, e eu não quero ir também. [...] **O velho hoje tem toda a possibilidade de ter muita vida, né? Ele tem muito tempo, a expectativa de vida é grande, né? Então hoje o velho é... Como as políticas públicas, enfim, existe tentativas, né? Mas eles ainda continuam nas instituições, eles ainda continuam sendo deixados de lado muitas vezes.** (Professora Cora)

Aqui, pode-se estabelecer um diálogo com a importância de políticas públicas voltadas aos temas de envelhecimento e importância das trocas intergeracionais. Como citado por Camarano e Pasinato (2004, p. 288), “as políticas para a população idosa devem promover a solidariedade entre gerações. Isso significa equilibrar as prioridades das necessidades dos idosos com a de outros grupos populacionais”.

Chama a atenção a sensibilidade com que a Professora Cora diz haver despertado para o fato de não querer sua mãe no asilo e de também não querer ir para lá, reforçando uma compreensão de que ser velho é ter direito a escolhas, viver, sair e fazer amizades, coisas que em instituições como o asilo são limitadas.

Já a Professora Frida aponta que percebe agora o quanto pessoas mais jovens não pensam sobre o envelhecer, o quanto podem aproveitar, valorizar seu tempo e o tanto de possibilidades existentes para a população idosa. Ela relata que repensou sua convivência com aqueles de sua família, além de refletir sobre questões como a finitude e luto:

Na época da eletiva, foi a época que minha mãe... Eu comecei, nós começamos a eletiva em 2016. Minha mãe descobriu o diagnóstico de Alzheimer em 2017 e meu pai ficou doente em 2018 e faleceu em 2019. Então assim **eu vivi, eu fiz isso nessa experiência de idoso saudável no asilo, idoso doente também no asilo e aqui na minha casa, né? E tendo consciência da finitude, eu pude proporcionar momentos para o meu pai muito bons, entendeu, antes dele falecer.** Então mudou meu olhar, eu conhecendo sobre cuidados paliativos, né? (Professora Frida)

Segundo a fala da professora participar da eletiva teve um impacto muito grande em sua vida pessoal, permitiu que ela aproveitasse melhor o tempo com seu pai e aprendesse a olhar para sua mãe com outros olhos, olhos de respeito e carinho, bem como estudasse a temática de cuidados paliativos.

Após a experiência com a eletiva, a perda de seu pai a levou a começar escrever um livro, inspirada nas histórias que ouviu e compartilhou nos encontros com os idosos. Sua vontade é ser lembrada pelos outros familiares, descrevendo a sua própria trajetória como uma forma de solidificar sua história, em suas palavras: “Eu estou registrando porque eu não penso em... como é que fala? Fazer disso um livro. Nunca passou isso na minha cabeça, mas ela virou, falou assim: “Mãe, a gente precisa lançar antes de você morrer, para você estar aqui” (Professora Frida, relato de uma conversa com sua filha).

A consciência despertada pelos encontros da eletiva causou diferentes reações em cada uma, mas certamente foi uma experiência positiva, como bem apontado ao final das entrevistas:

Foi um crescimento muito grande para mim como profissional e, principalmente como ser humano. Agregou muito valor, assim a minha vida e mudou meu olhar, né? [...] com vocês também foi uma experiência muito bacana, né? Para a gente conviver com vocês, e ver, igual eu falei, o olhar de vocês a diferença né? Vocês estavam ali para capitar, né, os pequenos, né, gestos, pequenos comportamentos, né? Coisa que a gente como eu falei, a gente não, não, não dava essa devida atenção. (Professora Frida)

A gente teve estagiário ali que ficou os dois anos e não quis saber de outra coisa, né, que eu acho que aprendeu muito. [...] **Mas é foi uma experiência muito boa com os estagiários, com as crianças, com os idosos, com tudo. Essa parceria, eu acho que foi uma parceria que deu muito certo, né?** Os alunos da escola, os idosos e os estagiários da UNESP (Professora Cora)

Ao se propor a unir diferentes pessoas, de realidades, faixas etárias e contextos distintos, a disciplina “Conviver é uma arte” convidou a amplas reflexões através dos encontros e das interações ocorridas. Isso pode demonstrar a potencialidade de tais iniciativas, e servir de inspiração para outros momentos do tipo. Afinal, como citado por Borges e Magalhães (2011, p. 173):

Numa sociedade, convivem pessoas com uma mesma idade e com idades diferentes. Para cada uma delas o “presente” que vivem é um momento diferente, já que o agora representa um diferente período do seu eu, que só poderia ser partilhado com as pessoas da mesma idade. Assim, cada momento do tempo é mais do que um acontecimento pontual, pois é experimentado diferentemente por pessoas de várias gerações que estão vivenciando diferentes etapas de desenvolvimento.

Por fim, todo o relato da disciplina eletiva reforça a importância e a força dos encontros construídos entre as diferentes gerações participantes e a necessidade de mais iniciativas como esta para que outros estudantes e professoras da educação básica, estagiários do curso de psicologia e idosos asilados possam compartilhar suas experiências.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa surgiu da participação do estágio “Envelhecimento e Processos de Subjetivação” e da finalização da pesquisa de iniciação científica intitulada “O asilo, a escola e a universidade: a intergeracionalidade como potência para a promoção da vida”. Ambos ocorreram numa disciplina eletiva ofertada a alunos do ensino fundamental II intitulada “Conviver é uma arte”

A disciplina surgiu de uma parceria entre duas professoras do ensino integral da rede pública estadual de ensino, na cidade de Assis, e uma professora do ensino superior do curso de psicologia da UNESP de Assis. Durante os anos de 2016 a 2020 foram organizados encontros intergeracionais entre estudantes do ensino fundamental II, estagiários do curso de psicologia, as professoras da rede pública e idosos asilados, ora na escola, ora no asilo e/ou na universidade.

Inicialmente, a pesquisa iria ser realizada com os estudantes da educação básica e os idosos asilados, porém logo no início do processo de construção da mesma houve a pandemia do COVID-19 que impossibilitou contatos presenciais. Fechou-se a escola e o asilo e os dois públicos-alvo da pesquisa estavam isolados socialmente e com pouco acesso a rede de internet.

Decidiu-se então, trabalhar com os estagiários da psicologia por meio do envio de um questionário e com as duas professoras da educação básica por meio de entrevistas, estas foram transcritas para a realização da pesquisa. Dos estagiários foram localizados dezessete participantes entre os anos de 2016 e 2020 e obteve-se um total de doze respostas.

Traçou-se como objetivo geral da pesquisa “compreender os sentidos atribuídos pelas professoras e pelos estagiários da disciplina “Conviver é uma arte” acerca das relações intergeracionais entre adolescentes participantes da eletiva e dos idosos institucionalizados”. Além disso, duas perguntas norteadoras foram construídas: a) quais são os sentidos atribuídos pelas professoras e pelos estagiários da disciplina “Conviver é uma arte” acerca das relações intergeracionais entre adolescentes participantes da eletiva e idosos institucionalizados?; b) quais as ressonâncias dos encontros intergeracionais, bem como, das experiências oriundas dos mesmos, para a formação profissional dos sujeitos envolvidos na disciplina?

Em relação ao embasamento teórico vale ressaltar que ao realizar o levantamento dos trabalhos que discutem a temática desta pesquisa de mestrado através dos termos de busca: 1) relações intergeracionais, 2) envelhecimento AND adolescentes, e 3) velhice AND relações entre gerações; no portal de periódicos da CAPES e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses

e Dissertações (BDTD) entre os anos de 2000 a 2020 percebeu-se que os termos de busca corresponderam às palavras mais utilizadas pelos trabalhos conforme demonstra a imagem 03 apresentada anteriormente.

Há um destaque para os termos ‘relações intergeracionais’, seguido por ‘envelhecimento’ e por ‘velhice’. No entanto, outras palavras-chave foram usadas com o mesmo sentido da primeira, como por exemplo, relações entre gerações, programas intergeracionais, oficinas intergeracionais, redes intergeracionais e interações intergeracionais.

Observa-se assim, a falta de uma padronização para se referenciar as relações que ocorrem entre as gerações o que pode dificultar a produção acadêmica do campo, uma vez que, ao não se localizar um trabalho o conhecimento por ele produzido torna-se restrito.

Como metodologia adotou-se a pesquisa qualitativa e a análise de conteúdo como método de análise dos dados. Entre as categorias elencadas optou-se por quatro principais: 1) Antes da eletiva - escolha do estágio e criação da eletiva; 2) Durante a eletiva - experiências e reflexões; 3) Pós eletiva – contribuições; 4) Concepções de velhice. A análise foi realizada inicialmente a partir das respostas do questionário enviado aos estagiários de psicologia e, posteriormente, a partir das transcrições das entrevistas das professoras.

Como considerações finais, apresentam-se alguns pontos em que as ideias expressas são coincidentes e outros que permitem reflexões sobre as vivências compartilhadas. Sobre a primeira pergunta norteadora, pode-se dizer que os estagiários demonstraram de modo claro que entre seus objetivos há um interesse em estudar e conhecer a temática da intergeracionalidade, o contexto dos idosos asilados e dos estudantes da educação básica e como esses diferentes grupos interagem entre si. No entanto, constatou-se que com a pandemia o contato intergeracional foi comprometido devido a problemas de acessibilidade, impedindo um diálogo (mais intenso) entre as gerações.

Tal interesse em interagir com os idosos foi encontrado na fala das professoras e suas falas reforçaram a curiosidade inerente às crianças para conhecer o outro e a importância de se fomentar momentos como estes durante a educação básica.

Entre as experiências mais marcantes para os estagiários estão às idas à escola e ao asilo, o primeiro encontro dos estudantes com os idosos e as atividades desenvolvidas em coletivo. Destaca-se nas respostas a receptividade, curiosidade e empolgação dos alunos para conhecerem os idosos e a surpresa destes com a realidade dos idosos asilados.

Corroborando com isso, as professoras demonstraram em diferentes momentos de suas falas a criação de laços afetivos e emocionais (GOLDANI, 2010) entre os estudantes e os

idosos, despertando uma relação de amizade e de atenção com outras gerações. Despertando nos estudantes reflexões sobre, por exemplo, a questão da finitude, sendo este, um dos desafios apontados pelas professoras, na hora de contar que um idoso do asilo, que eles já conheciam e tinham criado laços, veio a falecer.

Foi possível perceber uma aproximação entre as gerações, principalmente, através do resgate de histórias de vida promovido pelas atividades realizadas nos encontros. Inclusive, houve relatos de alunos que se emocionaram, choraram nos encontros com os idosos e se enterneceram com as histórias contadas. As professoras passaram a perceber que os jovens começaram a olhar a vida de outra forma e a olhar o idoso de outra forma, conforme iam se dando os encontros durante o semestre.

Um ponto importante nas experiências dos estagiários são os momentos de escuta por parte dos alunos, pois permitiram um conhecimento da realidade dos idosos asilados e uma valorização deste grupo que pode compartilhar suas histórias de vida, experiências e conselhos com os mais jovens. No entanto, na visão dos estagiários ocorreram poucos encontros com ambos os grupos e faltou um trabalho de conscientização com cada geração presente na eletiva.

Ademais, identificou-se um processo de reflexão individual dos estagiários ao sentirem que a eletiva traz um acréscimo a si, indo além da formação profissional, mas agindo para se tornar um ser-humano mais sensível às singularidades, empáticos e crítico às ideias compreendidas como de senso comum. Eles demonstram de igual maneira uma mudança no modo de olhar ao outro e destacam tal fato como umas das principais contribuições da eletiva, somando-se a isso a construção de um olhar mais crítico à sociedade e a negligência emocional aos idosos.

Sobre os sentidos atribuídos por cada grupo ao envelhecimento identificou-se que ao mesmo tempo em que se percebe uma valorização das experiências, e a visão do idoso como um “coleccionador de tempo”, ainda persiste em alguns respondentes a ideia de que a palavra ‘velho’ é majoritariamente acometida a consequências “negativas” do envelhecer, como as mudanças físicas, “algo em que o tempo agiu”, menor disposição para realizar certas atividades e a própria ideia de algo “desgastado”.

Além disso, a ideia de “marginalidade” e “reificação” da população idosa aparece numa das respostas, onde os idosos são enxergados num lugar de exclusão e de objeto, ou seja, “coisificados para a sociedade”. No entanto, os estagiários puderam pensar sobre si mesmos e sua vida, colocando-se em um lugar de envelhecimento, enxergando-o como algo

natural e que traz não apenas consequências negativas, mas também positivas, principalmente, relacionadas às “lembranças vindas do estar junto com os idosos”.

As professoras, por conseguinte, apresentam uma concepção de velhice relacionada a mudanças nos aspectos físicos, baixa visão e dificuldade de locomoção, bem como, em aspectos sociais, solidão. Caracterizando um preconceito etário e com a qual a pesquisa posiciona-se contrário. Por outro lado, destacou-se a sensibilidade para ouvir aos estudantes e suas experiências, ouvindo-os e respeitando suas relações com idosos nos diferentes contextos sociais que participam.

A partir da experiência com a eletiva, as professoras puderam mudar algumas concepções de vida na velhice, fazendo ressalvas, principalmente, ao ambiente institucionalizado em que a maioria dos idosos se encontram. Segundo a fala da Professora Frida participar da eletiva teve um impacto muito grande em sua vida pessoal, permitiu que ela aproveitasse melhor o tempo com seu pai e aprendesse a olhar para sua mãe com outros olhos, olhos de respeito e carinho, bem como estudasse a temática de cuidados paliativos.

Após a experiência com a eletiva, a perda de seu pai a levou a começar escrever um livro, inspirada nas histórias que ouviu e compartilhou nos encontros com os idosos. Sua vontade é ser lembrada pelos outros familiares, descrevendo a sua própria trajetória como uma forma de solidificar sua história, em suas palavras: “Eu estou registrando porque eu não penso em... como é que fala? Fazer disso um livro.

Essa escrita de sua trajetória já adentra a segunda pergunta norteadora, acerca da formação profissional, na qual, observou-se que os estagiários, ao participarem do estágio e de todas as discussões teóricas que ali foram fomentadas, irem à escola, ao asilo e ao trazerem esses grupos para a universidade vivenciam a prática do que foi discutido, estudado e lido. Para os respondentes, entende-se que tal movimento é importante para sua profissão, tanto para entender as especificidades de cada geração, buscar um olhar que não seja fixo a patologias, compreender os limites de suas ações e a importância de se discutir o envelhecimento com gerações mais novas.

Por outro lado, as professoras relataram que profissionalmente nunca haviam entrado em contato próximo com a temática da velhice, sendo a disciplina eletiva seu primeiro contato profissional dentro da escola com tal questão, demonstrando mais um ponto importante de se construir a eletiva. Nota-se que há por parte das professoras da educação básica um convívio com idosos, mas não um refletir sobre o envelhecimento, revelando o desconhecimento da própria experiência pessoal como um conhecimento que pode auxiliar na interação entre grupos geracionais diferentes, principalmente, dentro do ambiente escolar.

Assim, sobre seu trabalho na escola, as professoras identificaram uma facilidade por parte dos estudantes na hora da escrita, sendo esta, entendida pela vivência que os alunos obtinham junto aos idosos, principalmente, por eles (os estudantes) se mostrarem interessados em ouvir as histórias que eram compartilhadas. Soma-se a esse interesse as diferentes viagens realizadas ao asilo e à universidade que serviram como fatores motivacionais aos estudantes e lhes despertavam para uma aprendizagem mais significativa, dessa forma, passar para o papel o que escutavam era mais simples.

Algo relatado pelas professoras é o quanto são exigidas na questão da aprendizagem de seus alunos. Mesmo querendo trabalhar temáticas diferentes e possuírem um olhar de empatia, elas confessam que focam muito nas tarefas a serem cumpridas na profissão e a presença dos estagiários ajudou-as a expandir possibilidades e aprenderem a partir de outros olhares, auxiliando em suas condutas profissionais.

Por fim, muitas outras temáticas suscitaram do desenvolvimento desta pesquisa, como por exemplo, um trabalho mais detalhado no relato das experiências obtidas em cada contexto, ouvir aos estudantes da educação básica e os idosos asilados. Destaca-se desse modo, que muitos outros trabalhos podem surgir do que aqui foi apresentado e enriquecendo ainda mais a área da psicologia, bem como, a temática do envelhecimento e das relações intergeracionais.

O que se quer reforçar com essa pesquisa é a importância de projetos como o aqui apresentado tanto para a vida dos estudantes, dos estagiários da psicologia, das professoras da educação básica e dos idosos asilados, por poderem compartilhar experiências, vivências e construir laços afetivos de amizade e carinho. Espera-se assim, que mais trabalhos sejam desenvolvidos, mais ações com diferentes gerações sejam criadas tanto no âmbito da psicologia quanto da pedagogia e que todas essas ações fomentem, ainda mais, questões de políticas públicas para as gerações aqui discutidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Coimbra: Edições 70, 2009.

BELTRÁN, Alicia J; GÓMEZ, Adalver R. **Intergeneracionalidad y multigeneracionalidad en el envejecimiento y la vejez**. Revista Tabula Rasa. Bogotá - Colombia, n.18, p. 277 - 294, 2013.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente** – Presidência da República, 1990.

BRASIL. **Política Nacional do Idoso**. Brasília – Presidência da República, 1994.

BRASIL. **Estatuto do Idoso**. Brasília – Presidência da República, 2003.

BORGES, Carolina de C; MAGALHÃES, Andrea S; **Laços intergeracionais no contexto contemporâneo**. Revista Estudos de Psicologia, vol. 16, n. 02, p. 171-177, 2011.

CHUEKE, Gabriel V; LIMA, Manolita C; **Pesquisa Qualitativa: evolução e critérios**. Revista Espaço Acadêmico, n. 128, p. 63 - 69, 2012.

COSTA JR, Florêncio M. da; COUTO, Thereza M; **Geração e categorias geracionais nas pesquisas sobre saúde e gênero no Brasil**. Revista Saúde e Sociedade, São Paulo, n. 04, vol. 24, p.1299-1315, 2015.

CUNHA, Sandra M. da; **Geração, um conceito situado**. Revista Runa, n. 02, vol. 42, p. 193-210, 2021.

DOMINGUES, José M. **Gerações, modernidade e subjetividade**. Tempo Social; Revista de Sociologia. USP, São Paulo, vol. 14, n. 01, p. 67 - 89, 2002.

FAGUNDES, Bruno F. L.; HAHN, Fábio A. 2017. **Envelhecimento Humano na Escola: experiências de iniciação a docência**. Campo Mourão: Editora Fagundes, 2017.

FERRIGNO, José C. **Coeducação entre gerações**. 2ª Edição. São Paulo: Edições SESC, 2010.

FERRIGNO, José C. **Conflito e cooperação entre gerações**. 1ª Edição. São Paulo: Edições SESC, 2013.

FRANÇA, Lucia H. F.; SILVA, Alcina M. T. B.; BARRETO, Márcia S. L. **Programas intergeracionais: quão relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira?** Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, Rio de Janeiro, p. 519-531, 2010.

GIL, Antonio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, editora Atlas S. A; 4ª edição, 2002.

GODOY, Arilda S; **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, vol. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GODOY, Arilda S; **Refletindo sobre critérios de qualidade da pesquisa qualitativa**. Revista Eletrônica de Gestão Organizacional, vol. 03, n. 02, p. 80 - 89, 2005.

GOLDANI, Ana M. **Desafios do “preconceito etário” no Brasil**. Revista Educação e Sociedade, Campinas, vol. 31, n. 111, p. 411- 434, 2010.

GVOZD, Raquel; DELLAROZA, Mara S. G; **Velhice e a relação com idosos: o olhar de adolescentes do ensino fundamental**. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, Rio de Janeiro, vol. 15, nº 02, p. 295 – 304, 2012.

IBGE. **Projeções da população do Brasil e das Unidades da Federação**. (2008) Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>. Acesso no dia 15 de Jul de 2020

IBGE. **Divulgação dos Resultados**. (2022). Disponível em: <https://censo2020.ibge.gov.br/etapas/divulgacao-dos-resultados.html>. Acesso no dia 02 de Mar de 2022.

KAUARK, Fabiana da S; MANHÃES, Fernanda C; MEDEIROS, Carlos H; **Metodologia da Pesquisa: um guia prático**. Itabuna, Bahia. Editora Via Litterarum, 2010.

LIMA, Cristina R. **Programas intergeracionais: um estudo sobre as atividades que aproximam as diversas gerações**. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas - Faculdade de Educação, 268 p; 2007.

LIMA, Priscila M. R.; COELHO, Vera L. D.; GÜNTHER, Isolda A. Envolvimento vital: um desafio da velhice. **Geriatrics, Gerontology and Aging**, v.5, p.261-268. 2011.

LOPES, Ewellyne S. L. Relações intergeracionais. In: NERI, Anita L. **Palavras-Chave em Gerontologia**. 3ª Edição. Campinas: Editora Alínea, p. 175-178, 2008.

LOPES, Ewellyne S. L.; PARK, Margareth B. **Representação social de crianças acerca do velho e do envelhecimento**. Estudos de Psicologia, 12(12) 141- 148, 2007.

MAGALHÃES, Livia D. R; **História, memória e geração: remissão inicial a uma discussão político-educacional**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n. 55, p. 94-103, 2014.

MARTINEZ, Yeda L. H. das N; **A visão do jovem manauense do ensino médio sobre a velhice e o envelhecimento**. Dissertação de mestrado em Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 136 p; 2007.

MARTINS, Claudia R. M. **O envelhecer segundo adolescentes, adultos e idosos usuários do SESC Maringá: um estudo de representações sociais**. Dissertação de mestrado em Psicologia da Universidade federal de Santa Catarina, 169 p; 2002.

NEVES, José L; **A pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades**. Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, vol.01, n. 03, p. 01 - 05, 1996.

PASINATO, Maria. T.; CAMARO, Ana A. O envelhecimento populacional na agenda das políticas públicas. In: CAMARANO, Ana A (org). **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2004

PEREIRA, Rafaelly F; FREITAS, Maria C. de; FERREIRA, Márcia de A; **Velhice para os adolescentes: abordagem das representações sociais.** Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn), vol. 67, nº 04, p. 601 – 609, 2014.

OLIVEIRA, Denize C. de; **Análise de conteúdo temático-categorial:** uma proposta de sistematização. Revista de Enfermagem, UERJ, Rio de Janeiro, vol. 16, n. 04, p. 569 - 576, 2008.

OLIVEIRA, José C. P. de; et. als. **O questionário, o formulário e a entrevista como instrumentos de coleta de dados:** vantagens e desvantagens do seu uso na pesquisa de campo em ciências humanas. *In:* Anais do III CONEDU - Congresso nacional de educação, editora Realize, p. 01 - 13, 2016.

SANTOS, Divina de F; **Relações intergeracionais:** palavras que estimulam. Dissertação de mestrado em Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 139 p; 2010.

SILVA, Andressa H; FOSSÁ, Maria I. T; **Análise de conteúdo:** exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. Revista Qualit@s Eletrônica, vol.17. n. 01, p. 01 - 14, 2015.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2011.

TOMIZAKI, Kimi. **Transmitir e herdar:** o estudo dos fenômenos educativos em uma perspectiva intergeracional. Revista Educação & Sociedade, Campinas, vol. 31, n. 111, p. 327-346, 2010.

VIEIRA, Sacha L. Relações intergeracionais: as barreiras da institucionalização. **Revista Temática Kairós Gerontologia**, v.15, n. especial 11, p. 119-133, fev. 2012.

WELLER, Wivian. **A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim.** Revista Sociedade e Estado, vol. 25, n. 02, p. 205 – 224, 2010.

ANEXOS

ANEXO I - Roteiro do questionário

Público-alvo: Estagiários de psicologia

Nº de participantes: todos os participantes da eletiva “Conviver é uma arte” de 2016 a 2020.

Objetivo: identificar as motivações pelas quais os alunos escolheram o estágio; suas vivências; e os desdobramentos profissionais e/ou pessoais advindos desta participação.

1. Como você ficou sabendo do estágio junto à eletiva “Conviver é uma arte”?
2. Quais eram seus objetivos ao escolher esse estágio?
3. Quais foram as experiências mais marcantes para você durante sua participação na eletiva? Cite dois momentos.
4. Ao final do estágio, você acredita que suas expectativas em relação a ele foram atendidas? O que você acha que poderia ter sido diferente?
5. Para as próximas perguntas classifique de 0 a 10 (sendo 0 insatisfatório e 10 plenamente satisfatório)
 - 5.1 Realização dos seus objetivos pessoais junto à eletiva
 - 5.2 Realização dos seus objetivos profissionais
 - 5.3 Temáticas abordadas
 - 5.4 Sua relação com as professoras
 - 5.5 Sua relação com os idosos
 - 5.6 Sua relação com os estudantes da escola
6. E sobre sua profissão, como a eletiva contribuiu com a sua formação em psicologia?
7. E em sua vida pessoal, você consegue mencionar alguma mudança após a participação da eletiva?
8. Hoje, o que é velho para você? O que vem na sua cabeça quando escuta essa palavra?
9. Você gostaria de mencionar alguma coisa que não tenha sido perguntada, uma experiência ou acontecimento que julgue interessante / importante?

ANEXO II - Roteiro da entrevista

Público-alvo: Professoras

Nº de participantes: 02

Objetivo: identificar quais foram as motivações para iniciar a eletiva; suas compreensões sobre a temática envelhecimento; as dificuldades encontradas no percurso e suas vivências; e os desdobramentos profissionais e/ou pessoais advindos desta participação

1. Como surgiu a eletiva “Conviver é uma arte”?
2. Como funcionava a eletiva?
3. Quais foram as experiências mais marcantes para você durante sua participação na eletiva?
4. Você poderia falar um pouco sobre a relação dos idosos com os adolescentes? Como foi acontecendo essa aproximação?
5. Você poderia falar um pouco sobre sua relação com os participantes da eletiva (estagiários, alunos e idosos)?
6. Na sua opinião, ocorreu alguma dificuldade no decorrer da disciplina? Se sim, qual foi a dificuldade?
7. Ao final da disciplina, você acredita que suas expectativas em relação a ela foram atendidas? O que você acha que poderia ter sido diferente?
8. E sobre sua profissão, como a eletiva contribuiu com o seu trabalho e sua formação docente?
9. E em sua vida pessoal, você consegue mencionar alguma mudança após a participação da eletiva?
10. Hoje, o que é velho para você? O que vem na sua cabeça quando escuta essa palavra?
11. Você gostaria de mencionar alguma coisa que não tenha sido perguntada, uma experiência ou acontecimento que julgue interessante / importante?